

# REVISTA DA SEMANA

N.º 37

C r S 2,00 em todo o Brasil

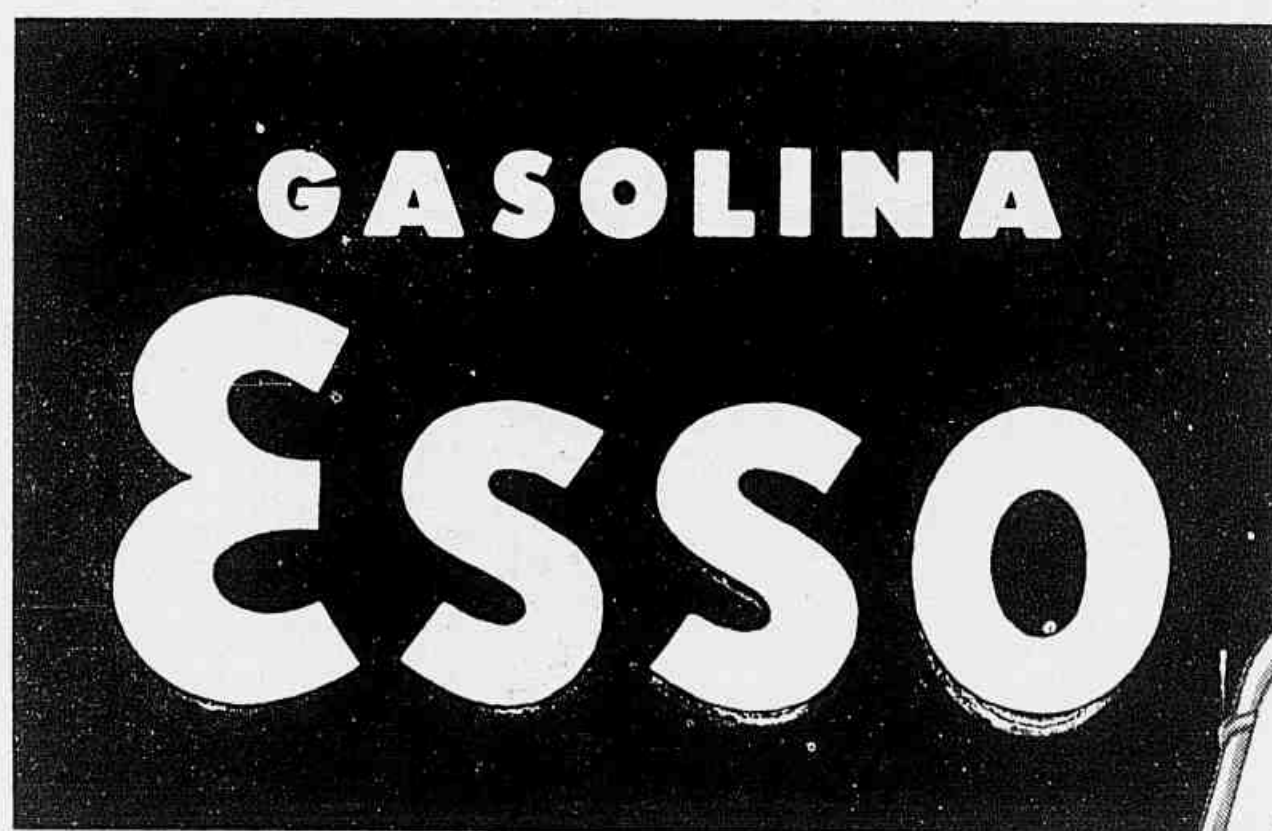
13-9-47





**novο**  
**COMBUSTIVEL**

**novas**  
**QUALIDADES**



**Melhor partida  
e maior força na subida!**

— Outras características de feição revolucionária da Gasolina Esso são o arranque instantâneo e maior potência nas subidas. E também seu maior rendimento torna-a de agora em diante o combustível melhor e mais econômico!

**Maior valor  
anti-detonante!**

— Eis uma propriedade primordial da Gasolina Esso, para eliminar o que geralmente se conhece como "batida" do motor. Este produto, afinal, merece a marca Esso!



**STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL**





A semana iniciou-se tragicamente, com o terrível sinistro da lancha "Feruana", da famosa Frota Carioca, que resolveu apostar corrida com uma das barcas da Cantareira, sem cuidar que, sendo mais frágil, poderia sofrer as perigosas consequências de um atrito. O resultado dessa imprudência, que de novo colocou a Frota Carioca no cartaz trágico da cidade, foram algumas dezenas de mortes e outras tantas de ferimentos, ficando abarrotado o Pronto Socorro do Rio e a Assistência de Niterói. E' esse o terceiro sinistro da sinistra Frota Carioca, que parece ter entrado em sociedade com o monopólio funerário do Rio de Janeiro com o propósito de aumentar-lhe os negócios... Chega a causar verdadeira revolta tamanha irresponsabilidade! E por isso mesmo o povo de Niterói tentou destruir a estação da Frota Carioca, só sendo contido pela intervenção oportuna da polícia... A polícia, que não tem andado muito alerta em relação às atividades do amigo do alheio, merece, entretanto, aplausos pelas medidas contra os batizadores do leite... Através da Delegacia da Economia Popular (ah, se todas fossem assim vigilantes!) foram encavados estes cavalheiros que, por sua vez, abusavam do encanamento e das torneiras para aumentar o leite que vendiam: Joaquim Pinto, português, proprietário da Leitaria Laticínios São José, situada na rua do Catete n. 39; Manuel José Gomes Ribeiro, português, proprietário de uma carrocinha, detido na rua Benjamin Constant, em frente ao n. 114; Iranil da Silva Dias, leiteiro ambulante, preso na rua da Passagem em frente ao n. 127; José Linhares Dias, português, proprietário da leitaria situada na rua Sorocaba, n. 662, detido no seu estabelecimento; Arnaldo Gonçalves Clemente, português, proprietário do Café Progresso, sito na rua Barata Ribeiro, 218; Abílio da Silva, português, leiteiro ambulante, detido na Avenida N. S. Copacabana, em frente ao n. 602, e Albino Augusto Alves, português, sócio da firma Café, Bar e Leitaria "D. Afonso", sita na rua Humaitá n. 90. E dizem que os portugueses são inimigos da água! Também foi preso em flagrante o açougueiro Fernando Rocha Coelho, proprietário do Açougue Quicê, em Copacabana, quando cobrava a vinte cruzellos o quilo de carne verde! Chegou da Argentina o ator Odilon de Azevedo, que se destacou, brilhantemente, naquele país, representando várias peças, em excursão, ao lado da grande atriz espanhola Antonia Herrero. Por falar em teatro: foi brilhantíssima a festa artística em benefício do Retiro dos Artistas, segunda-feira passada, no Recreio, com Dulcina, Procópio, Morineau, Oscarito, etc. Procópio, que está dando com grande êxito a comédia de Somerset Maugham, "Lição de Felicidade", fez com Dulcina uma cena de "Cirano de Bergerac", conquistando com sua "partenaire" muitos aplausos. O cantor João Petra de Barros, que perdeu um pé, num acidente automobilístico, tendo abandonado o microfone, desgostoso com essa mutilação, tentou suicidar-se, ingerindo entorpecentes e sendo levado para o Pronto Socorro em estado gravíssimo. O "Correio da Manhã", de domingo reclamava contra os sete fôlegos do Departamento Nacional do Café, que, apesar de extinto, depois de haver atuado calamitosamente durante o famigerado Estado Novo, ainda continua vivo na rua da Silva e boiando, — e a esse respeito escreve o matutino da avenida Gomes Freire: "O governo, que eliminou formalisticamente a autarquia mais perniciosa que temos alimentado em nosso campo econômico, precisa tomar uma resolução a respeito da extinção de fato do Departamento, procurando antes resolver, de conformidade com os altos interesses da economia cafeeira do país, a equação dos estoques em poder do mesmo. O que se impõe, porém, é que o nocivo aparelho, que já causou ao país uma série considerável de malefícios, seja realmente liquidado e desapareça para sempre. Nem seria honesto admitir que essa entidade nefasta sobrevivesse a si mesma, só para expedir regulamentos de embarques e... pagar pingues subsídios aos que lhe ministram injeções de óleo conforado. Além de perigoso, muito caro!". O PSD de São Paulo conseguiu alijar ao mesmo tempo os srs. Cirilo Junior e Novelli Junior, que ambicionavam a vice-presidência do grande Estado, fixando-se no sr. Gastão Vidigal, um candidato que é, além do mais, amigo íntimo do sr. Adhemar de Barros. Na Inglaterra, o "premier" interino, sr. Herbert Morrison, do Partido Trabalhista (Socialista), fez um corajoso desafio aos conservadores, para que ou apresentem uma fórmula melhor do que a socialista para a solução da crise nacional inglesa ou que callem a boca e deixem de debater a tóia... Num judicioso artigo intitulado "O réu promovido a juiz", o sr. Joel Silveira lembra a infelicidade da atitude do sr. Nereu Ramos, impondo a escolha do sr. Filinto Muller para a vaga do sr. Clodomir Cardoso, na Comissão de Justiça do Senado. Dizendo que isso é coisa de arrepiar os cabelos, o cronista político do "Diário de Notícias" lembra a existência, na Câmara, de uma comissão parlamentar de investigações dos crimes policiais da ditadura, figurando na maioria dos depoimentos o nome do sr. Filinto Muller como co-réu... No "Correio da Manhã", a propósito da morte do toureiro Manolete, o sr. Costa Rego, derrotado nas eleições para senador pelo general Góes Monteiro, diz que prefere os toureiros aos generais. E dá suas razões em um longo artigo. Pudera! No Brasil, não há toureiros e, muito menos, toureiros senadores... O prefeito Mendes de Moraes resolveu abrir concorrência pública para a concorrência do túnel entre Catumbi e Laranjeiras. Idem para aluguel da garagem da Esplanada do Castelo, sob o monumento a Rio Branco. O Congresso Americano organizou um panfleto para denunciar tendências fascistas nos Estados Unidos. E esse panfleto diz, entre outras coisas, que, onde desaparece a liberdade de imprensa, de palavra, reunião, e cuido, aí está presente o fascismo. Para terminar, um escândalo político que vem de Belo Horizonte, a capital das coisas incríveis: O sr. Ribeiro Pena enviou com data de 1 do corrente às autoridades de Minas Gerais o seguinte ofício: "Tenho a honra de comunicar a V. Ex. que nesta data tomei posse do cargo de vice-governador de Minas Gerais. Preveleço-me da oportunidade para reafirmar os meus sentimentos de elevada estima e consideração. (a.) Ribeiro Pena." Nesse ofício o sr. Pedro Aleixo, secretário do Interior do governo mineiro, após o seguinte despacho: "Arquive-se. E' muito ousado em falar tenho honra quem proutivo ser destituído deste sentimento ao praticar o ato que comunica haver praticado. (a.) Pedro Aleixo, Belo Horizonte, 6 de setembro de 1947." O que aí está saiu na célebre coluna de Carlos Lacerda, no "Correio da Manhã". Por hoje, chega. Até outro dia!

## Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

**Regulador Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, pêso, dôres e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

**Regulador Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**.

## CARTAS À REDAÇÃO

### PÂNICO NO MERCADO DE SÊLOS

A propósito da reportagem que publicamos sob aquele título, damos hoje guarida a uma carta da Filatelia Suiço-Americana e da Filatelia Ariró, consoante a nossa praxe, de não negar espaço aos que nos solicitam retificações, — e o fazemos especialmente por acreditarmos na absoluta boa fé do nosso repórter, que, nem nesse, nem noutros casos, tem agido com o espírito faccioso que lhe atribuem os missivistas. Aqui vai, sem outros comentários, a referida missiva:

"Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1947. — Ilmo. Sr. Redator-Chefe da "REVISTA DA SEMANA" — Nesta. — Prezados Senhor Redator: Referindo-nos ao artigo "Pânico no Mercado de Sêlos", publicado no n.º 33 de sua muito apreciada "REVISTA DA SEMANA", cumpre-nos salientar que, por um malentendido do autor daquela reportagem, Sr. Ney Machado, conteve ela muitos equívocos e inexactidões que provocaram, consequentemente e com razão, reiterados protestos por parte dos filatelistas. Nestas condições, como um dos diretos interessados, solicitamos a V. S. a gentileza de fazer constar no próximo número da Revista, as seguintes considerações:

Recebemos, a 25 de Junho último, a visita de dois representantes da "REVISTA DA SEMANA" em nossos escritórios, os quais nos solicitaram com o fim de uma reportagem de divulgação e propaganda, em elaboração, alguns esclarecimentos sobre a filatelia e que lhes fosse mostrada a coleção "Pericles Silveira" por nós recentemente adquirida. Atendendo-os prazerosamente, assistimo-los no que nos foi possível, apresentando-nos inclusive algumas fotografias. Ao sermos interpelados sobre qual seria a maior coleção do Brasil, respondemos considerarmos a de propriedade do Sr. Fonseca Hermes, cujo valor sabíamos alcançar Cr\$ 2.500.000,00. Nada mais foi dito com atenção e nem tão pouco mencionado estar a coleção à venda e nos ter sido oferecida. Aliás, é oportuno ressaltar que, se assim fosse, nos sentiríamos imensamente felizes em sermos possuidores ou mesmo encarregados da venda de uma tão interessante e preciosa coleção de selos do Brasil.

Para terminar, a informação de que existe baixa no mercado havendo inclusive o pânico, é inteiramente inverossímil já para não dizer faccioso, considerando-se o pouco ou nenhum conhecimento que tem do assunto o autor da reportagem. Neste sentido como um libelo flagrante, podemos citar o nosso "catálogo de selos do Brasil" — ed. 1948, atualmente no prelo, cujos preços em geral sofreram um aumento de 20-30%, o que implica no mercado do selo que, se há alta não pode haver pânico. Sr. Redator: o que implica na equidade dessa Revista, de todos conhecida, sentimo-nos inteiramente à vontade para solicitar de V. S. com relação ao artigo em apreço, as retificações pertinentes ao que acabamos de expor. Outrossim, queremos lembrar a V. S. da oportunidade de ser a mesma publicada com a maior presteza possível, dado aos prejuízos morais e materiais que nos tem advindo e que nos advirão por quanto maior tempo for ela adiada.

Certos, porém, de que seremos atendidos com a presteza que lhe é peculiar, antecipamos-lhe os nossos agradecimentos e, no ensejo, apresentamos-lhe os nossos protestos de elevada estima e consideração, firmando-nos — Atenciosamente, F. Schiffer & Cia. Ltda. Filatelia Ariró."

**O PINCE-NEZ**

OFICINA DE 1.ª ORDEM. AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

**DE OURO**

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES.

**OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNS**

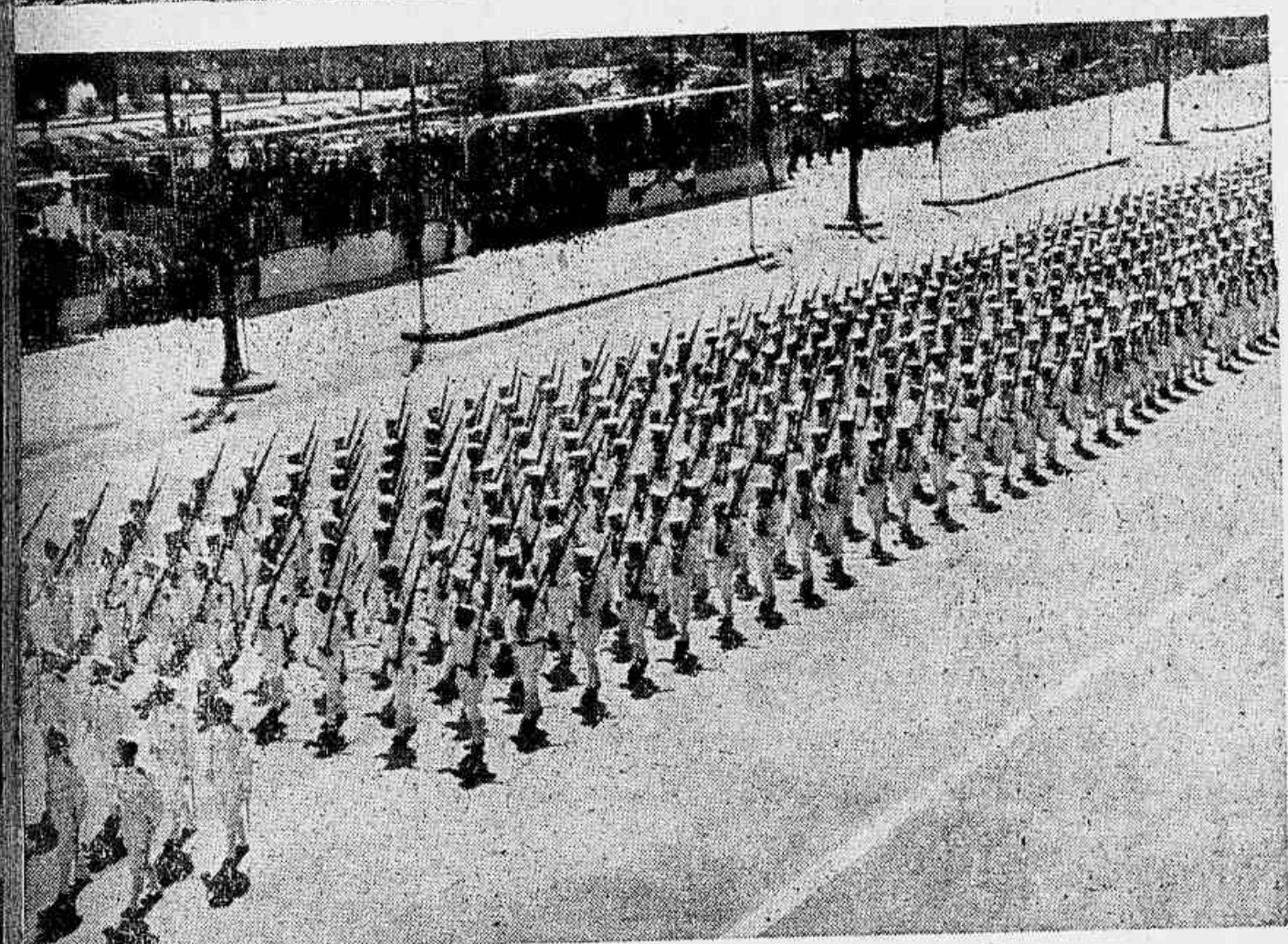
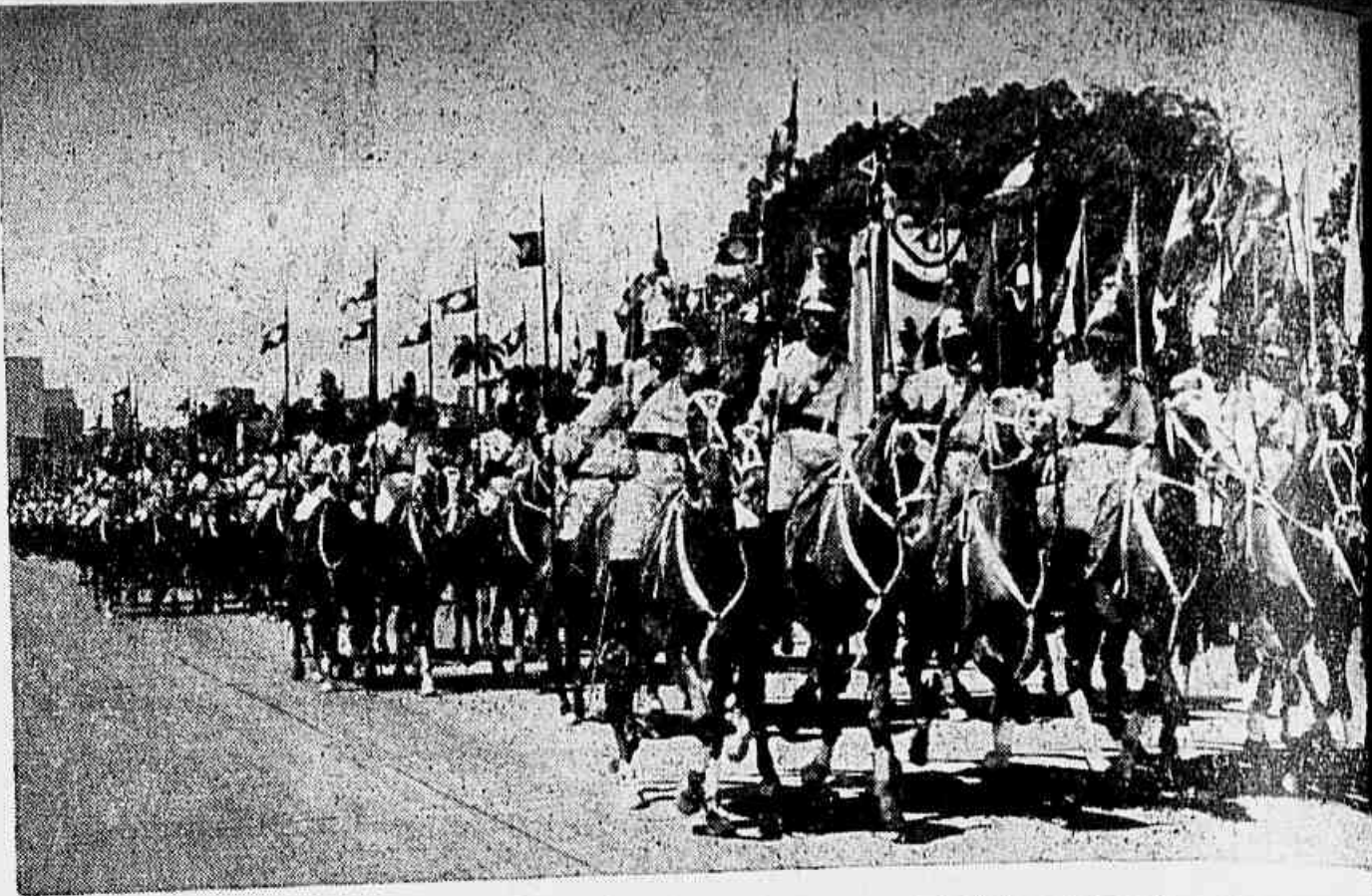
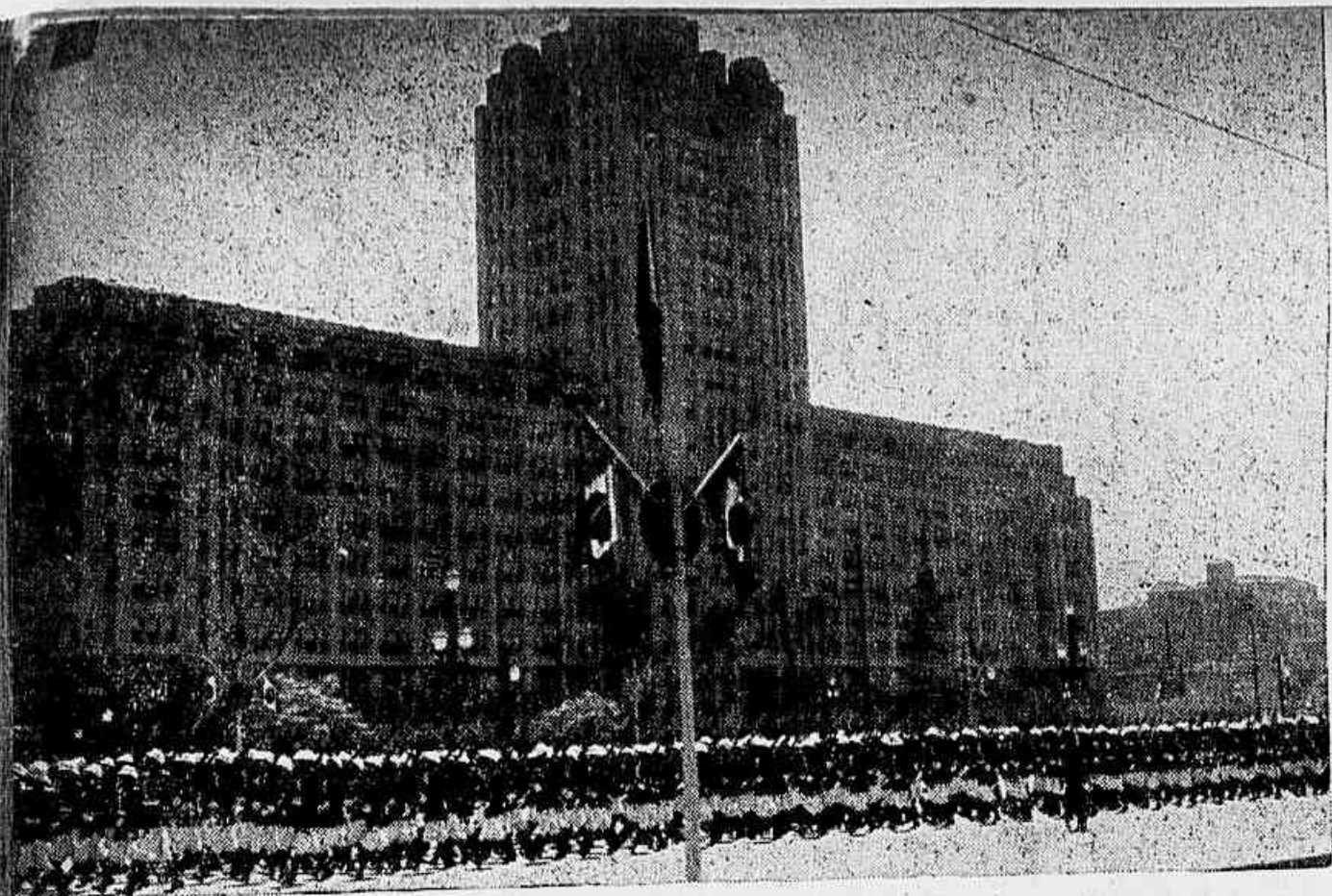
R. CARIOCA N.º 28

**Foalheria**

**LUIS R. RICART**

TEL. 22-4690 — RIO









O presidente Truman, ao lado do presidente Dutra e de outras altas personalidades civis e militares, na tribuna de honra, passando em revista as tropas que tomaram parte no grande espetáculo de garbo militar, que foi a parada de Sete de Setembro.

# A GRANDE PARADA DO DIA DA PÁTRIA

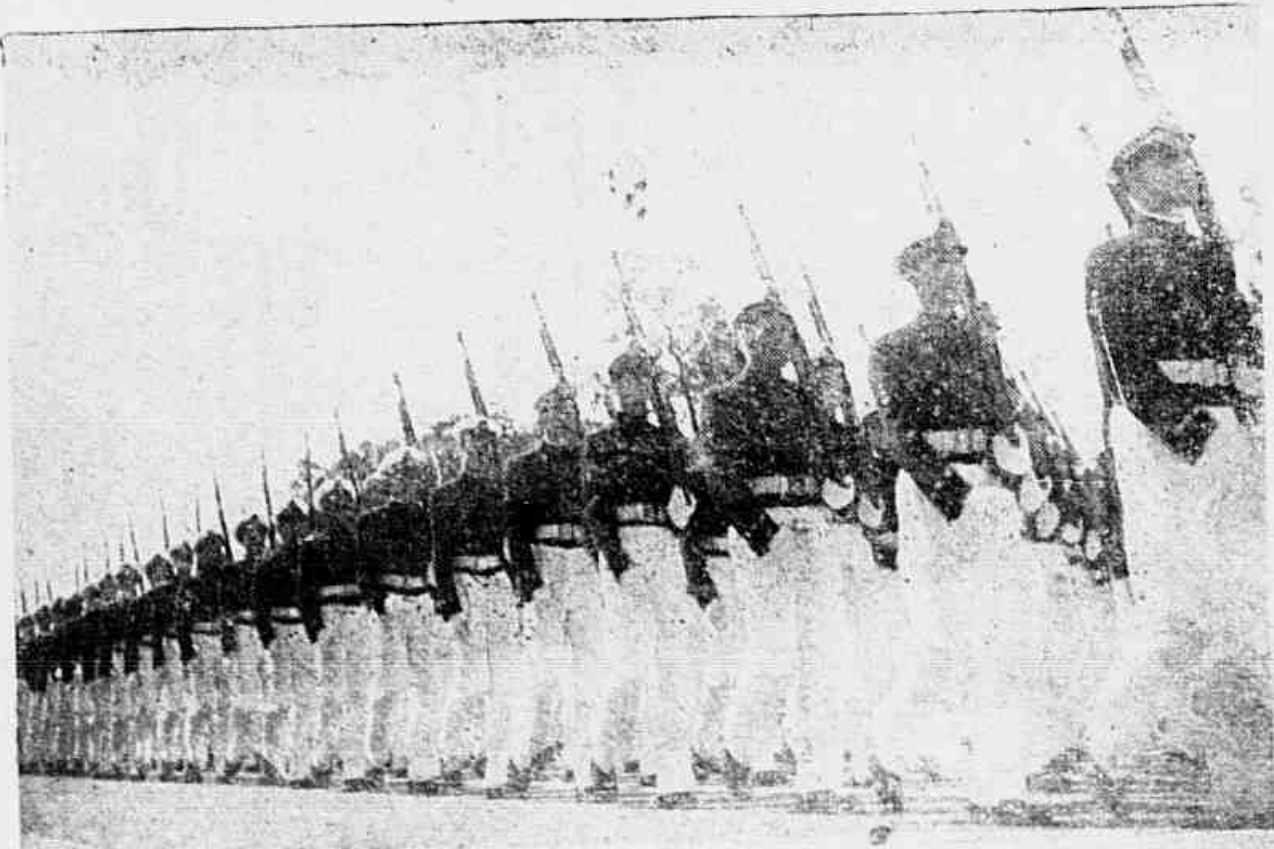
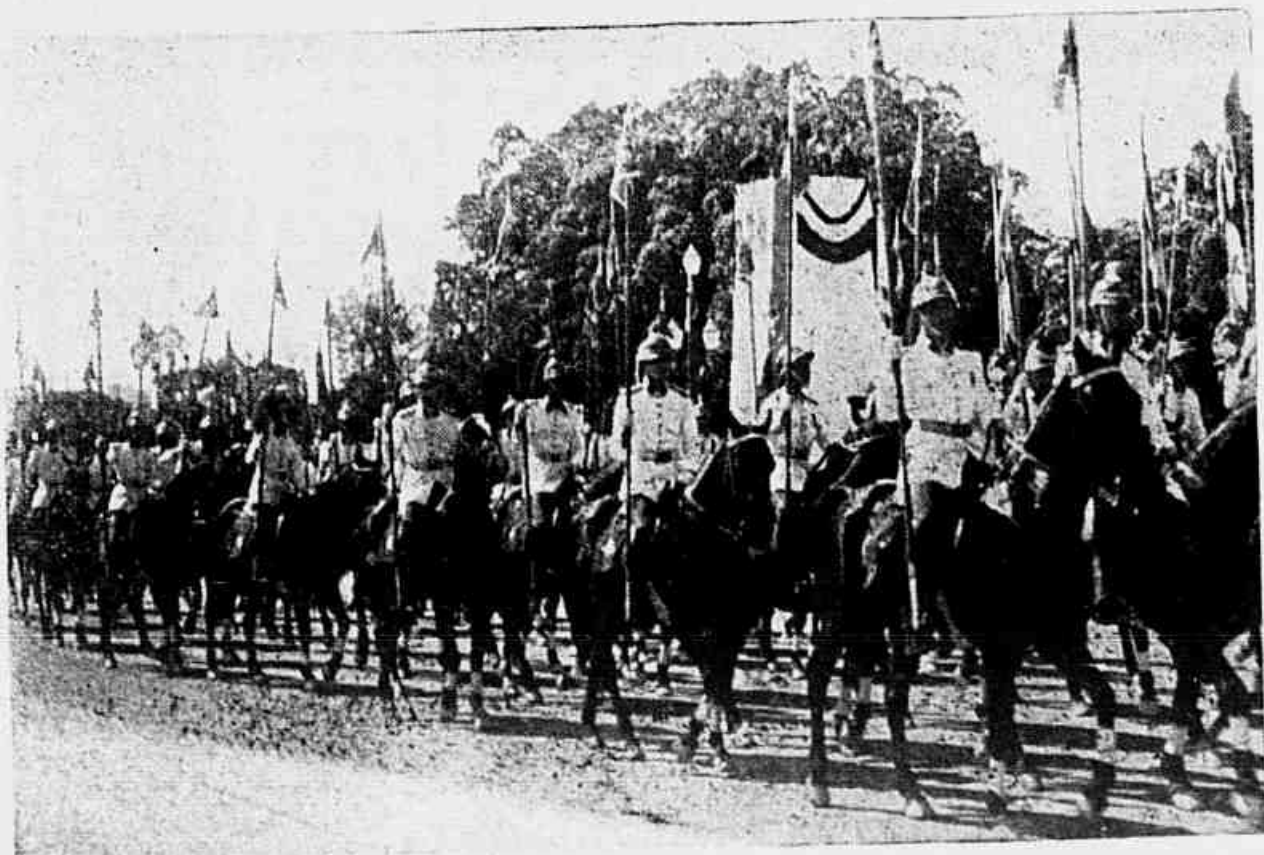
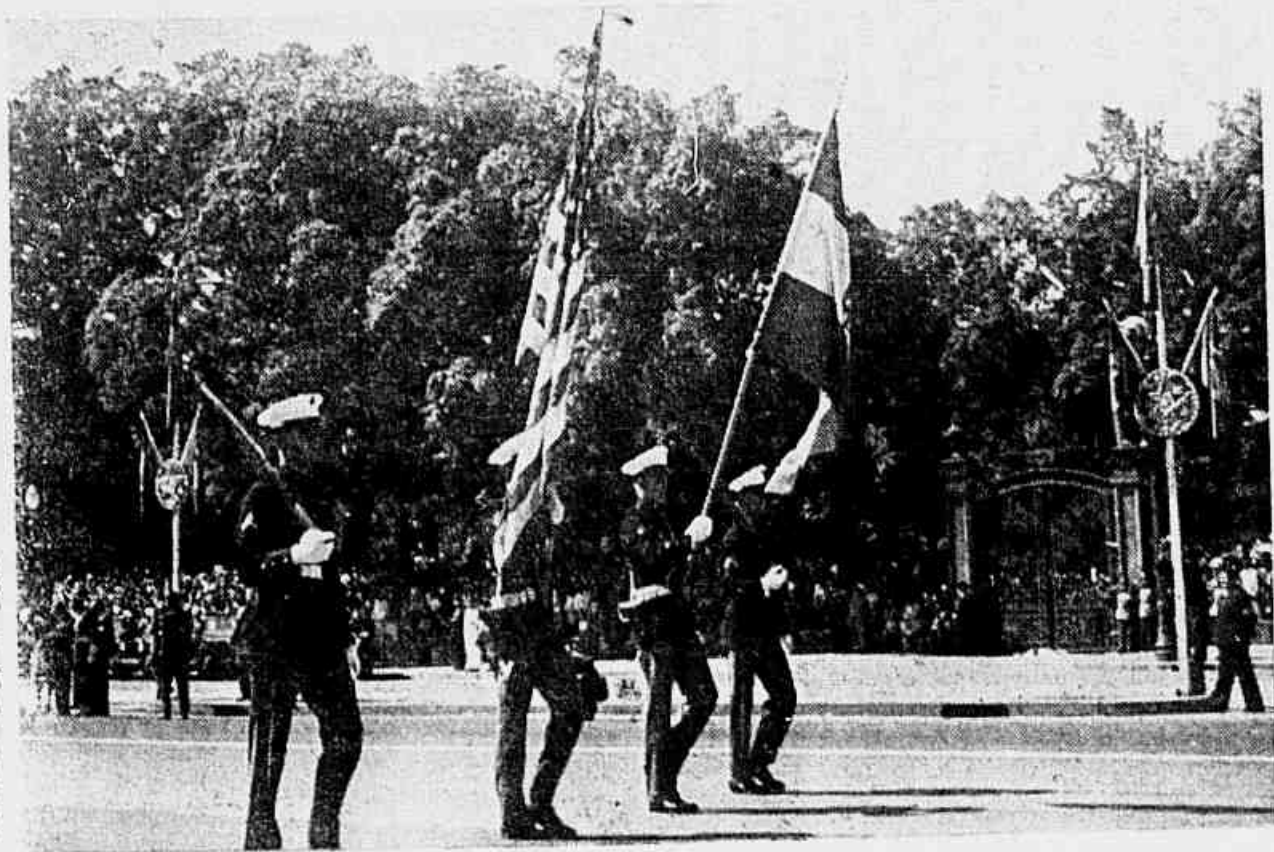
**A**BERTA por um batalhão de marujos norte-americanos do encouraçado "Missouri", foi imponentíssimo o desfile militar, compreendendo unidades de terra, mar e ar, no total de 35.000 homens, que se realizou no Rio, no domingo passado, 7 de Setembro, em comemoração do "Dia da Pátria" (125.º aniversário de nossa independência). Numa tribuna de honra, o presidente visitante, sr. Harry S. Truman, dos Estados Unidos, e o chefe do governo brasileiro, presidente Eurico Gaspar Dutra, ladeados por ilustres convidados civis e militares, presidiram ao imponente desfile, admirando o garbo das

## O ÚLTIMO ATO PÚBLICO DO PRESIDENTE TRUMAN, NO RIO, FOI ASSISTIR AO GRANDE DESFILE MILITAR

tropas que, sob o comando geral do general Zenóbio da Costa, participaram da esplêndida demonstração de preparo e disciplina dos nossos soldados, demonstração que arrancou os mais vivos aplausos da incalculável massa

popular que se congregou nas ruas centrais da cidade. Esse acontecimento constituiu, ao mesmo tempo, um elevado e merecido preito cívico aos fundadores da nossa nacionalidade e um tributo da simpatia brasileira ao presidente norte-americano, que assim encerrou sua permanência no nosso país, embarcando logo em seguida no "Missouri" com destino aos Estados Unidos. Há muitos anos não se realizava no Rio de Janeiro uma parada tão empolgante, quer pelo número das tropas que desfilarão, como pelo entusiasmo popular, estimulado por uma bela e alacre manhã de sol.

Na página à esquerda e em baixo: flagrantes colhidos durante a grande parada do "Dia da Pátria", pelos fotógrafos de "Revista da Semana", nas quais aparecem, em ordem de marcha, algumas das unidades que mais se distinguiram.





# A VISITA DE TRUMAN AO BRASIL

TEVE GRANDE REPERCUSSÃO INTERNACIONAL ESSE ACONTECIMENTO E FOI COMENTADO EM TODOS OS CONTINENTES O DISCURSO DO ILUSTRE ESTADISTA, ENCERRANDO A CONFERÊNCIA INTER-AMERICANA DE PETRÓPOLIS

**D**E segunda-feira, 1.º de setembro, até domingo passado, foi hóspede de nosso país o ilustre chefe de governo norte-americano, sr. Harry S. Truman, que, como vice-presidente eleito, sucedeu, na Casa Branca, ao presidente Roosevelt, morto em plena guerra, de fadiga e "surmenage", em meio do seu último período de governo. O sr. Harry S. Truman foi festivamente recebido pelo povo carioca, que lhe tributou expressivos testemunhos de apreço, e pelas figuras representativas do nosso mundo oficial, tendo à frente o presidente Eurico Gaspar Dutra, que lhe deu as boas vindas no desembarcadouro da praça Mauá, para onde o conduziu um navio da Marinha de Guerra que fôra buscá-lo no aeroporto do Galeão. Viajando em potente avião militar, o presidente dos Estados Unidos trouxe, em sua companhia, sua esposa e sua filha, a jovem cantora lírica Margaret Truman. Ovação ao atravessar as ruas centrais da cidade, o presidente Truman, no mesmo dia do seu desembarque, vi-

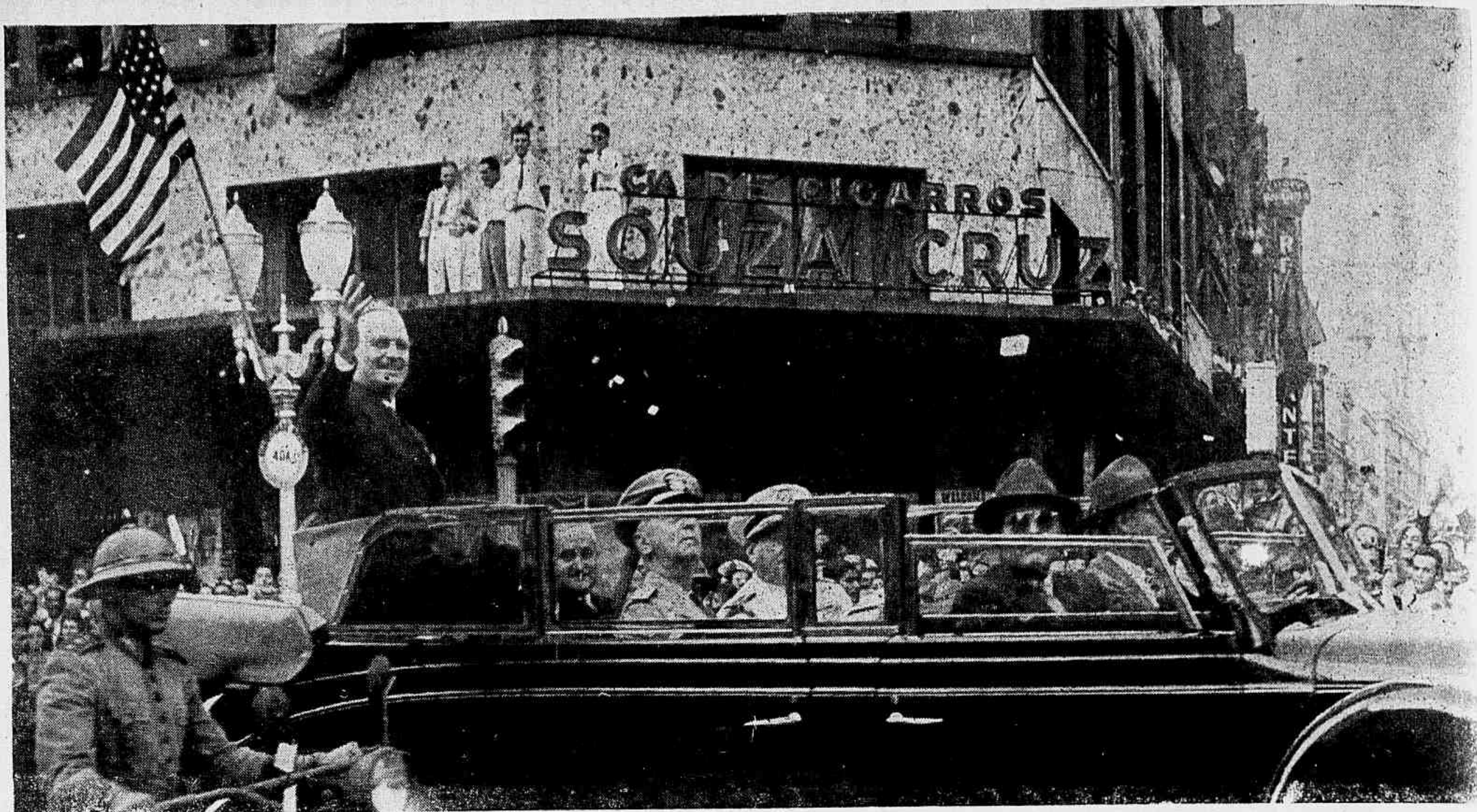
Em cima: o presidente dos Estados Unidos, sr. Harry S. Truman, quando era recebido pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, no desembarcadouro da Praça Mauá. Em baixo: a senhora Harry S. Truman, esposa do presidente dos Estados Unidos, e sua filha, senhorita Margaret Truman, em companhia da senhora Carmela Dutra, esposa do chefe do governo do Brasil. Na página ao lado: aspecto da Avenida Rio Branco, colhido no momento em que, através dessa artéria, desfilava o cortejo presidencial. (Foto de Artonio Gasparino).











stão o presidente da República, no Palácio do Catete, — e, no dia seguinte, pela manhã, foi a Petrópolis, onde encerrou a Conferência Inter-Americana de Paz e Segurança, com um discurso que teve ampla repercussão internacional. Foi uma solenidade de excepcional relevo, por isso mesmo, o encerramento do grande conclave. Nesse discurso, declarou o sr. Truman que o fundamento da política dos Estados Unidos é o desejo de paz permanente, não só nas Américas, mas em todo o mundo. E disse que está certo de que, com seus amigos do hemisfério, os Estados Unidos conseguirão esse objetivo.

Acrescentou que essa determinação surge da crença do povo americano no princípio de que existem direitos humanos básicos e de que todos os indivíduos onde quer

Em cima: o presidente Harry S. Truman ergue-se no automóvel, para corresponder às aclamações populares, no cruzamento da Avenida Rio Branco com a rua Sete de Setembro.

que estejam devem fruí-los. A humanidade pode gozar desses direitos — o direito à própria vida e o direito de compartilhar inteiramente das recompensas da civiliza-

Em baixo: o presidente Truman e o presidente Dutra atravessando a Avenida Rio Branco, em automóvel aberto, enquanto das sacadas caía uma verdadeira chuva de papel picado.

ção moderna — somente quando a ameaça de guerra tiver desaparecido para sempre.

Asseverou que a obtenção do respeito mundial pelos direitos humanos essenciais é sinônimo da obtenção da paz no mundo. Os povos da terra almejam um mundo pacífico, um mundo próspero, e um mundo livre, e quando os direitos básicos dos homens em toda parte forem observados e respeitados, tal mundo existirá.

Disse saber que nos corações dos povos do globo palpita um desejo de estabilidade e condições seguras, pelas quais os homens podem obter segurança individual e uma vida decente para si e seus filhos. Que existem aspirações para uma vida melhor e mais elevada, o que é comum em toda a humanidade. E que o mundo inteiro







sabe que essas aspirações nunca foram promovidas por políticas de agressão.

Afirmou que os Estados Unidos prosseguirão a jornada pela paz com persistência não inferior e com determinação não mais reduzida do que as que possuíam durante a jornada pela vitória militar.

Quanto ao papel do nosso continente, disse o presidente Truman que o Hemisfério Ocidental não poderá, sozinho, assegurar a paz ao mundo, mas sem o Hemisfério Ocidental não se conseguirá a paz. "O nosso hemisfério não poderá, sozinho, dar prosperidade ao mundo, mas sem o nosso hemisfério não se conseguirá restaurar economicamente o mundo."

Quanto aos problemas econômicos comuns às nações das Américas do Norte e do Sul, disse ser sabido, há tempos, que muito está ainda por fazer. "Ao procurar alcançar uma solução, há muitos assuntos para serem discutidos entre nós. Temos sido obrigados, ao considerar essas questões, a fazer uma diferença entre a necessidade urgente para reabilitação de zonas abatidas pela guerra e os problemas de desenvolvimento em outras partes. Os problemas de países deste hemisfério são de

Em cima: um flagrante colhido durante a recepção ao presidente Truman. Ao braço do presidente Dutra, aparece a senhora Truman. Ao braço do presidente Truman aparece a esposa do deputado Novelli Junior e filha do chefe do governo brasileiro.

natureza diversa e não podem ser solucionados pelos mesmos meios e aproximações que os problemas da Europa. Aqui, a necessidade é de uma colaboração econômica de longo curso. E' este um tipo de colaboração, na qual uma parte muito maior recai sobre cidadãos e grupos, do que no caso do programa delineado para ajudar os países europeus a se reabilitarem da destruição da guerra". Disse que podia assegurar solenemente, que "em Washington não estamos alheios às necessidades de uma colaboração econômica mais estreita dentro da família das nações americanas e que estes problemas serão por

Em baixo: flagrante do banquete no Itamaraty, vendonior e o vice-presidente da República, sr. Nereu Ramos, presidente Eurico Gaspar Dutra, a senhora Novelli Junior e o vice-presidente da República, sr. Nereu Ramos

nós abordados, com a máxima boa fé e com vigor intenso, no próximo futuro."

A oração do presidente Truman foi calorosamente aplaudida e comentada com amplos elogios pela imprensa brasileira, americana e, em geral, de todo o continente. No dia seguinte, reafirmou o presidente Truman esses conceitos, em almoço oferecido ao presidente Dutra, aos delegados à Conferência e aos nossos congressistas, a bordo do encouraçado "Missouri", — o mesmo em que foi assinada a rendição militar do Japão, diante do general Douglas MacArthur, e cuja guarnição veio participar da parada de Sete de Setembro.

Homenageado com um jantar no Catete, com uma recepção no Itamaraty e com uma sessão do Congresso Nacional, no edifício da Câmara dos Deputados, o presidente Truman compareceu à parada comemorativa da nossa independência e, domingo mesmo, embarcou de regresso aos Estados Unidos, tendo deixado no coração do povo brasileiro a mais grata das impressões.

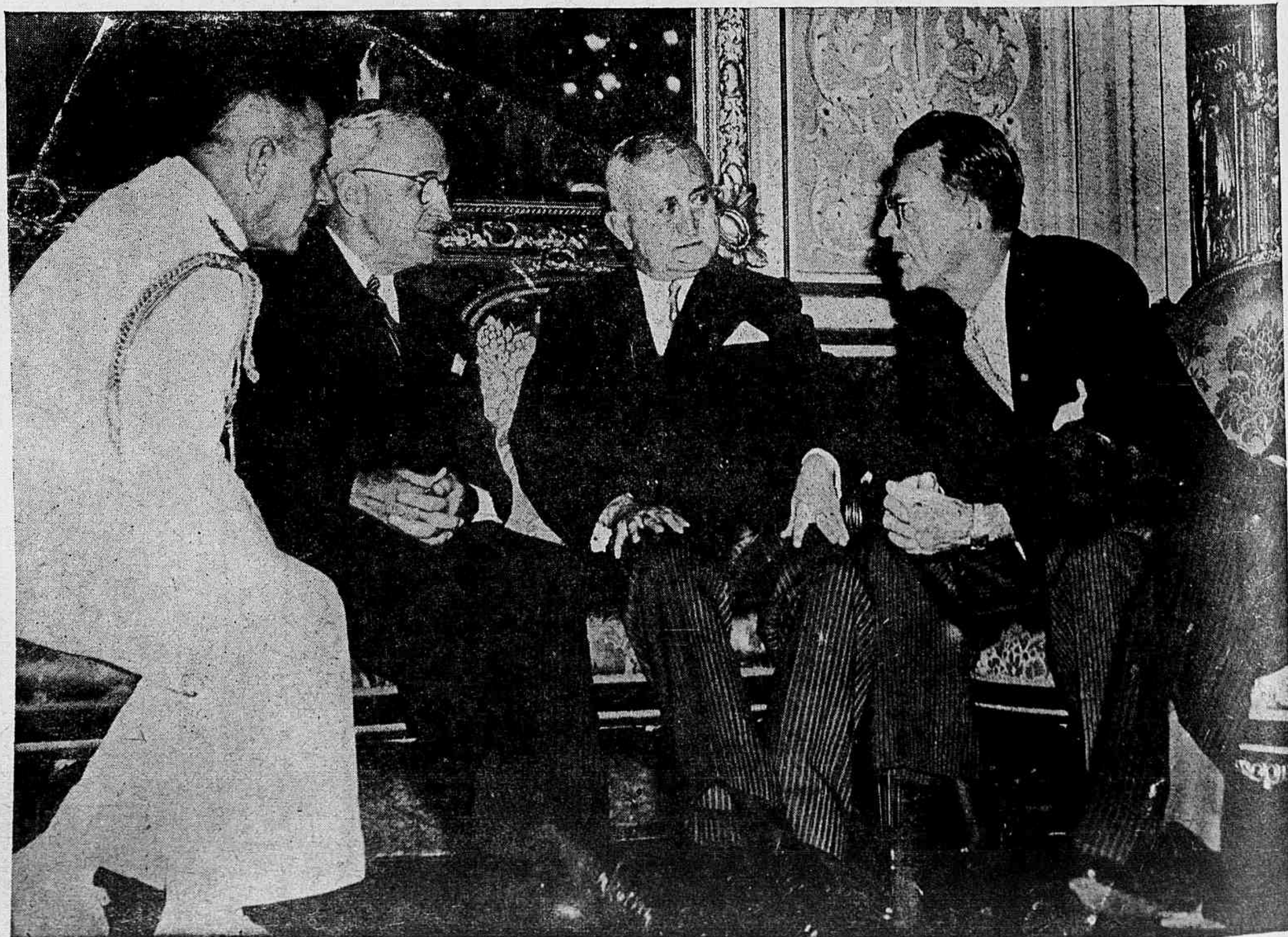
A visita de Truman ao nosso país constitui, na verdade, mais um marco significativo nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos.







Em cima: os presidentes Truman e Dutra, o secretário de Estado George Marshall, o embaixador William Pawley e outras personalidades ouvem os hinos dos Estados Unidos e do Brasil, pela banda militar do encouraçado em que foi assinada a histórica rendição militar do Japão. Em baixo: o presidente Truman em visita ao chefe do governo brasileiro, em companhia do embaixador Pawley e do almirante William D. Leahy. Na página à direita: o presidente dos Estados Unidos da América do Norte, sr. Harry S. Truman, quando encerrava a histórica Conferência Inter-americana de Petrópolis, com o memorável discurso que logrou tão ampla repercussão internacional.





Uni-  
go-  
Corte,  
onal.

on







Este é o passo "elevador" de "Astaire", que Fred executa com Pan Leslie, uma das belas instrutoras do estúdio. Na página à direita: Fred Astaire mostrando a seus instrutores um dos passos do "Astaire", o novo "fox-trot" de salão. — Louise Holden, uma das encantadoras instrutoras dos "Estúdios de Dança Astaire", recebendo uma aula pessoal do mestre.

# FRED ASTAIRE, PROFESSOR DE DANÇA

Nova York — setembro — Há alguns anos atrás muita gente estava cantando "Arthur Murray Ensinou-me a Dançar"; mas em alguns meses, no entanto, o nome da melodia passará a "Fred Astaire Ensinou-me a Dançar", pois o prodigioso dançarino do cinema acaba de fundar uma escola de danças. Fred Astaire abandonou sua carreira na tela para espalhar por todos os Estados Unidos uma cadeia de academias de dança. A primeira delas foi em Nova York, na Park Avenue. E Fred Astaire não teve dó de sua caderneta de cheques. Nada menos de 500.000 dólares custaram as instalações do moderno estúdio, em decorações, arranjos arquitetônicos, e diversas inovações que farão do seu método de ensino um dos mais populares do país. Desde o instante em que entra no moderno estúdio, o aluno se vê diante de uma fachada arquitetônica: acha-se como *partner* de Fred, por meio de um perfeito sistema de espelhos.

Os estúdios foram construídos para uma perfeita acústica; forrados de modo a impedir que sons de fora atrapalhem os alunos. Armações móveis dividem o salão principal em compartimentos isolados. Iluminação e acondicionamento de ar de novo tipo tornam o aprendizado agradável e divertido. A transmissão musical para os estúdios isolados foi idealizada especialmente para a academia de Fred Astaire. Um sistema de controle automático transmite diferentes seleções musicais para ilustrar os vários ritmos ministrados na escola. Para ter a música, o instrutor simplesmente torce um botão, como num rádio-

**AFASTADO DO CINEMA E DO TEATRO, O FAMOSO COMEDIANTE TEM CENTENAS DE ALUNOS, DE CUJO MEIO HÃO DE SAIR SEUS SUCESSORES FUTUROS — MEIO MILHÃO DE DÓLARES CUSTARAM AS INSTALAÇÕES DE SUA "ACADEMIA" — OUTRAS VIRÃO, DEPOIS — CAPITALIZANDO A FAMA ARTÍSTICA PARA LEVAR UMA VIDA MAIS CALMA**

Por ABNER E. KOHN

(Fotos da KEYSTONE PRESS AGENCY) (Exclusividade da "REVISTA DA SEMANA")

Através de uma centena de instrutores selecionados, Fred Astaire pretende ensinar ao povo americano como dançar no seu estilo mole, rítmico. Aqui vemos Fred dando instruções a alguns dos professores da escola.



receptor, e escolhe depois no dial a melodia conveniente.

As principais danças programadas são o "Astaire fox-trot", rumba, samba, o "lindy", a "Adele valsa", em homenagem à irmã e *ex-partner* de Fred, e a "Astaire", especialmente criada pelo mestre-dançarino. Foi escrita uma canção com o mesmo título por Cy Walters. O sucesso dela será de grande importância para Fred. Ele espera que este ano imperem nos salões os passos fáceis, cheios de ritmo da nova dança.

Embora Fred Astaire tenha deixado as telas, não perdeu de todo o contacto com o grande veículo da sua fama. Os estúdios receberão os nomes de muitos dos seus antigos *partners*, tais como Ginger Rogers, Adele Astaire, Rita Hayworth, Joan Leslie, Gene Kelly, George Murphy, Joan Crawford e Bing Crosby. Depois virão outros trazendo os nomes das suas principais películas, como "Blue Skies" (sua última), "Flying Down To Rio" (sua primeira), "Top Hat", "Holiday Inn" e "Gay Divorcee".

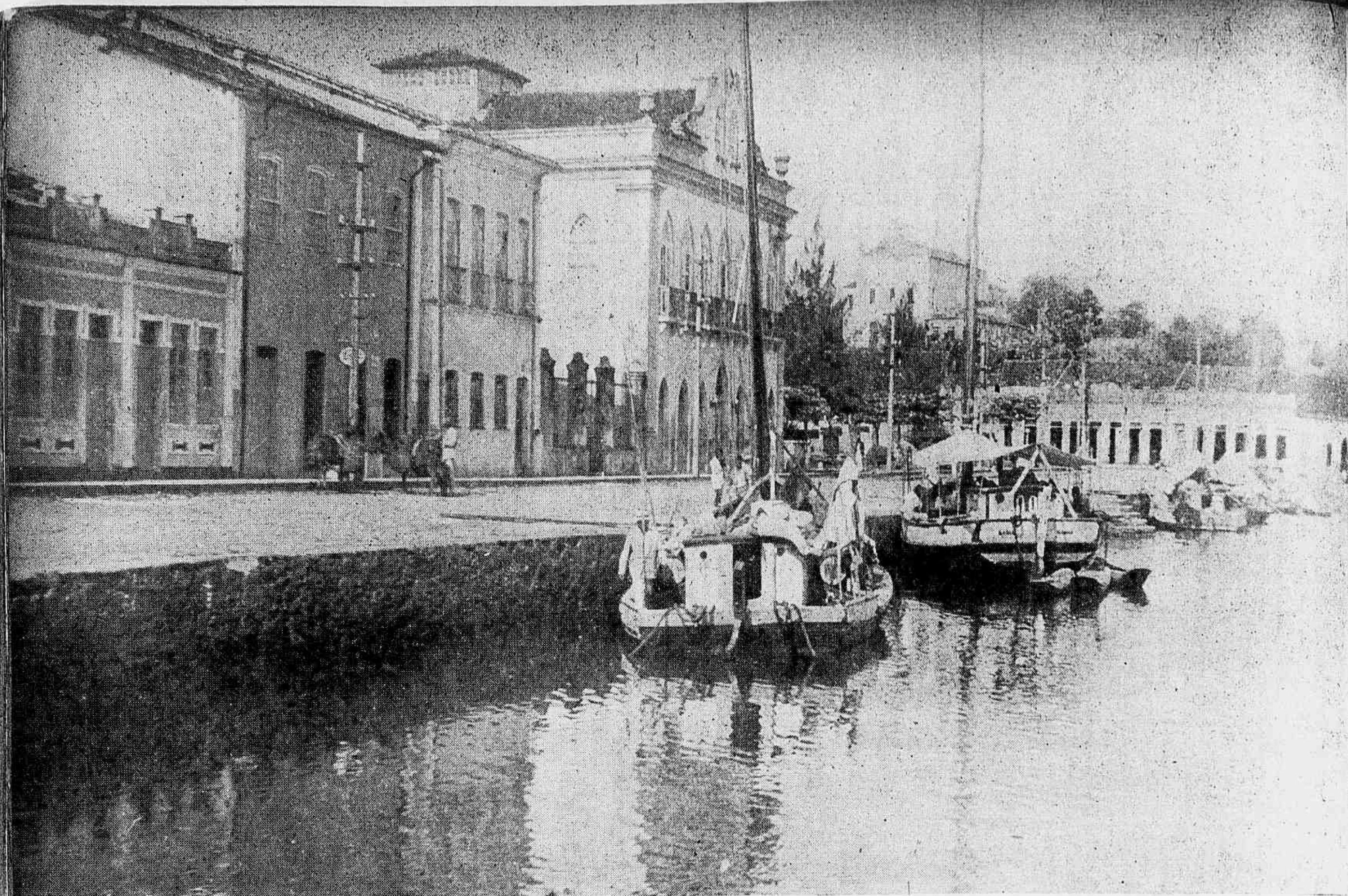
Dos mil rapazes e moças que se inscreveram para instrutores dos estúdios de Fred Astaire, apenas cem foram selecionados. Os escolhidos, passarão por um rigoroso treinamento de oito semanas, pessoalmente dirigidos por Fred. Os dotes necessários aos instrutores de Fred são os seguintes: experiência de dança e ensino, educação, personalidade, habilidades gerais e perfeita aparência. Cada um aprendeu a dançar o "Astaire", que será uma característica da escola.

O estúdio da Park Avenue é apenas o primeiro. Muitos outros deverão ser instalados nas grandes cidades e depois mesmo nas pequenas, que ainda não têm escolas de dança. Charles L. Casanave, o gerente-geral, proclama que "os estúdios Astaire originarão um maior amor pela dança, encorajando os leigos a aprender e os amadores a adquirir a boa técnica".









Os casarões da beira d'água com o pedaço de cais; depois a pracinha da Recreativa.

# VALENÇA DOS MEUS AMORES

**Q**UANDO todos cantam a Bahia, em música de samba ou histórias de Xangô, não é demais que eu também queira trazer para o coro da louvação a minha debil voz, tangendo as cordas da lira em honra duma cidadezinha que é da Bahia e é dos meus amores, dois motivos portanto de sobejar.

Quero, pois, falar-vos de Valença, pequenino e esquecido burgo da foz do rio Una, a meio caminho da capital para Ilhéus. Nunca a ouvistes talvez mencionar, senão para distingui-la da antiga Valença do Rio, que aliás bem a contragosto lhe cedeu o passo na última crisma de cidades, muito embora algum leitor do professor Escragnotte Dória seja capaz de levantar o dedo, por bem saber que ela foi o berço pelo menos do estadista do Império, Zacarias de Góes e Vasconcelos e do general Galvão de Queiroz, pacificador do Rio Grande. Mas, nem só por isso — sem falar dos motivos sentimentais que me levam a falar dela — merece que lhe traga o nome para estas páginas. Na verdade, nem o prestígio da lenda lhe falta, pois, segundo umas notas excelentes que me fornece o poeta José Malta, outro namorado seu — por pouco não lhe coube ter sido mesmo a sede do primeiro Reino do Brasil.

Foi o caso que o primeiro morador de Valença que então fazia parte da capitania dos Ilhéus e dependia da Vila de Nossa Senhora do Rosário de Cairú — Sebastião de Pontes ou da Ponte, dono de vários engenhos no Reconcavo, lá construiu mais dois, por volta de 1580, — um na ponta do Curral, fronteiro ao morro de São Paulo, o outro na primeira cachoeira do rio Una, onde se ergue, hoje a Fábrica de Tecidos Nossa Senhora do Amparo, da companhia Valença Industrial.

As terras da zona eram então ocupadas pelos tupiniquins, gente de natural bom gênio, precursor da política da

**DOS TUPINIQUINS AO PRIMEIRO REI DO BRASIL — UMA PREGA NO TEMPO — "TERNOS" DE REIS E O ZUMBI-A-PUNGA — SOMBRAS QUE VOLTAM**

Texto e fotos de HERMAN LIMA

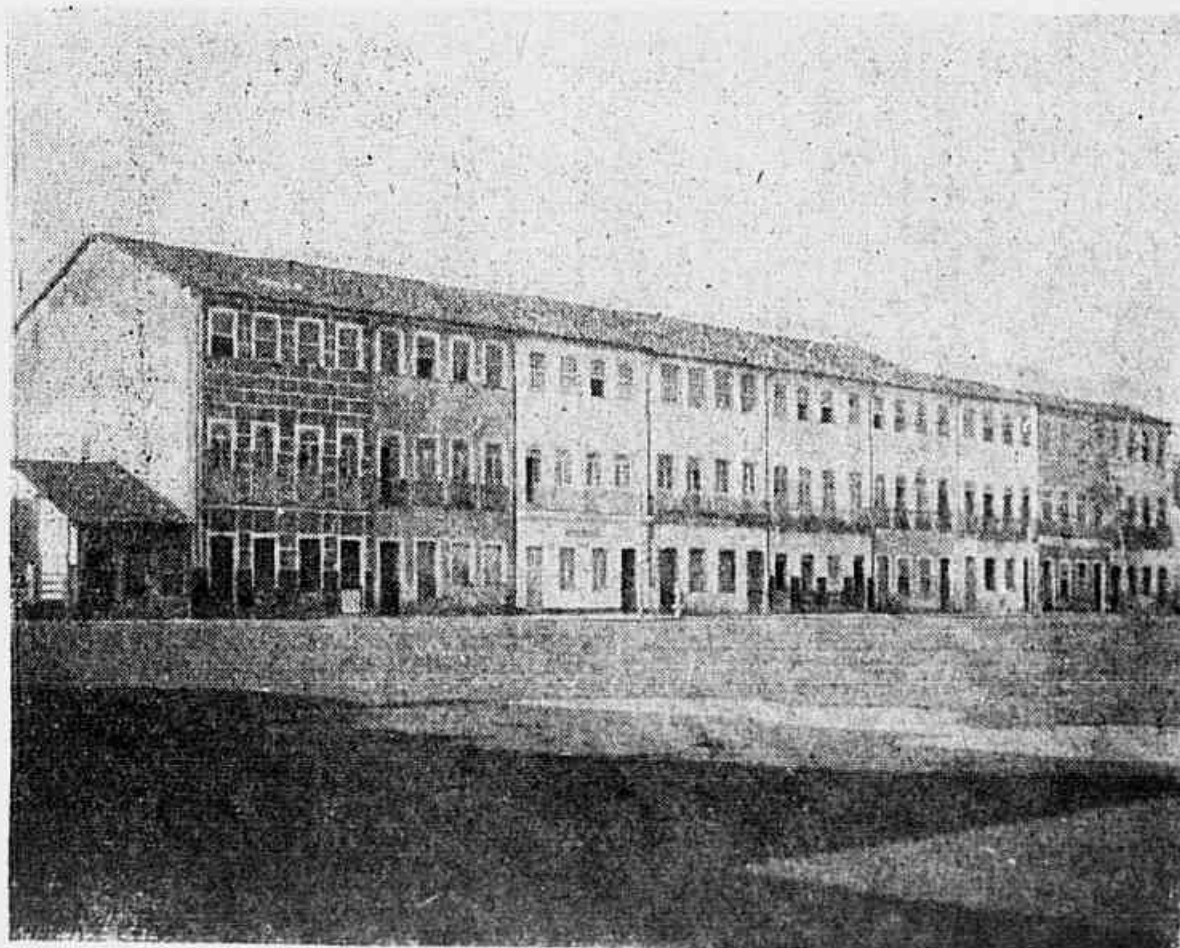
boa vizinhança, com os quais Sebastião da Ponte se entendeu muito bem, alargando o mais que pôde o domínio dos seus partidos de cana e o fabrico do seu açúcar, para glória maior do Reino e fartura das suas arcas. Mas, estava escrito que aquela força de ânimo de pioneiro haveria de acabar desgraçadamente, como se vai ver do que nos conta

ainda o esboço histórico de José Malta: "Tendo ele mandado marcar com um ferro em prasa um mascate que ousara penetrar em seu engenho do rio Una, sem prévia licença, este, embarcando para Portugal, denunciou tal fato ao Governo de então, que, segundo uns historiadores, deveria ser o da rainha D. Catarina, regente pela minoridade do

rei D. Sebastião e, segundo a obra de Frei Vicente do Salvador, se verifica ter sido no tempo do próprio D. Sebastião. Para dar mais força a sua queixa, o mascate denunciou mais que Sebastião da Ponte se intitulava o Primeiro Rei do Brasil. Em virtude do que foi ele traçoicamente preso e remetido para Lisboa, sendo recolhido a prisão do Limoeiro, onde morreu miseravelmente, constando ter o seu funeral custado apenas 100 réis, naquele tempo. Consta ainda da história que Sebastião da Ponte, atemorizado, se recolhera a um convento no Salvador, onde permaneceu, até que, depois de sérios conflitos armados, foi preso e remetido para a capital do Reino."

O certo é que, com a sua retirada, "principlou a invasão dos índios amores, que, por sua índole bravia, impediram por muito tempo a colonização do território de Valença. Como, porém, tais índios fossem ignorantes da arte de navegar, por isso não puderam embarcar que fossem povoadas as ilhas fronteiras de Tinharé, Cairú e Boipeba, onde, nos fins do século XVIII, já existiam importantes núcleos de povoação, sendo as principais a freguesia do Divino Espírito Santo de Boipeba e a de Nossa Senhora do Rosário de Cairú."

A 23 de janeiro de 1799 uma carta regia criou a vila de Nova Valença, em homenagem ao Marquês de Valença que era Ministro do Reino, nessa época. Em 1801 foi criada a freguesia do Santíssimo Coração de Jesus, com a capela de Nossa Senhora do Amparo servindo de Matriz e, finalmente a 10 de novembro de 1849 elevada a vila a categoria de cidade, "com o nome de Valença e o título de Industrial, por ser o primeiro ponto do Brasil onde se fundou uma fábrica de tecidos" a mesma cujas ruínas imponentes ainda hoje se erguem a dois quilômetros da cidade, a chamada Fábrica de Cima, ao pé da primeira



Os velhos sobradões de janelas de guilhotina dormem também o sono antigo



cachoeira do rio, com os paredões a prumo, janelões de quatro andares abridos para o vale de tão solene beleza, enquanto os cipós da mata, os grandes troncos da floresta envolvente, a vão tomando pouco a pouco de assalto.

Do violento cenário das refregas de há dois séculos, nem memória resta mais no remansoso recanto da terra balana, onde a vida parece mesmo esquecida do que vai pelo resto do mundo, em desassossego e insanía, muito embora o rádio aqui esteja também, para começar a envenená-la. O melhor sim! que lhe cabe hoje há de ser ao contrário o das sonolentas e doces voltas que o rio lhe tece em torno, refletindo o céu em limpo espelho, enquanto o coração da cidade tem o batido exato no ritmo do motor da grande Fábrica.

★

Lembro tudo, das minhas visitas a Valença, nestes quinze anos, de namorado a pai de filhos, desde os sobressaltos que precediam sempre a viagem, a partida da Bahia, muita vez dentro da noite, com a expectativa de mar grosso e ondas rolando o pequeno barco, sem tregua, seis horas pelo menos, até que a luz do farol do morro de São Paulo nos fronteava, com a entrada no remanso do rio. Mas, se dava então quase sempre, que o vento cala de todo, era a penosa subida até a cidade, em três e quatro horas mais do manejo de vara, a madrugada rompia nessa luta, o sol subia por cima do recorte da ilha do Tinharé, a imensa beleza do grande delta, por onde rolavam as águas misturadas de três rios, estendida pela frente, a toda a largura.

A igreja da ponta do Galeão esplanava do alto do cerro, donde começa, ao quebrar da tarde, a linha de águas revoltas da maré com a viração, corriam de cada lado as fitas do mesmo verde sempre dos mangues, com o vão de garças ondulado e grave, contra o escudo do céu de puro anil. Até que a conhecida casinha de adobe do Mutá ia surgindo na primeira curva do rio, vinha a ruína pobre dos pescadores do Tenta logo mais, o traço da ponte velha unindo as duas bandas da cidade, os casarões da beira d'água, com o pedaço do cal, depois a praça da Recreativa, a mancha branca da igreja do Amparo reluzindo ao sol, no alto do morro, por cima de tudo.

Um longo mergulho, então, na vida simples, no seio pleno do sertão brasileiro, com as suas pequeninas comédias e as suas tragédias em câmara lenta, o preguiçoso rolar dos dias e das semanas, que fazem de cada visita um volver de folha de velho álbum, com os mesmos encontros da última vez, as mesmas palavras amigas que ouvimos há quatro ou cinco anos, uma reintegração no passado, pela certeza de que o Tempo deu uma prega no seu manto, abriu naquela hora, para o fechar deste instante, o livro de milagre.

Sinta-se porém, muito embora, na emolência do novo encontro, que os anos passaram em vão sobre a nossa alma, há sempre o ligeiro choque inicial, antes da total aceitação da vida como ela é, por estas bandas. Mas, isso tudo é breve, já no outro dia se pensa que foi sempre assim: é a mesma a ternura familiar das gentes e das coisas mais próximas do nosso coração, a mesma, a apaziguante doçura da paisagem, a mesma, a invariável renovação daquele estado da alma que põe um dedo nos lábios do recém-vindo.

★

3 horas, no frio da manhã cinzenta, é a primeira voz do dia o apito da Fábrica, estirando-se longo, varando os ares, duma ponta a outra da mancha do casário. Não tem nada de estímulo, clarim de alvorada, repique festivo de trabalho, antes é um lamento lento e mole, come apenas, a própria voz mecânica, de arrancar ao sono os corpos molidos pelos teares, quanta vez, no correr des-



Barcos do Reconcavo ou do Sul, vistosamente pintados em rajadas de cor, dormem junto ao cal.

tes quinze anos, me entrou assim pelos ouvidos estremunhados o berro triste que marcava também um dia a menos no parentese gostoso das minhas férias.

★

Da sala de jantar, de mistura com o cheiro de café e a promessa dos bolinhos de goma e sequinhos de celeste sabor, vem o canto cristalino e rebatido duma sabá de fama — dessas de beira de cachoeira, que aprendera a elevar o canto acima da voz das águas — tirando as mesmas notas sempre, como sinfonia matinal de adorável leit-motif, o mesmo

que os garotos da casa traduzem gaitamente.

Sabá, e-ó-e-ó.  
Perna fina, osso só.  
Que tem Vovó?  
Quebrou a tampa  
Do urinó...

Pela manhã, ou à tarde, o nosso passeio a três, um da casa sempre a nosso lado.

Voltas longas que iam até o Amparo, ou, estendendo os passos pela cidade, à beira do rio, pelos estaleiros do porto velho, por perto da represa atrás da Fábrica — certos caminhos tão belos

Lavadeiras batendo a roupa, numa velha estampa familiar dos meus tempos de menino, à beira do riacho da Volta da Jurema.



à sombra das imensas jaquelras, certos recantos do rio duma solenidade tão profunda, com as suas águas lentas repassando a paisagem, uma vegetação de sombrio mistério vedando trechos aqui e ali, grupos de lavadeiras batendo a roupa, numa velha estampa familiar aos meus tempos de menino, à beira do riacho da Volta da Jurema.

★

Ao som das psaladas na calçada, de frente das casas, um ferrolhinho fácil — clique! — batia do lado de dentro, escancarava-se uma persiana. E uma cabeça de mulher enfiava ligeiro por ela, como se tivesse mola, como essas caixas de surpresa, donde pulam cobras, calcando um botão. No correr da rua, outras cabeças pipocavam assim, duas e três em cada janela, como uma girandola de curiosidade contagiosa.

★

Pelo Natal, os preparativos dos "ternos", entre as moças da cidade e da vila operária, numa viva concorrência que não raro dava às "fabricantes", tantas delas tão lindas, a palma da vitória, pelo viço das vozes, o gosto das vestes, a riqueza dos ornatos das lanterninhas de cor. Delicioso o desfile dos diversos grupos, noite a dentro, uma fila de lanternas de cada lado, tremendo no ar ao ritmo da marcha, enquanto a porta-estandarte sempre a mais bela fazia os mais graciosos saracotelos, o coro juvenil enchendo a noite duma cristalina vibração que por momentos dava às ruas adormecidas uma alegre reminiscência de melhores tempos, descuidados tempos do passado. Incansavelmente, o rancho ia cantar primeiro no adro da matriz, em louvor do Deus menino no seu presépio, para sair depois correndo a cidade, duma ponta a outra, até madrugada, quando se recolhia à sede dalgum clube, para um baile animado até o amanhecer.

★

Tarde da noite, nesta véspera de Reis, acordo com um estranho ranger de ganchos pela rua. Corro a janela e lá vem, rua Direita, abaixo, uma longa fileira branca de fantasmas, ao lusco-fusco da luz pobre, em ziguezague infatigável, vinte ou trinta rapazes, vejo depois, que raspam pratos velhos, tampas de lata, placas de ferro com pregos, garfos decedentados ou qualquer coisa do gênero.

O barulho é áspero, rechinante, lembra "serração de velha", refrão de matraca, têm os vultos espectrais — não sei porque, mas foi a imagem que me ficou — qualquer coisa de friso medieval, a "Dansa Macabra", de Holbein, por exemplo, chego a imaginar, no meio sono em que me acho ainda, a visão de longos capuzes pendentes em ponta, narizes de polichinelo, fauces de caveira e esguias, funambulescas pernas de caníço cortando a treva, no jogo sinistro e clawnesco. É a estranha ronda do "zumbi-a-punga", com que a rapaziada sai a rua, de dia ou de noite, anunciando festas, pedindo que o comércio feche, arautos de folia e feriado, vindos sabe Deus de que esquecido costume de Portugal.

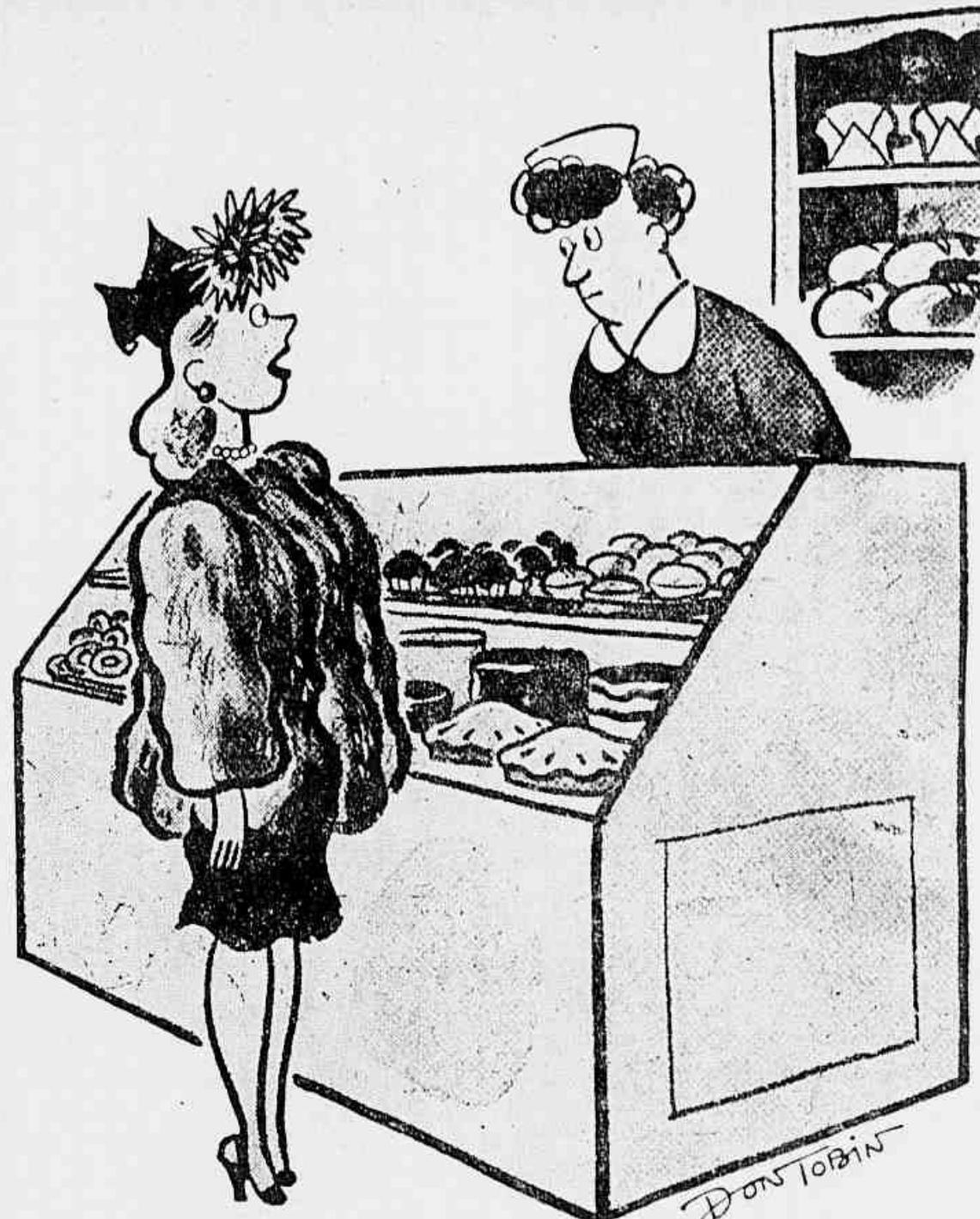
★

É assim que me lembra Valença da Bahia, onde meu coração achou porto e donde me veio o amor eucarístico de hoje. Mas, não posso esquecer também a velha casa da Praça Nova, onde floriu certa fase mais doce da minha vida, doce lar cuja lembrança, com o carinho e a ternura da sua gente que é hoje minha não se apagará mais no meu afeto, os anos todos que eu viva; como não posso esquecer ainda certas amáveis e doces criaturas que eram familiares sob o seu teto, e de que só a memória volta nesta hora a povoar a evocação de velhos dias que não tornam mais. Doces e amigas sombras dum passado que vai ficando distante, mas, nem por isso readquire menos, em certas horas, como esta, o prestígio pretérito e a envolvente suavidade da emoção de um dia.





— E aí está o retrato da minha avó... Sem querer falar com o devido respeito, dizem que ela era do balacobaco...



— Não tem aí alguma coisa que desse a impressão de ter sido feita por mim mesma? Vou dar hoje um jantar ao meu noivo...

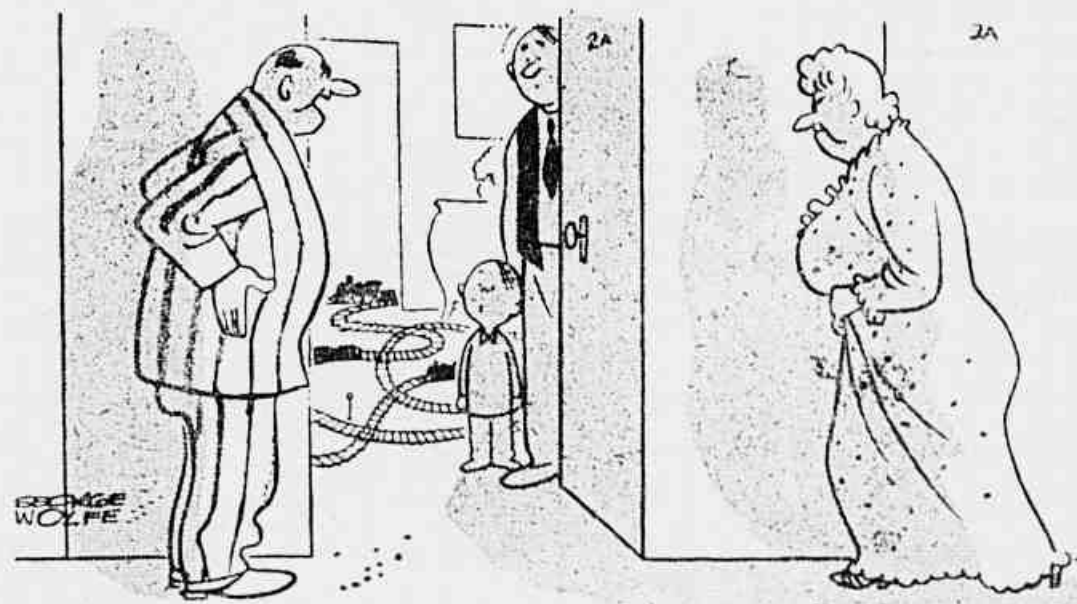


— Decida de uma vez, minha senhora, onde vou pôr esta droga... Mesmo porque meu turno de trabalho acaba às seis da tarde...



— Ele quer saber o caminho para as cataratas de Niagara!

## BOM HUMOR

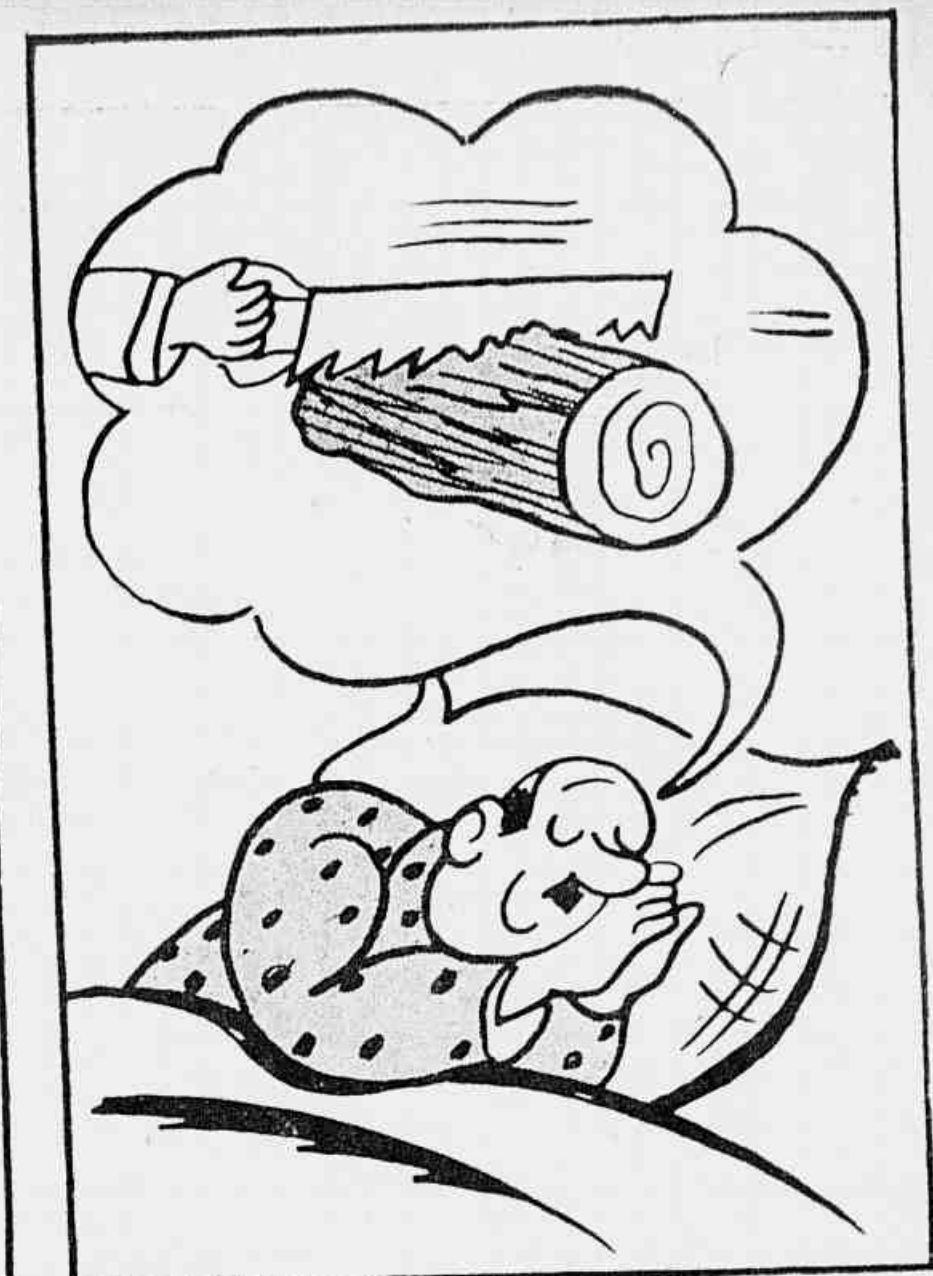
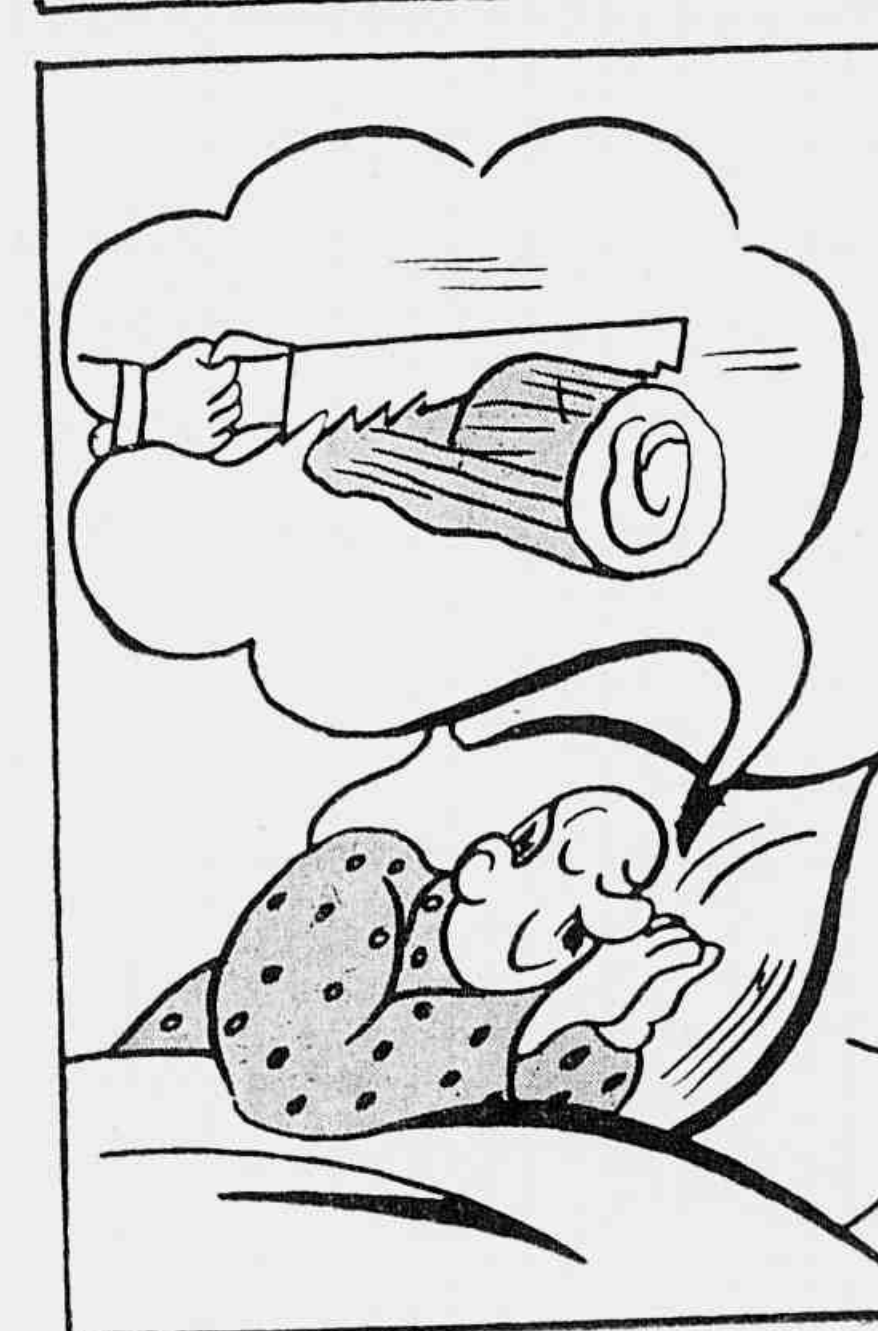
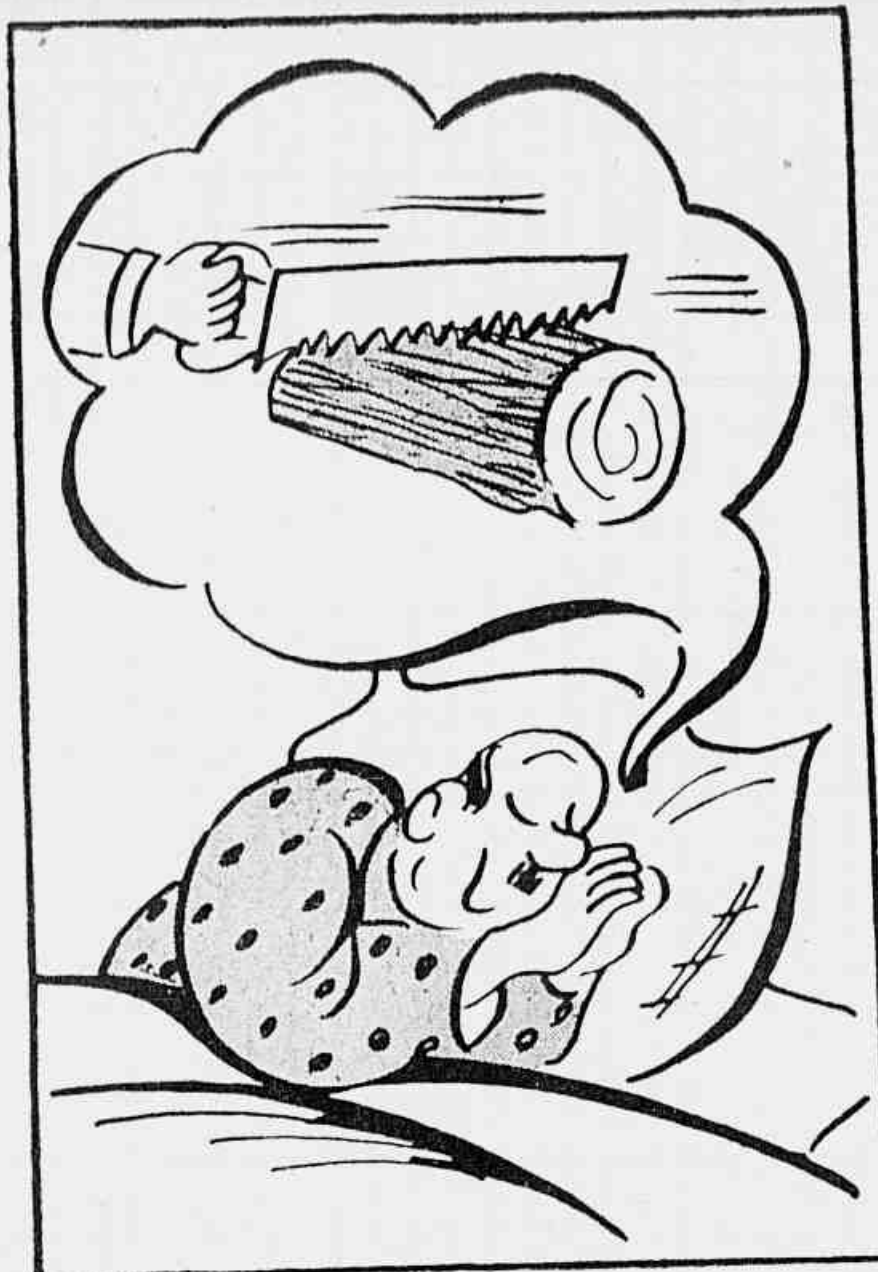
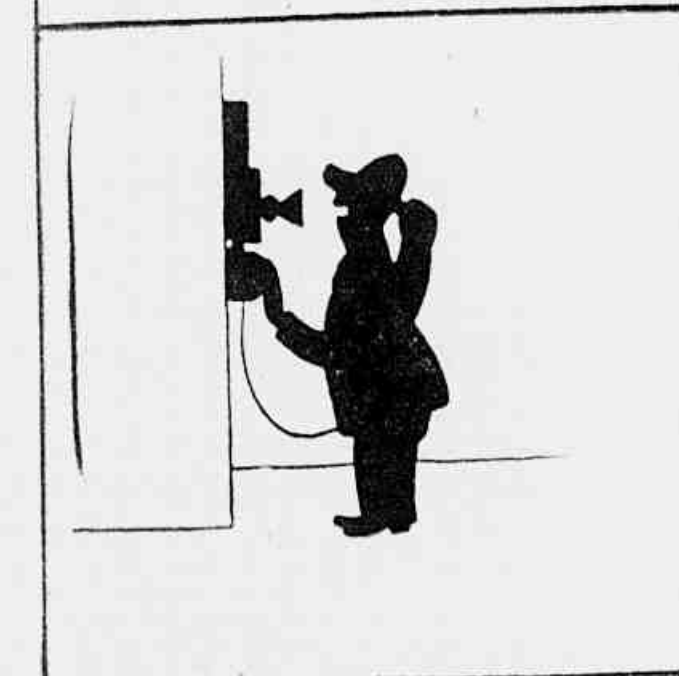
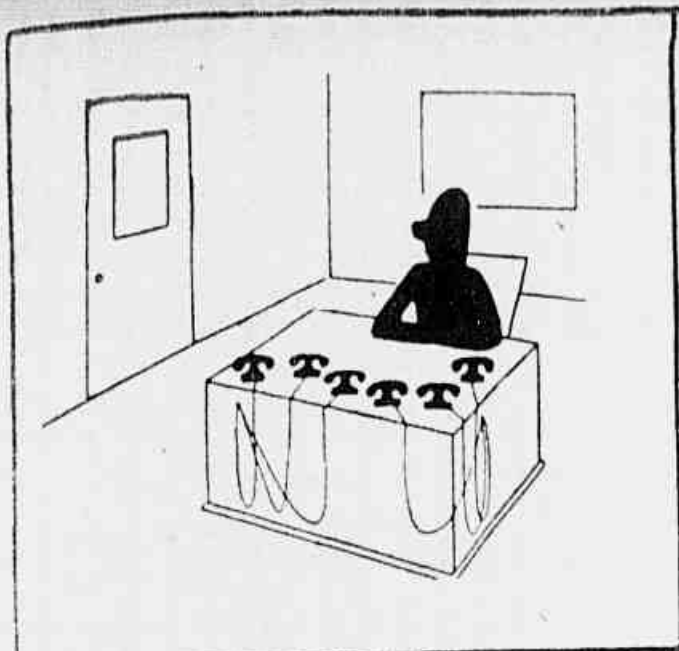


— Não é por nada não... É só para o senhor perguntar ao seu filhinho a que hora é que sai o último trem...

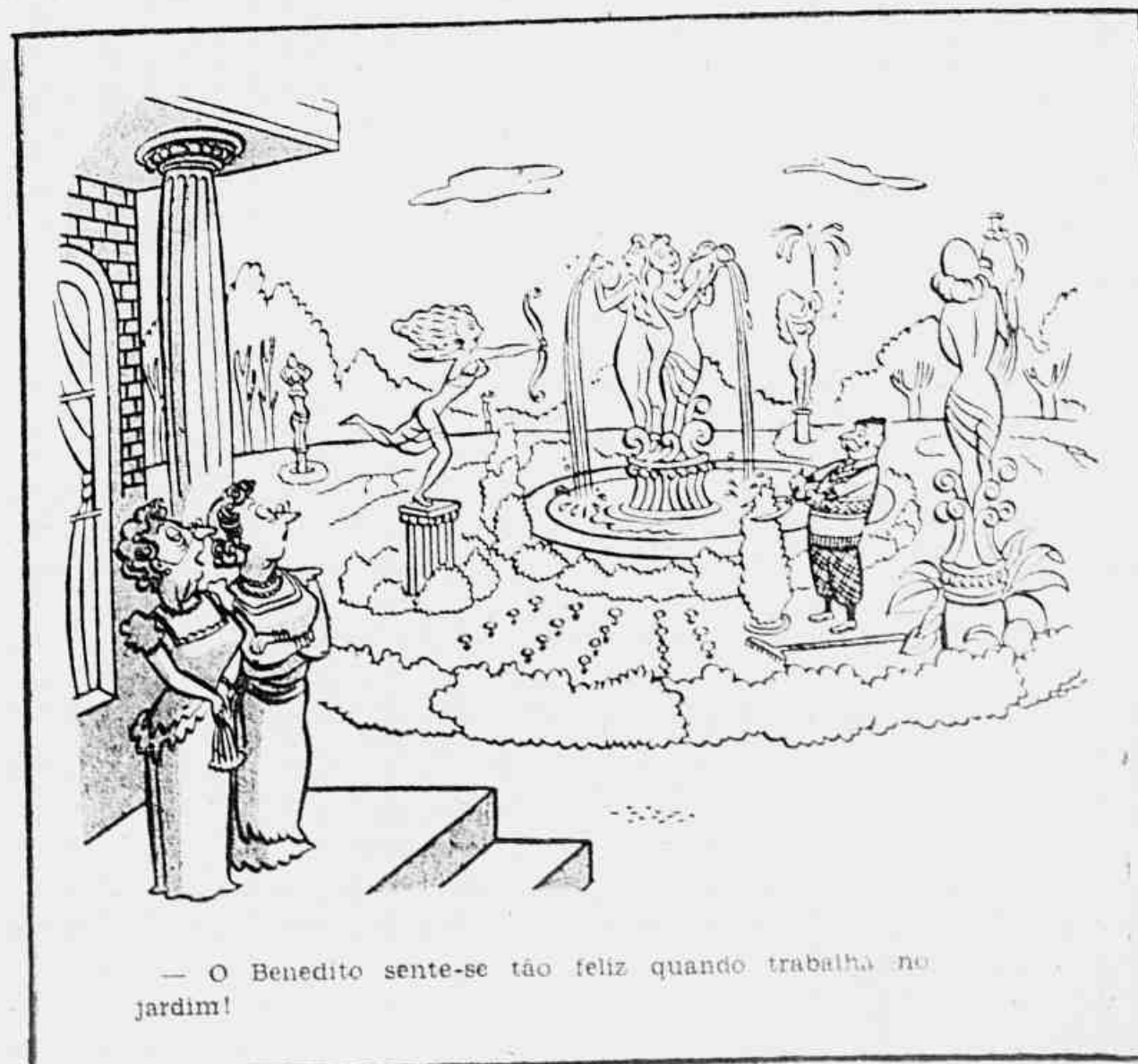


— Bem, felicitações... e não se esqueça! Até logo à noite, no nosso pifepafé!





— Já é a terceira vez que os pratos passaram à roda da mesa!  
Chega de tanta gentileza, seus idiotas!



— O Benedito sente-se tão feliz quando trabalha no jardim!





EX LIBRIS  
Vicecomitis do RIO-BRANCO

J. M. da Silva Paranhos  
Sen. Imp. Brasiliensis

A exiguidade dos objetos não lhes tolhe preciosidade. Há por exemplo pequenos sêlos valendo dinheiros e bem o sabem coleções filatélicas de reis e argentários. Por um sêlo único desembolsam sem hesitar quanto lhes seja pedido pelo pedacinho de papel mais ou menos colorido, limpo ou carimbado.

Outro pedacinho de papel prezado por colecionadores é o ex-libris, definido estampilha adesiva colada na face interna do frontal dos livros, assinalando o posse bibliófila.

O ex-libris é um amigo da última hora de livros aos quais se apegam logo ou decorridos tempos e tempos após aquisição de obras. Há contudo quem as comprando se dê pressa de apôr-lhes ex-libris marcantes do seu a seu dono. Os bibliófilos são avaros especiais.

Duas características apresentam os ex-libris: sua variedade e arte. Há muito colecionador desejando ex-libris exclusivamente de trabalho artístico superior.

Grandes, pequenos, simbólicos, paisagistas, heráldicos, na variedade de formas e desenhos, os ex-libris devem representar um como que resumo da personalidade daqueles aos quais se destinam em sinal de propriedades. Contra esta conspiram numerosos inimigos, entre os quais temerosos quantos solicitam livros emprestados com tanta vontade de pedi-los e nenhuma de restituí-los. O Direito é impotente em relação a esta apropriação indébita vulgaríssima.

Para o estudo da origem e do desenvolvimento do ex-libris no mundo afóra dos livros há quem deite bibliotecas abaixo.

O resultado do descer de livros e de respigar de informações eruditas vale por uma série de monografias acompanhadas de livros especiais ex-libristas. Cada vez mais se aprofundam os estudos dos significativos papéis colados no interior dos livros encadernados e no verso do frontispício dos brochados.

A encadernação luxuosa e artística, a encadernação modesta, a brochura estabelecem, nas cidades dos livros e nas suas enfileiradas populações, uma divisão de classes. A encadernação de requinte diz nobreza, a modesta burguesia, a brochura é povo, a massa livresca, a espera de melhorar de sorte pela encadernação.

Não só bibliófilos almejam ex-libris, instituições públicas também os re-

mam para as suas bibliotecas, como os querem as particulares as instituições públicas mais sob a ameaça de constantes inimigos. Tais consideram as bibliotecas públicas os surripiaadores de livros, os mutiladores deles, o rendilhado da traça competindo com o recôrte da gilete.

Desconhecedores do caráter do ex-libris são aqueles que só por gosto de macaquear encomendam ex-libris dizendo ao desenhista ou ao gravador, faça-me o ex-libris que entender.

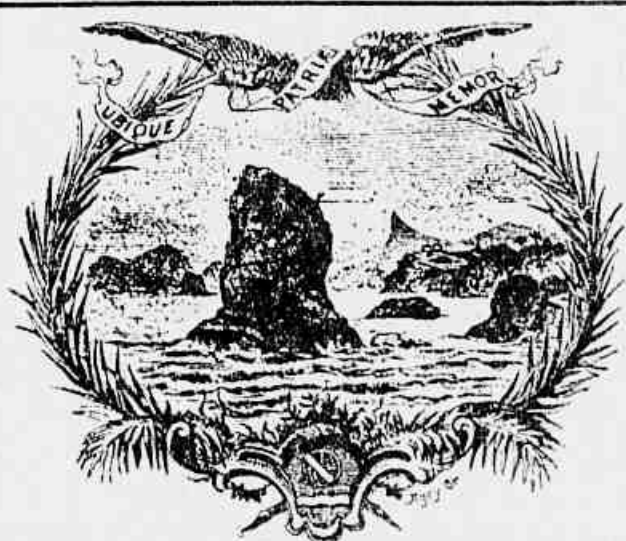
Assim se exprimem quantos ignoram que o encomendante é quase o autor do ex-libris, por fornecer ao artista executor todos os elementos assinaladores de sua personalidade.

Daí haver ex-libris que falam e outros mudos, isto é, ex-libris expressivos e inexpressivos, estes tais por muito que se esforce o artista, intérprete infeliz de quem não sabe compreender a natureza do ex-libris.

O auto de nascimento deste possivelmente pode, salvo erro, ser datado do século XV, os fatos históricos não tendo interesse algum no remoçar.

Da extensa bibliografia dos ex-libris sejam retiradas informações devidas à erudição alheia, a dos amigos dos livros e de suas estampilhas.

O colecionador delas encontra disseminadas searas onde haja colheita reco-



Ex-libris de Rio Branco, com a divisa "Ubique patriae memor".

lhivel, na Europa, na América do Norte e do Sul, até nessa ponta de Asia, onde num império o sol já nasceu brilhante, sendo hoje, ali, de luz morrediga. Está nomeado o Japão.

Em qualquer ordem de coisas quem começa a ajuntar acaba em geral colecionando a valer. Não admira pois a existência de colecionadores de ex-libris, naturalmente revestidos da paciência de esperar, a virtude do verdadeiro colecionador de calmo sistema nervoso, mesmo diante do achado de competidor.

Seguir o progresso do ex-libris pelos caminhos da História, no que respeita a livros, é ir longe. Sobretudo nos países onde o ex-libris mereceu continua atenção e cultivo, completando a arte de ornar os livros, ao pompear de cercaduras e iluminuras das quais o Missal de Estevão Gonçalves oferece tão bela amostra.

As grandes coleções de qualquer espécie proporcionam sumo prazer e orgulho a seus possuidores, mas também lhes

devem dar alguns calafrios ao passarem na ladroagem e na guerra.

Ao exporem coleções, os respectivos donos mantêm ou requisitam guardas, certos de que não só os líquidos evaporaram. Se assim na paz quanto mais na guerra tantas vezes companheira do saque, nesse aí dos vencidos que o chefe gaulês disse a Roma, entregando-a a pilhagem.

Nas duas últimas guerras padecidas pela humanidade, a segunda travada quando ainda os povos se não haviam desoprimido da primeira, que de esforços, que de disfarces para salvação de obras primas, de documentos insubstituíveis, de coleções que dispersas nunca mais seriam ajuntáveis, pelo menos no todo!

Nas duas últimas guerras que enlamearam a humanidade e a História, as coleções de ex-libris não foram poupadas, seguindo a sorte miserável de épocas em soma de horrores, poucos países a eles poupados, um destes Portugal. Neste a Biblioteca da Universidade de Coimbra prima não só pela opulência de coleções como pela magnificência de instalação. A tal biblioteca confiou a um grande colecionador de ex-libris a sua coleção de inestimável preço. Conta 15.878 ex-libris.

Por morte do colecionador, a Biblioteca universitária entrará na posse inteira da coleção, ou talvez em vida do dono. "Na previsão de futuros cataclismos", diz o sr. João Jardim de Vilhena, o doador.

Futuros cataclismos... Como um homem pode exprimir pensamento de mundo universo! Futuros cataclismos...

Enquanto não desabam, até do alto dos céus e dos engenhos do mal, pensemos nos ex-libris, enquanto não os leva novo turbilhão.

Conforme o sr. Jardim de Vilhena, na luta da guerra civil espanhola e na invasão germano-russa na Polónia, quanto precioso foi aniquilado.

Com a vida dos donos, lá se foram as importantíssimas coleções de ex-libris, assimassim a de José Montsalvatje Figueras e a do cônego Orole Kulak da Sé de Varsóvia, a do russo branco Dimitri Demidoff, mandado para a Sibéria, executora da morte pelo frio, morte pelo frio.

Incluiu-se o Brasil na lista dos países nos quais o ex-libris é conhecido e prezado. Aponta-se Manuel Abreu de Guimarães como primeiro brasileiro nato possuidor de ex-libris. Em fins do século XVIII era Guimarães protetor, e quem sabe se provedor, da Santa Casa da Misericórdia de Sabará.

Talvez possa dar luz à figura do primeiro ex-librista nacional, o arquivo da casa beneficente mineira, embora arquivo no Brasil seja coisa precária, mormente agora quando tantos tudo fazem para arquivar a humanidade.

A vinda de D. João VI ao Rio de Janeiro, representando mudança em grosso de gente e bagagens, entregou à cidade muitas coisas de preço, às quais a remi-



gração do rei não daria retorno a Lisboa. Haja vista a copiosa e seleta biblioteca do conde da Barca, localizada na própria residência do conde no Passeio Público.

O falecimento de Barca foi o sinal do leiloar de seus livros no Rio de Janeiro, com os volumes dispersos e se repartindo os ex-libris da biblioteca da rua do Passeio.

E' indicado o Barão do Rio Branco como incipiente organizador de uma reunião de ex-libris. São guardados agora no Itamarati exemplares ajuntados por quem teria doze anos de vida e dias de morte no próprio Ministério do Exterior.

Chegaria depois para o ex-libris a hora de merecer atenção nacional maior, pela existência de várias coleções das estampilhas gravadas a cores ou mesmo manuscritas.

Congregando-se colecionadores, surgiu associação ex-librista. Mencionar os nomes de quanto criaram e a sustentam, de quantos a ela se associaram e associem seria expôr-se a omitir alguém.

Louve-se pois, somente o esforço geral pelo ex-libris.

Fundada a Sociedade de Amadores Brasileiros de Ex-Libris, tratou a sua diretoria de acordar a atenção pública. Expôr é meio comum de atrair curiosidade popular, a Sociedade dos Ex-Libris organizando exposição no Museu Nacional de Belas Artes.

Os visitantes da exposição admiraram a considerada segunda coleção de ex-libris do mundo, de saudoso patriótico, o dr. Nuno Smith de Vasconcelos.

A primeira coleção de ex-libris do Mundo pertence a Vitor Emmanuel III, também dono de uma das maiores coleções filatélicas do universo, o antigo rei da Italia ora exilado no Egipto com tempo para colecionador.

Por sua cópia e seleção de exemplares, na exposição do Museu de Belas Artes primou a coleção Smith de Vasconcelos. Outra coleção despertou igualmente entusiasmo por sua originalidade.

Um colecionador, o sr. Abrahão Carvalho, reunindo em biblioteca particular partituras e outras obras musicais das mais raras, acresceu-lhes preciosidade por meio de escolhidos ex-libris, a coleção Abrahão Carvalho, bem conhecida de quantos cultivam ou amam a música, na cidade carioca.

Nem se esqueça que, cheia de tesouros, a exposição de ex-libris concorreu a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a promotora de estupenda exposição de História do Brasil, isto em 1891.





**P**ETRONIO Rosa Santana é o verdadeiro nome de Celso Santana, comico que o rádio ainda não soube aproveitar e o teatro lançou com sucesso extraordinário. Integrando o elenco de Chianca de Garcia, na qualidade de primeiro ator tomou parte em "Um milhão de mulheres" e "O rei do samba". Trabalhou antes em diversas companhias inclusive na do Recreio. No decorrer de 1943 formou dupla com Celeste Aida, sua esposa na cidade de Campos, durante a temporada que levou a efeito na Rádio Cultura. Explorando o gênero humorístico, sua participação no "broadcasting" carioca deu-se através da Rádio Transmissora, quando esta funcionava na Rua do Mercado. Da PRE-3 foi parar na Tupi, animando os diversos programas humorísticos que essa emissora irradiava. Não tardou muito a deixá-la para voltar à Transmissora que, logo a seguir, abandonou para se dedicar ao teatro de revista. Neste, tomou parte em diversas apresentações na Rádio Globo, inclusive em "Rapsódia Carioca", fazendo com sua esposa. Nascida a dez de dezembro de 1917, Celso prepara-se para conhecer novas terras, como artista do elenco de Chianca de Garcia. Seu maior desejo, segundo nos declarou, é deixar o teatro e dedicar-se exclusivamente ao rádio, uma vez que este oferece maiores possibilidades para o artista. Petronio Rosa de Sant'Ana viveu o maior momento de sua carreira artística, quando se viu promovido a primeiro ator, arcando com enorme responsabilidade. Alegre por natureza, Celso é o comico que está faltando em nossas emissoras.

**A**LBA Regina surgiu através de "A mulher dos meus sonhos", novela que nasceu o lançamento de Paulo Gracindo como rádio-autor. Figura central dessa história, logo chamou atenção pelo seu excelente trabalho, passando a figurar na constelação radiofônica como estrela de primeira grandeza. Seu primeiro contacto com o microfone ocorreu na PRH-8, onde participou de vários espetáculos de teatro. No momento, acaba de completar dezenove anos, pois nasceu a dois de setembro de 1928, numa das mais movimentadas artérias do Distrito Federal. É morena, olhos vivos, penetrantes, e dona de um sorriso encantador. Sua voz é meiga e apropriada para o microfone. Experimentou sua maior emoção ao assinar contrato de exclusividade com a Tupi, a qual pertence. Não é supersticiosa nem tampouco medrosa. Sente-se à vontade no rádio, preferindo fazer papéis dramáticos, como aconteceu em "Quando a noite desce", de Hello do Soveral, em que vive uma cena que sofria muito. Antes de seu ingresso no "broadcasting" carioca, dedicava-se aos estudos que veio a trocar para se tornar rádio-atriz. Seu nome verdadeiro é Iracema dos Santos. Quanto ao radiofônico, foi Restier Junior quem escolheu. Além de tomar parte nas novelas, presta seu concurso ao Grande Teatro Tupi, irradiando as segundas-feiras, a partir das 22 horas. Fora do microfone, dedica-se a leitura, preferindo os autores clássicos. Também gosta muito de poesia. Ouve rádio e acompanha novelas, quando é possível. Gosta de futebol, e não dispensa uma sessão de cinema.

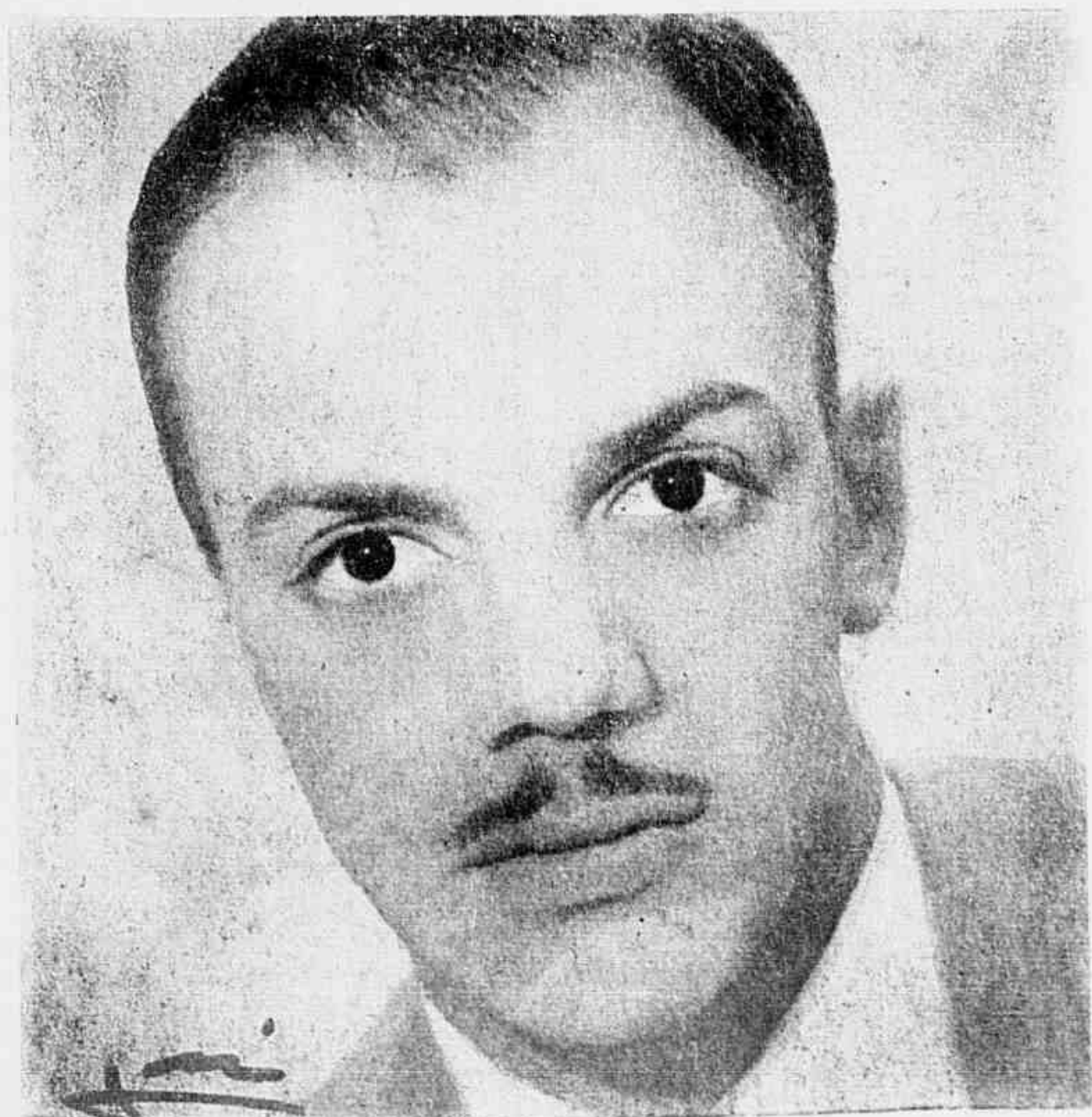
## GENTE DE RADIO

DE QUATRO  
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA  
Por ARMANDO MIGUEIS

**N**ESTOR de Holanda nasceu em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, em primeiro de dezembro de 1921. Começou sua carreira radiofônica na Rádio Club de Pernambuco, enquanto na imprensa colaborava em vários jornais. Vindo para o Rio, estreou na Cruzeiro do Sul, escrevendo "Tristeza não paga dívidas", "Rádio-Revista" e "Cenas da vida", além da novela "Ventura roubada". Passando para a Rádio Club, lançou "Vida em revista". Na Rádio Nacional, mantém "Calendário Musical Ross", e a novela "Maurício de Nassau". Adaptou para o microfone "Miguel Strogoff" e "Filha adotiva". No teatro, tirou o 1.º lugar com "Mais tem Deus", num concurso de peças para operários, e tem prontas "Mulher de gelo", "Inimigos do batente" e "O homem que se vendeu". Com a peça "Castro Alves", obteve a segunda colocação na PRA-2. Possui dois livros publicados: "Fontes luminosas", poemas, e "Um homem mau", teatro. É compositor de sucesso, sendo autor de "Regina", frevo-canção. Xem-em-em", dança regional, "Periquito da madame", marcha; "Quem foi?" samba. Recentemente assinou contrato com a Rádio Nacional para integrar seu quadro redatorial. É um jornalista combativo, assinando a coluna radiofônica "Telhado de vidro", de um vespertino carioca. Faz parte do conselho deliberativo da A. B. C. R. e pertence à S. B. A. T. Organizou o suplemento literário de "Brasilidade" e colaborou no "Imparcial". É casado; trabalha numa importante companhia e tem pronto um livro de poemas que publicará este ano.

**A** música popular foi a predileção de Linda Rodrigues. Possuindo a "bossa" indispensável a todos os bons intérpretes do samba, facilmente triunfou ao microfone. A jovem cantora, já enfermeira diplomada, preferiu cantar a lidar com doentes e, assim, estreou na Rádio Club do Pará. Dessa emissora veio para o Rio, ingressando no "cast" da Cruzeiro do Sul, ao tempo em que esta funcionava na Avenida Rio Branco e mantinha programas de estúdio. Com a terminação destes, foi cantar na Transmissora lançando composições para o Carnaval. A seguir, transferiu-se para a Nacional, cantando ao lado de Emilinha Borba, Marliu, Rosina Pagã e demais cartazes da PRE-8. Ao deixar a Nacional, assinou contrato com a Tupi, atuando nos seus programas noturnos. Da PRG-3, Linda Rodrigues passou para a Tamóio, então em sua grande fase. Na PRB-7 lançou seus sucessos carnavalescos, como "Moreno de trato", "Proverbio", "Para que fugir" e "Sombra". Fora do rádio, Linda Rodrigues batalha nas nossas principais "boites". Esteve cantando na Argentina, conhece todos os Estados do Norte, inclusive a Bahia, onde recebeu interessante proposta de casamento, que rejeitou. Também cantou nas principais emissoras do Nordeste e realizou vitoriosa temporada em São Paulo. Possui diversas gravações e pretende excursionar por várias repúblicas americanas, para apresentar o samba. Gosta de valsas e canções, não as interpretando por não serem seu gênero. Canta desde o tempo de estudante, quando animava as festinhas do colégio. Sua maior ambição é poder um dia cantar na Broadway. Não tem superstições nem conhece inimizades. Porque é alegre e expansiva.





# A INUTIL CORAGEM

Conto de JAVIER DE VIANA Ilustração de A. PACHECO

Tradução de HERMAN LIMA

NA manhã de 31 de março de 1886, a infantaria revolucionária fez alto junto dum riachinho de leito escasso e de margens despidas de árvores.

O exército havia pernoitado a 28 de Guavijú, bivaqueando ali mesmo a 29, e pela tarde empreendera a marcha, rumo ao nordeste, sobre um flanco de cochilha do Queguay, evitando os numerosos afluentes do rio desse nome. Não foi possível conseguir senão um limitado número de cavalos e os soldados tiveram de fazer a jornada a pé. Dura jornada! Dois dias e duas noites andou a pesada caravana arrastando-se por terrenos incultos, cobertos de sarças e de caminhos abandonados em cujo pavimento a marca dos veículos passados e a pata do gado trespalhado haviam deixado na terra branda sulcos profundos que os sóis sucessivos converteram em duras pontas pedregosas. Os soldados, na maior parte, iam descalços; e aqueles pobres pés delicados de jovens montevideanos sofriam horrivelmente ao achatar os torreões ou sangravam, desgarrada a fina epiderme pelas pontas agudas das sarças. Não se havia comido, não se havia dormido, não haviam feito no trajeto senão pequenos altos — cinco ou dez minutos de repouso em cada hora de marcha; — e aqueles músculos, muito fracos para suportar tanta fadiga, começaram a ceder como se fossem molas gastas. Nos últimos dias, as carretas que conduziam munições e apetrechos tiveram que levantar vários soldados que haviam rolado, abatidos, prostrados pelo cansaço, indiferentes às ameaças, aos insultos e até aos golpes, como animais transidos que caem e não vão mais adiante, insensíveis ao acicate, rebeldes ao castigo. Quando fizeram alto junto àquele regato, os soldados armaram tendas e se atiraram a fio comprido sobre a grama aquecida por um sol abrasador.

Ao cansaço unia-se o estado atmosférico, o ambiente rarefeito, o calor úmido e sufocante, para abater as energias; no alto, na imensa superfície cor de cinza, os nimbo brancos moviam-se lentamente, ameaçando tormentas. Os chefes tinham conseguido alguns cordeiros que ali estavam, mortos, porém, sem carnear, já frios, o que punha em apuros os jovens inexperientes para arriancar o couro.

Alguns fizeram fogo com garranchos secos e estrume de vaca; outros arrancavam, sem prestar a menor atenção, pedaços de carne que atiravam nas brasas e engoliam depois, apenas aquecidos, parecendo-lhes um petisco saboroso, apesar da cinza e da terra e da nauseabunda exalação do estrume; alguns, de cócoras à beira do riacho, bebiam na palma da mão ou no quépi a água clara e pura, sem saciar-se nunca; e os mais dormiam, apesar da fome e da certeza do perigo com o sono de pedra do bruto extenuado. Ao lado de um fogão, Maximo Diaz, um rapaz louro, franzino, ainda imberbe, forcejava por assar entre as brasas e as cinzas um pedaço de carne. Contrariado com a fumaça e com os óculos que estavam sempre caindo, estava resmungando na hora em que se lhe aproximou o tenente Cipriano Rivas, que o saudou sem descer do cavalo.

— Que tal, muito cansado?...

— Bastante — respondeu o rapazinho com voz tranqüila. — Quer churrasquear?

— Obrigado; já comi... E Alberto?

— Está ali, dormindo como um animal.

O oficial tirou do bolso meio pão e o ofereceu ao amigo;

— Toma — disse.

— Pão! — exclamou o lourinho alvoroçado.

— Dê um pedaço a Alberto.

Nesse instante o clarim tocou sentido.

— Depressa, depressa, formar! — gritaram os oficiais; e um grande tropel se produziu no acampamento.

— Até logo! — disse Cipriano; e, dando de esporas ao cavalo, largou-se para o acampamento comandado pelo coronel Matos, de quem era ajudante. Esse destacamento, que formava um pouco a vanguarda, sobre o flanco esquerdo, compunha-se de uns oitenta homens, gente do campo, armado de lança e carabina.

Os soldados, uns montados, outros a pé, agrupavam-se em desordem. À frente, sentado no chão, com o cavalo pela rédea, o caudilho picava um "naco". Nos joelhos tinha um winchester; ao lado estava cravada a lança, uma lança de longa haste ornada de três grandes virolas de prata e um agudo rojão enferrujado, terminado por: dupla meia lua; velha reliquia dos tempos heróicos, que parecia triste com a ausência da bandeirola partidária.

— A infantaria está em movimento — disse o ajudante ao se aproximar do chefe.

— Parece que vamos marchar.

O gaúcho encolheu os ombros, acabou de fazer o cigarro, e oferecendo-o "naco" ao rapaz perguntou:

— Quer pitar?

E como o outro fizesse um sinal negativo com a cabeça, guardou o fumo, levantou-se, sacudiu a bombacha e, recostando-se no cavalo, começou a fumar tranquilamente.

O rapaz ficou um momento em silêncio, o olhar fixo na infantaria que já em formação estava imóvel junto ao regato. Tolhia-o o pesar, considerando a aflitiva situação daquela rapaziada seleta, mais habituada à vida alegre da cidade do que à penosa lida da tropa. Lembrava-se de tê-los visto em Buenos Aires, em alegre vagabundagem, contentes com os seus andrajos, suportando com estóica resignação privações e misérias, gabando-se de umas e de outras. Uns, impelidos por um patriotismo fanático, exarcebado pela propaganda lançada da imprensa da época; outros guiados por ambições indefinidas ou indeterminadas; outros, ainda, enfim, atraídos pela curiosidade, pelo prazer de viajar, de trocar de vida, todos lhe apareciam santificados pela grandeza da causa que sustentavam.

A coluna de infantaria pôs-se em marcha e quase ao mesmo tempo se ouviram dois outros tiros. A vanguarda governista alcançava afinal o exército revolucionário, levando de roldão a pequena força de cavalaria que lhe resguardava a retaguarda.

## II

As forças de cavalaria, estendidas em guerrilhas, cobriam os flancos, combatendo em retirada. No meio marchava a infantaria em coluna cerrada, precedida pelo comboio de carretas que levava armas, munições e feridos. Cipriano, bastante nervoso, sacudia a cabeça, toda vez que um projétil passava perto, dando lugar a que o coronel, que lhe ia ao lado, o increpasse com dureza:

— Não sacuda a cabeça, amigo; agora é a hora de não afrouxar a vela do esporão.

O jovem, ferido no amor próprio, não respondeu e lutou por evitar o tique nervoso.

As guerrilhas ocupavam uma grande zona salpicada de vermelho pelos tiros. Aqui e ali viam-se pequenas espirais de fumo claro subindo sem vontade para o cinzento triste do céu.

A retirada continuava em ordem.

— Mas o inimigo é só aquele que se vê ali? — perguntou Cipriano, assinando as guerrilhas pouco numerosas

que iam avançando lentamente, mas de modo seguro.

O caudilho sorriu.

— Já verá a cauda; não se apresse para ver a cauda — disse.

Pouco a pouco o fogo foi-se intensificando. As detonações que no princípio se ouviam como ruidos surdos, sem ecos e bem distintas umas das outras, começaram a multiplicar-se; as diversas volutas de fumaça foram-se juntando até formarem uma nuvenzinha cinzenta, por entre cujo esgarçamento o sol de verão fazia passar uma chuva de fogo, requeitando a vasta lombada da terra. Não se divisavam casas, nem árvores, nem terrenos cultivados, nem rebanhos de espécie alguma. Ao longe as forças governistas moviam-se com toda a regularidade; seu volume crescia a cada instante; as companhias sucediam às companhias, os batalhões aos batalhões; os soldados iam ocupando o campo e entre as filas compactas as lâminas centelhantes das balonetas e os grandes corpos dos canhões, ainda silenciosos, mandavam ao grupo revolucionário sinistros reflexos. No destacamento, sobre o qual nesses momentos fazia o inimigo um fogo nutrido, reinava um silêncio pesado e imponente. Um projétil foi ferir no meio da testa um indiozinho da primeira fila, com um choque tão violento que o rapaz saltou do cavalo e caiu aos pés do ajudante espapaçado, instantaneamente morto, como que fulminado pelo raio. Tinha os olhos bem abertos e o rosto manchado de sangue e de pedaços de massa encefálica que haviam saltado do crânio arrebatado. Era o primeiro morto ao qual sucederam dois mais, em curtos intervalos. Cipriano começou a sentir um malestar indefinível e profundo, um irrefreável tremor das pálpebras, um frio doloroso no epigastro. Sentia a cabeça óca e lhe parecia que todas aquelas detonações o rebentavam por dentro. Teve náuseas e apertou o ventre para conter as vísceras que se moviam, produzindo-lhe uma angústia espantosa. O coronel, que não o perdia de vista, foi em seu auxílio. O caudilho sabia bem o que eram esses desfalecimentos, essas covardias momentâneas que acometem os corações varonis, quando se escuta pela primeira vez o canto lugubre das balas. Parece que todos aqueles projéteis vão a incrustar-se no corpo, que se é alvo de todos, que não há meio de fugir à morte; mas, depois, quando se sentiu já passarem muitas centenas de chumbos mortíferos, a confiança renasce e se chega a crer na invulnerabilidade. Muito pouco são os que não têm experimentado esse terror do primeiro fogo, e o coronel, que vira muitos bravos tremerem em tais circunstâncias, e não ignorava que a frase rude e até mesmo os golpes de sabre são o melhor remédio para fazer com que voltem à serenidade tão necessária nessas ocasiões, dirigiu ao jovem quatro palavras que foram quatro chicotadas no meio do rosto; e depois, enquanto carregava tranquilamente a carabina, ajuntou, tuteando-o pela primeira vez:

— Se afrouxares, eu mesmo te meto o ferro!...

Aquilo foi seco e curto, lacerante como um insulto, queimante como uma bofetada. O jovem endireitou-se, olhou para a tropa com orgulho, disparou a arma e gritou com toda a força dos pulmões:

— Viva a revolução! Morra Santos!

Santos!... Esse nome causava uma indignação ilimitada. Ele se havia erguido contra todo um povo viril e grande. Havia dominado a todos os ativos; havia abatido a todos os rebeldes; tinha escarnecido de todas as liberdades, e, quando passava de relance, recamado de ouro e seguido por sua escolta de negros gigantes, pelas ruas de Montevideu, os corações distilavam ódio, porém, as fronteiras se inclinavam respeitosamente. A majestade sempre se impõe, embora essa majestade seja o crime!

## III

A retirada continuava cada vez mais penosa para os revolucionários. As forças governistas aumentavam sempre; o canhão começara a troar, e ali no baixo, a massa negra e compacta da infantaria rebelde sofria baixas e mais baixas, satisfazendo com um furacão de vivas e de morras o desejo — reprimido pelos chefes — de lutar doutra forma e doutro modo. Cipriano, cujo entusiasmo crescia a cada momento, sentia-se contrafeito, parecendo-lhe pequeno aquele drama que havia sonhado de uma grandeza imponente. Em suas horas de febre, quando, metido no quarto pela noite alta, se entregava às suas largas meditações e vivia a vida antiga das contendas de antanho, evocava os corpos de infantaria nativa, carregando galhardamente e semeando o terror a golpes de baloneta; as tropas de cavalaria, de impulso formidável, fazendo tremer o solo com os cascos dos potros, e caindo com impeto de furacão sobre os atônitos quadros inimigos; e isso tudo acompanhado de músicas marteais, de furiosos alaridos, de espessa nuvem de fumo negro e de vermelhos resplendores de imensa fogueira. Comparada com





seus sonhos fantásticos, a realidade era pálida e sem brilho. Aquele lento tiroteio a várias centenas de metros, sem distinguir quase o adversário; aquela odiosa marcha em retirada e até o fragor do combate — que se lhe antolhava inferior ao estrondo produzido pelas bombas e pelos foguetes numa noite de festejos de Carnaval — o feriam, fazendo-o ambicionar algo maior, mais solene, mais digno da causa que se discutia e do entusiasmo que os impulsionava.

Não podendo guardar silêncio por mais tempo, dirigiu-se ao caudilho, aquele caudilho que havia imaginado bramindo como um leão ao carregar a lança, como nos tempos da "taquare" e do chuço de bambú, e que via rudo, tranquilo, fazendo fogo do mesmo jeito que os soldados, sem excitação nem entusiasmos estrondosos.

— Mas isto vai continuar sempre assim? — disse-lhe.

O chefe, encolhendo os ombros respondeu:

— Sei lá!

Pura verdade: ele tampouco sabia. Os chefes mandavam marchar e ele marchava, do mesmo modo que havia

tomado a lança e ensilhado o cavalo de guerra, quando os amigos da causa lhe disseram que era necessário ir para a luta. Haviam-lhe mudado o teatro, a ele, homem de outra época, acostumado às jornadas inverossímeis e aos esguetamentos de raposa no tempo em que não havia cercas de arame, a ele, treinado nas cargas de cavalaria, no combate corpo a corpo no fervor do entreveio, naquela época em que os canhões de mecha e os fusis de espoleta eram apenas acessórios das batalhas!

A medida que o tempo transcorria e que a derrota se ia desenhando com a linha sempre crescente das forças governistas, o oficial se remexia inquieto, e o caudilho se abismava em sua impassibilidade sombria. O canhão troava sem cesar; o fumo, cada vez mais denso, obscurecia a cena, e a fuzilaria, contínua, infatigável, lançava o enxame silvador de seus terríveis insetos de chumbo.

Chegaram-se a uns palmares, cujos grandes penachos voavam a cada instante arrancados pela metralha. Às vezes caíam os cachos enormes com o fruto maduro e apetecível. Um gritaria infernal subia das filas da infantaria

rebelde, que combatia estendida em guerrilha. Os vivos e os mortos enchiam o campo, frenéticos, furiosos, heroicamente desesperados.

O jovem ajudante que estava observando a rapaziada, não pôde reprimir o entusiasmo e, dirigindo-se ao chefe, exclamou:

— Como eles são valentes e patriotas!

— São guapos, — replicou o caudilho; e logo acrescentou em voz baixa, sem olhar para ele: — Mal empregado...

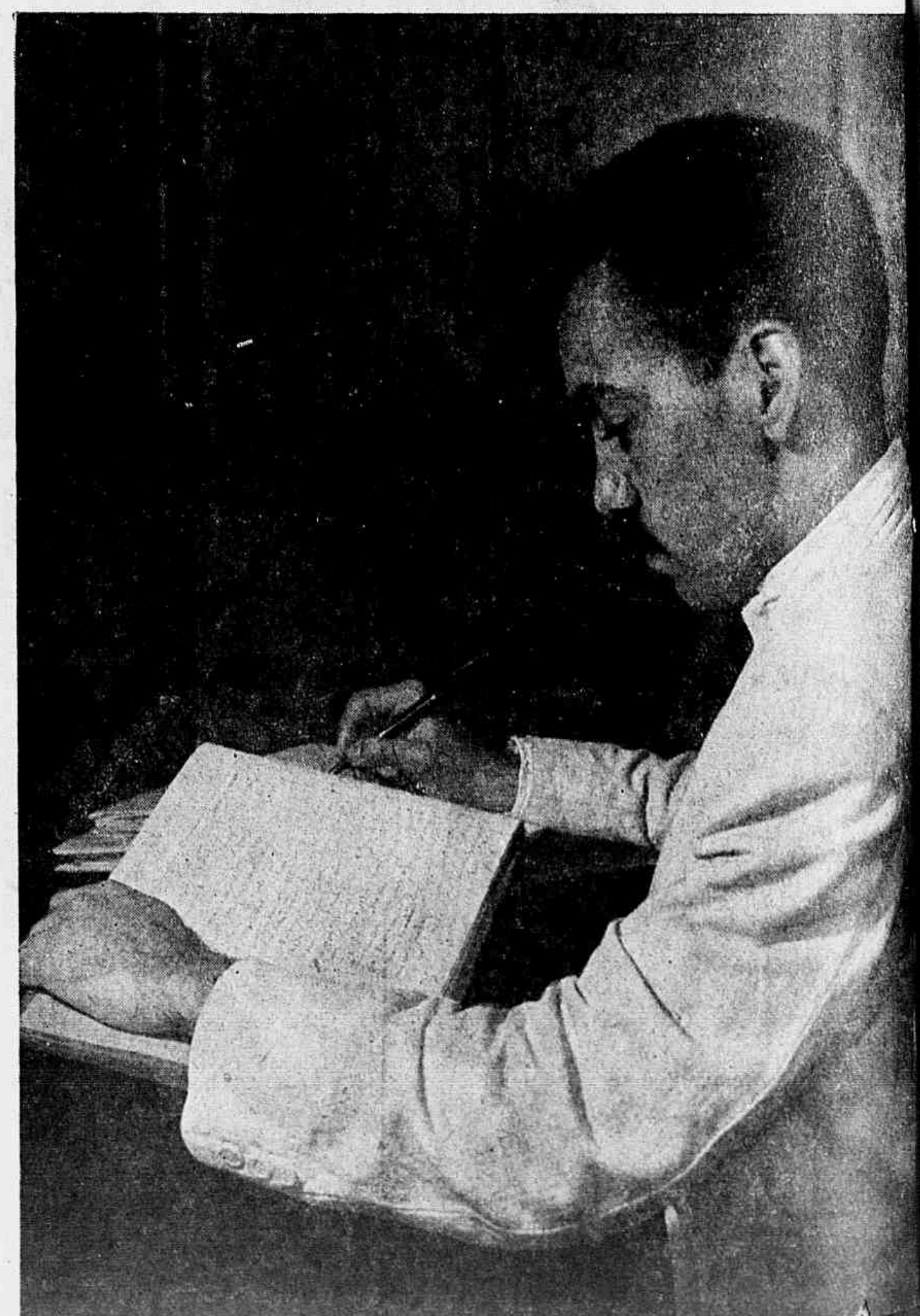
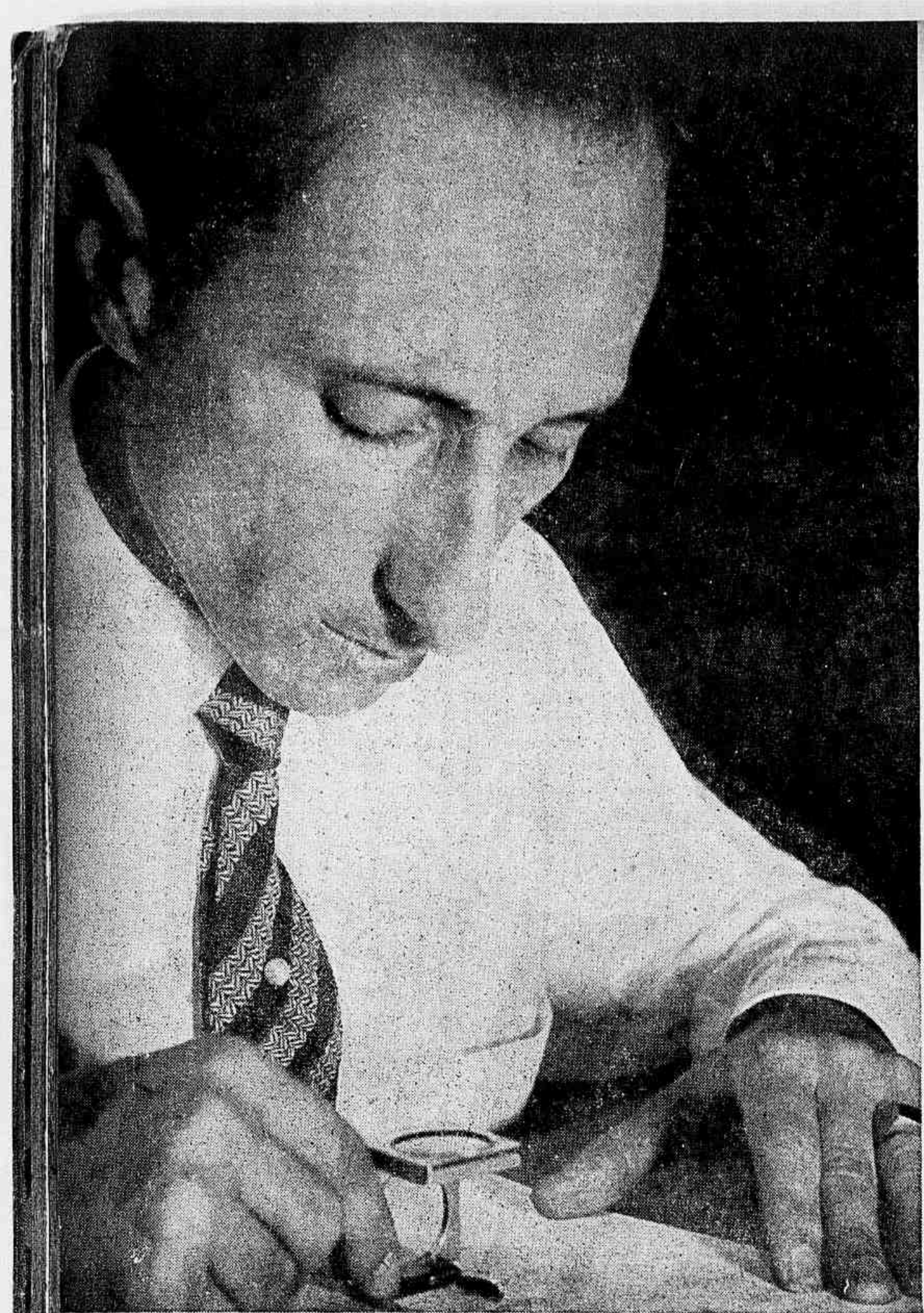
Guapos, patriotas, sem dúvida. Nunca os julgara covardes. Para os homens da sua tempera, a coragem era coisa tão comum como a beldroega nas hortas e a chilca nas coxilhas. E, quanto a patriotismo, quem poderia disputá-lo a eles, os primeiros chegados à cena, os que escutaram o tremendo ruído das cadeias brasileiras rompidas a golpes de sabre em Sarandi, pulverizadas a canhões em Ituzalingo; a eles, que nasceram respirando a atmosfera caldeada e aprenderam a odiar ao forasteiro e a amar o rincão desde pequenos; a eles, que, desde as fragosidades das serras, ou desde a sombra do bosque, onde pro-

curaram refúgio para afiar a garra, viram suas casas ardendo, viram roubar-lhes os bens e assassinar os irmãos; a eles, enfim, que apareciam no campo da luta, espontâneos e silenciosos, sem cantos de guerra nem música de clarins, e ofereciam o braço e a alma, e davam tudo e não pediam nada, nem sequer renome, nem sequer um retalho de glória, um ramo de louro para as fronteiras vencedoras, ou um galho de palma para seus cadáveres de heróis... Já acostumado com a vida tranquila de trabalho, o caudilho havia perdido a fé nas revoluções. Os pobres gauchos regavam com o seu sangue para "servir de escada para os doutores", os políticos de fraque preto e chapéu de feltro, de maneiras finas e sorrisos amáveis, de grandes promessas e de almas mais negras do que boca de "salamanca", com mais rodeios do que um caminho e mais escamas que um "dourado"... No entanto, cedendo aos repêlões do instinto, às alucinações dum patriotismo semi-bárbaro, de encarniçamento inconsciente, e ao mágico prestígio do símbolo partidário, acabava sempre entregando-se, ou

(Cont. na pág. 48)











Ao alto: O professor Roberto das Neves mostra ao repórter a carta do consultante que lhe quebrou a cabeça por não se conformar com a sinceridade do julgamento do grafólogo. "A profissão é arriscada — diz-nos o entrevistado — Já sofri quatro agressões devido à sinceridade dos meus julgamentos". Em baixo: O doutor Roberto das Neves, fundador do Instituto de Pesquisas Grafológicas do Rio de Janeiro, examinando no seu escritório os caracteres da carta de um consultante. Cuidado, senhores, quando escreverem qualquer carta a quem entenda um pouco de grafologia!

# GRAFOLOGIA

## RAIOS X DA PERSONALIDADE

OS CASOS DREYFUS E O DO PRESIDENTE BERNARDES, DOIS SENSACIONAIS TRIUNFOS DA GRAFOLOGIA — COMO TIRAR O SEU "RETRATO" GRAFOLÓGICO — UM PERIGO PARA OS NOIVOS INTERESSEIROS — DESCOBRINDO CRIMES À MANEIRA DE SHERLOCK HOLMES — DESVENDANDO O CARÁCTER DE FRANCO, GETÚLIO VARGAS E ARTUR BERNARDES — O PROFESSOR ROBERTO DAS NEVES JÁ APANHOU QUATRO VEZES EM CONSEQUÊNCIA DE SUA EXTREMA SINCERIDADE...

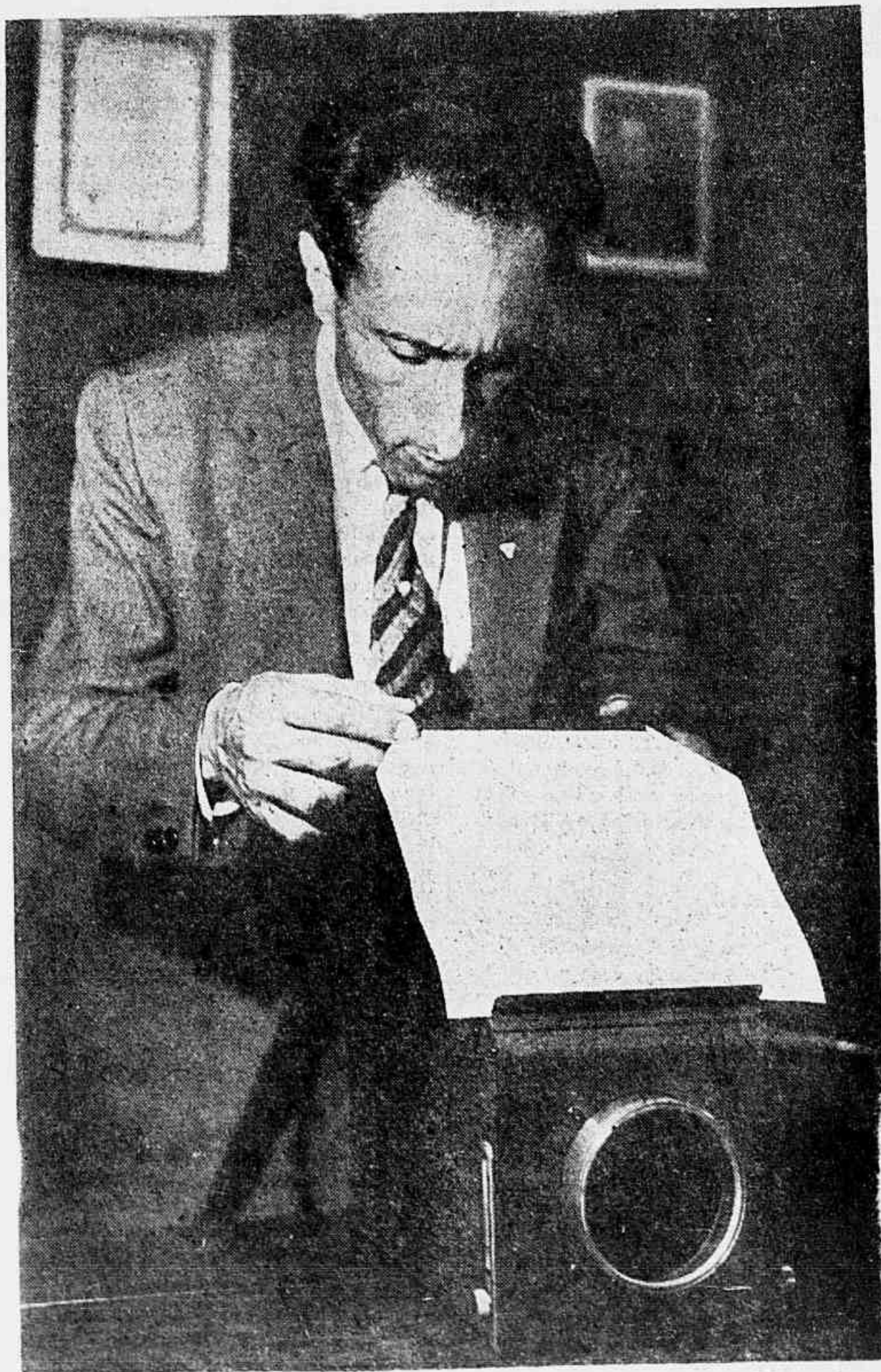
Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

**E**STA reportagem vai mostrar o lado prático da Grafologia, que teve um começo empírico há um século atrás e que começou a ser estudada como ciência lógica, racional, há quase cinquenta anos. Que é grafologia? Segundo Charles Richet, "a mentalidade profunda dos indivíduos, o subconsciente, pode ser analisado pela sua escrita. Se são desordenados e arrebatados, a escrita será incoerente; se são pretenciosos e vaidosos, haverá na sua

grafia sinais inequívocos das imperfeições do "eu". Há uma variedade enorme de espécies de escritas que apresentam aos olhos estudiosos do grafólogo uma infinidade de caracteres que, combinados e traduzidos por meio da ciência grafológica, exprimem fielmente o temperamento da pessoa". Pierre Janet, psicólogo e fisiólogo do "College de France", definiu: "A escrita é uma fita cinematográfica dos atos do indivíduo, um documentário precioso. Por isso a

Na página ao lado: — Ao alto, à esquerda: o grafólogo com o auxílio de uma lente examina cuidadosamente todos os caracteres das letras. A maneira de cortar os "tt", de pingar os "ll" e mil outras particularidades denotam não só o caráter do seu autor, como suas tendências. A graciosa lourinha, no alto da página, depois de estudada sua letra ele respondeu: — "Desista de fazer novos versos, menina, porque você não tem jeito para isso." Em baixo, outros dois jovens que submeteram sua caligrafia ao professor Roberto das Neves, no "test" relâmpago que fizemos com esse grafólogo na Associação Cristã de Moços, sede provisória do Instituto Grafológico que dirige. Muitas firmas da cidade não admitem empregados sem um prévio estudo da letra dos candidatos pelo grafólogo.





claro por minha honra e  
 a minha fé em Deus, que  
 o autor do roubo de 90.000.00  
 a importância de 90.000.00  
 a tica do meu junho do corrente  
 e na cara de nossa nati-  
 encia, a sua Valparaíso n.  
 o, na Tijuca, para asse-  
 inuar uma medida que pode  
 ar resultado.  
 Com toda simpatia e admiração,  
 Arthur Bernardes.

Rio 24-8-42

Ao alto: Trecho da declaração obtida pelo grafólogo Roberto das Neves, de um funcionário que havia praticado um desfalque de noventa mil cruzeiros no estabelecimento onde trabalhava. Esse desfalque era até então um mistério para a Polícia Técnica. Em baixo: Este é o retrato grafológico do deputado Arthur Bernardes, ex-presidente da República. "Inteligência mediana, apaixonado até o despotismo na defesa dos seus pontos de vista. Quanto à parcimônia nos gastos é quase um "pão duro". Moral rígida e muito honesto".

psicologia tem de socorrer-se da grafologia". Outro grande psicólogo, Max Nordau, afirmou que "a escrita é a auto-inscrição dos fenômenos psíquicos". Determinar o caráter de uma pessoa pela análise de sua letra, observando-se com minúcia a velocidade, a pressão, a forma, a direção e a continuidade dos traços, constitui o objeto dessa ciência.

Embora seja a grafologia ciência subsidiária da psicologia, um perfeito grafólogo deve ser um homem de cultura multiforme, conhecendo psicanálise, medicina, filosofia, pedagogia, etc. Deve ser um douto, na expressão exata da palavra. Apesar de contar meio século apenas de racionalização científica, a grafologia tem um acervo de grandes serviços prestados à humanidade, inclusive ao próprio Brasil, como passaremos a narrar, lembrando dois casos que agitam os meios judiciais do Brasil e da França.

#### O CASO DREYFUS

A primeira vitória da grafologia, de repercussão internacional, foi no célebre processo a que respondeu o capitão do exército francês Alfred Dreyfus, indiciado como traidor de sua pátria. Dreyfus fora acusado de ter vendido aos alemães importantes segredos militares franceses. A prova maior que o Tribunal Militar conseguira exibir contra ele fora uma carta, sem data e sem assinatura, mas escrita com uma letra que todos os juizes aceitaram como sendo a daquele militar. Apesar de suas nega-

tivas perentórias e constantes, foi condenado a prisão perpétua na famosa Ilha do Diabo, na Guiana Francesa. O que muita gente não sabe é que o principal acusador de Dreyfus, em cujo laudo sempre se basearam jurados e juizes, foi Monsieur Bertillon, diretor da Polícia Técnica de Paris e criador do sistema grafotécnico moderno (não confundir com grafologia), ainda em vigor na maioria dos gabinetes das polícias técnicas do mundo. Segundo a grafotécnica de Bertillon, a escrita era de Dreyfus, e, sendo assim, com sua autoridade de mestre no assunto, abriu caminho para a condenação do capitão francês. Foi quando apareceu em cena o célebre Dr. Crépeux Jamin, que opôs à grafotécnica da Polícia de Paris a sua grafologia científica, e, de acordo com esta, declarou ao mundo que a carta atribuída a Dreyfus não era de sua autoria, não fora escrita pelo seu punho, e, assim, já que aquela, a principal prova, acusatória, era falsa, tornava-se inocente o capitão Alfred Dreyfus. Muito debateram o Dr. Crépeux Jamin, mas sua ciência era nova, seu nome ainda sem autoridade e prestígio e não lhe deram ouvidos. Dreyfus foi condenado em Dezembro de 1894. Mais tarde porém, o processo, a instâncias do presidente, foi revisto e chegou-se à conclusão (novas provas e fatos tinham aparecido) de que se havia cometido um grande erro judiciário. Dreyfus era inocente. A grafologia conseguira seu primeiro grande triunfo. A França se interessou pela nova ciência e, hoje, na

Sorbonne, psicólogos de nomeada a ensinam aos estudantes, como subsidio para o estudo da psicologia.

#### O CASO DO PRESIDENTE ARTHUR BERNARDES

Experiências do maior rigor têm demonstrado a exatidão da grafologia e sua utilidade indiscutível em tribunais, sob os mais variados aspectos. Sabe-se hoje, por exemplo, que a falsificação perfeita da escrita é tão impossível como o "crime perfeito". E' que a escrita é uma criação estritamente pessoal e é trabalho

insustentável manter a contrafacção de todo um texto com homogeneidade, excluindo-se da falsificação os caracteres pessoais do próprio íntimo do falsificador. O grafólogo hábil reconhece a fraude tão bem como se o falsificador tivesse deixado impressa nela a sua impressão digital. E' muito conhecido o caso de uma carta difamatória que foi atribuída como sendo de autoria do senhor Arthur Bernardes, quando este era candidato à presidência da República e que colocou a honra do ilustre mineiro em grande cheque. Mais uma vez a grafotécnica de Bertillon fracassou. Uma cópia do documento foi mandada à Polícia de Paris, onde pontificava no gabinete técnico o célebre Locard, discípulo e aperfeiçoador do método de Bertillon. Locard estudou o documento, confrontando-o com manuscritos autênticos do senhor Arthur Bernardes, e terminou por afirmar que a carta difamatória fora escrita pelo ex-presidente. A letra, quanto à forma, era tão idêntica, que o próprio senhor Arthur Bernardes — ao que se conta — exclamara certa vez: — "A letra é minha, mas não fui eu quem escreveu a carta". Lembraram-se da grafologia e, consultado um grafólogo brasileiro, este declarou, categoricamente, depois de algumas horas de estudo, que havia ali uma imitação muito perfeita, que a carta fora forjada por um hábil calígrafo. Realmente, anos depois, surgiu à luz toda a verdade. A grafologia, antecipando-se à investigação da justiça, reconheceu a inocência do sr. Arthur Bernardes. Estes dois exemplos citados, de auxílio prático e infalível à criminologia, revelam, entretanto, apenas, uma das facetas dessa arte que apresenta em outros campos novos pratinhos à humanidade, conforme veremos a seguir.

#### O "RETRATO GRAFOLÓGICO"

Quando o céptico por temperamento ouve falar em "retrato grafológico" faz um ar de descrença e com o intuito de menosprezar um fato que desconhece, mas que nem por isso deixa de tentar explicar, qualifica a grafologia de "ciência oculta", sem nenhuma base, portanto, experimental. Desejamos esclarecer — e o fazemos por que muito temos sobre o assunto — que informa muito mal quem confunde uma coisa com outra. Nenhum dos grandes grafólogos, como, por exemplo, Camilo Baldo, Walter Scott, Crépeux Jamin, Freud, Adler e outros considerou-a como arte ontológica. Faculdades de renome, cultivadoras apenas das ciências experimentais, como a da Sorbonne, incluem-na em seu programa de estudos psicológicos, como elemento de correlação indispensável. O retrato psicofisiológico feito por um grafólogo emérito não é bruxaria (conquanto assombre pelas suas revelações), mas é, sim, um diagnóstico emerso de bases sólidas. Pelos caracteres da escrita avaliam-se e julgam-se o temperamento, o valor da inteligência, o caráter e a constituição física de qualquer pessoa. E' claro que não se prevê o futuro, mas indicam-se tendências, descobrem-se

Cariñoso recuerdo del Generalísimo para nuestro diario

Para F. E. con mi fe  
 en vuestro.  
 Arrriba España  
 Franco  
 Sevilla = 2. Abril 1947

AUTOGRAFO DEL GENERALISIMO

Para F. E. con mi fe en vuestros. ¡Arrriba España!

Diz a grafologia a respeito da personalidade do ditador espanhol Francisco Franco: — "Intelectualmente é um mediocre, moralmente, um inferior. Exagerado, fanfarrão, mentiroso, desleal, cruel, vingativo e de um comportamento sexual suspeito".



inibições, revelam-se desejos e ambições doentias, que servem não só de aviso para o paciente estudado, permitindo-lhe um melhor policiamento das suas fraquezas, como também evitam que algo de mal aconteça a terceiros, que poderão se precaver a tempo contra as anomalias inconscientes de seus empregados ou engodos conscientes de falsos amigos. Este é um ponto de interesse vastíssimo, porque — como vamos relatar — interessa a toda gente: aos noivos, aos sócios de uma empresa, ao departamento de pessoal das grandes firmas e ao próprio indivíduo particularmente.

#### UMA APRESENTAÇÃO NECESSÁRIA

Antes de oferecermos exemplos práticos de alguns retratos grafológicos, vamos apresentar aos leitores o estudioso grafólogo, dr. Roberto das Neves, que teve a gentileza de acompanhar a reportagem no estudo que realizamos sobre essa ciência. O dr. Roberto das Neves é doutorado em Filosofia e História pela Universidade de Coimbra, especializado em grafologia pela "Société de Graphologie" de Paris, e fundador do Instituto de Pesquisas Grafológicas do Rio de Janeiro, do qual é diretor. O nosso entrevistado conta ao reporter casos curiosos da sua profissão, que ele vem exercendo há longos anos, desde Espanha e Portugal, quando fundou nesse último país, um instituto grafológico similar ao da nossa capital. Diz-nos o professor Roberto das Neves. — A profissão de grafólogo, quando exercida com absoluta idoneidade e honestidade profissional, traz consequências muitas vezes perigosas para o perito. Para ilustrar minhas afirmações, basta dizer-lhe que já sofri quatro agressões de consulentes que não se conformam com a realidade das minhas respostas. Isso porque prezamos-nos de fazer grafologia séria, científica, grafologia que se pode ensinar, como de fato o fazemos em nosso Instituto graças ao seu método pedagógico, que nada tem de oculto. Não fazemos grafologia inútil, dubia nas suas respostas, melíflua, mero pretexto para galanteios e jogos de salões.

#### UM CONSULENTE QUEBRA-LHE A CABEÇA

O Dr. Roberto das Neves conta nos, depois, um caso relativamente recente, que lhe aconteceu, motivado pela sua sinceridade em confessar ao seu consulente o seu verdadeiro caráter. Um senhor que se encobriu sob o pseudônimo de P. C. pediu-lhe por carta que fosse sincero no seu julgamento, dizendo-lhe tudo que pudesse saber a seu respeito pela carta que lhe enviava. A resposta ao senhor P. C. foi textualmente a seguinte:

"A sua letra reflete as seguintes características de sua personalidade: a) Hipertrofia do "eu", isto é, superavaliação da sua pessoa (julga-se, erradamente, muito inteligente, culto, importante). Possui egocentrismo,

egofilia, orgulho patológico. E' um satisfeito de si, que se ornamenta, pavoneia e incha de vaidade, é um megalômano, um toleirão ridículo, um pretensioso, um artificial de pouco valor. b) Desconfiança hostil ao meio ambiente — que o faz sofrer da mania de perseguição e da reivindicação. E' um impertinente. c) Falsidade do julgamento: — a sua vaidade e o seu orgulho desmedido levam-no a empilhar tudo o que observa. Tem uma tendência natural para desvirtuar os fatos, é um mitômano, ou, em linguagem mais ao alcance de sua compreensão, um refinado mentiroso. d)

Inadaptabilidade social — Como consequência do que apontamos e ainda da instabilidade, da volubilidade extrema que o caracteriza, varia constantemente de profissão e de horizontes. E' um inadaptado. Esses quatro traços psicológicos dominantes (hipertrofia do "eu", desconfiança hostil votada ao meio ambiente, falsidade de julgamento e inadaptabilidade social) caracterizam a sua constituição psicopática: o senhor é um paranoico. Não um paranoico de gênio, como o foram Rousseau e outros, mas, quando muito, um paranoico de mau gênio. Sua letra diz mais: o senhor procura captar simpatias para enganar, quer dizer, é um hipócrita teimoso e grosseiro. Sua imaginação é forte, mas indisciplinada."

Concluindo esse rosário de revelações, o professor Roberto das Neves terminava desculpando-se de sua rudeza profissional, mas o seu próprio dever assim o obrigava. O senhor P. C., entretanto, não se conformou em se ver tão minuciosa e cruamente dissecado. Foi à redação da revista em que o grafólogo trabalhava e, à traição, atacou-o, prostrando-o no chão com uma forte pancada na cabeça.

— Esse episódio — conclui o entrevistado — é um dos muitos que demonstram como o homem se conhece tão mal a si mesmo e como reluta em se defrontar com sua verdadeira personalidade. Não podendo arrazar o retrato psicológico, veio em cima do grafólogo com ânsias de aniquilá-lo.

Quando o grafólogo afirmou ao presidente da companhia: — "O ladrão é um dos diretores da empresa", aquele por pouco não sofreu um colapso. Não acreditava. Mas o grafólogo estava certo e como prova aí está a carta de agradecimento assinada pelo presidente da companhia.

#### O CASAMENTO E A GRAFOLOGIA

Além da sua ajuda na criminologia e na seleção de valores e aptidões no ramo comercial, como mais adiante relataremos, outra das aplicações práticas da grafologia verifica-se no terreno amoroso, servindo como uma espécie de chapa radiográfica dos sentimentos realmente professados pelos noivos ou namorados. O professor Roberto das Neves discorre sobre esse aspecto:

— E' da maior utilidade a grafologia nos problemas do casamento e da eugenia. Na maior parte das vezes, os noivos, quando chegam ao casamento, mal se conhecem. Conscientemente ou não, eles ocultam os seus defeitos e as diferenças do temperamento — e daí as vulgares desilusões post-matrimoniais e os dramas conjugais de toda a ordem.

E o professor ilustra com um exemplo:

— Certa vez, fui procurado por uma senhorita de nossa alta sociedade, herdeira de uma enorme fortuna. Tendo-se apaixonado em poucas semanas por um rapaz quase desconhecido e marcado, precipitadamente, a data do casamento, desejou, à última hora, conhecer as qualidades reais do noivo. Trouxe-me algumas cartas e bilhetes que pôde conseguir com a letra do seu amado. Depois de metucioso estudo, cheguei à conclusão de que o caráter do rapaz — que não conhecia pessoalmente, até então, — era o mais baixo possível. Ambicioso, hipócrita e sem

(Cont. na pág. 45)

Suicido-me porque sou um miserável, depois de um longo período de reflexão, decidi escrever a esta caixa, oculte o meu verdadeiro amigo e deixe congelar minha gente inocente. Sinceramente.

Serve a presente para lhe agradecer os seus serviços profissionais no caso do roubo verificado nesta Companhia, caso esse solucionado em 48 horas, com a descoberta do autor e entrega de uma grande parte do produto do roubo.

Apraz-me ainda constatar que os dados que lhe podia fornecer eram nulos e que o amigo conseguiu encontrar o criminoso sem qualquer indicação nossa de mera suspeita, localizando nos longínquos subúrbios desta cidade.

Com os nossos agradecimentos aceite os protestos da nossa estima e consideração.

FINANCIAL ADMINISTRADORA LDA

Ao alto: "Suicido-me porque sou um miserável" — é o começo desta carta, escrita sob ditado e pela qual o criminoso foi identificado pela perícia grafológica, quando já se julgava impune, à salvo de qualquer suspeita policial. Em baixo: Outro atestado da eficiência grafológica: o diretor de um estabelecimento comercial agradece ao grafólogo o resultado "sherloqueano" obtido na descoberta de um roubo. O mistério indecifrável revelou-se com um simples estudo da letra dos empregados da firma.

Prezado Senhor,

Queremos por esta forma agradecer-lhe e felicitar-lo pela maneira rápida e feliz como o Sr. descobriu, segundo o método grafológico de sua autoria, o autor do desfalque praticado nesta Companhia e ainda a maneira inteligente como obteve do responsável a mais ampla confissão do seu criminoso ato.

Em face da sua vitória, não podemos deixar de confessar-nos sinceramente crentes no seu método e na sua perícia, e prometemos-lhe, por isso, utilizar, de hoje em diante, os seus serviços profissionais, quer na seleção do pessoal da nossa Empresa, quer na investigação de defraudações que por ventura venham a registrar-se, de futuro, nesta Companhia.

Dando-lhe o direito de fazer desta o uso que entender, apresentamos-lhe as nossas melhores saudações,

Atenciosamente  
CRISTAB S/A

Abelino Inglez  
Presidente



# A VIDA DE ASOKA

"O MATADOR DE HOMENS"  
(CERCA DE 250 A. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

**A**SOKA é o único rei registado pela história que, apesar de vitorioso, renunciou à guerra. Seu avô, Chandragupta, fundara sua dinastia sobre a intriga e o homicídio. Seu pai, Bindusara, foi apelidado Amitraghatta, "O Matador de Homens". Mas Asoka, que, como os seus predecessores, começara o reinado com fraudes e matanças terminou-o com sabedoria e clemência.

A cidade de Pataliputra, capital da dinastia de Chandragupta, era uma das sete maravilhas da antiga Índia. Centro das conquistas e do comércio orientais, tornara-se afamada através da Ásia e da Europa. O seu poder se estendia do golfo de Bengala ao mar de Omã, e de Ujjain até o Himaláia — um território quase igual em tamanho à atual Índia inglesa. Quase todos os governantes da Ásia prestavam homenagem à casa real de Pataliputra, pois o rei tinha um poderoso exército de um milhão de homens — quatro vezes maior do que as forças que a Inglaterra mantém hoje na Índia — e estava sempre pronto a lançar-se sobre qualquer soberano que tivesse a imprudência, ou a infelicidade, de incorrer no seu desagrado.

Tal era o reino em que Asoka nascera. Seu pai, tendo ouvido falar da sabedoria dos gregos, quis dar-lhe um tutor dessa nacionalidade. Com esse fim escreveu a Antíoco, rei da Síria, pedindo que lhe comprasse um professor de grego e lho remetesse com o próximo carregamento de figos e vinho de uvas. Antíoco respondeu que tinha grande prazer em mandar-lhe o vinho e os figos; e que sentia não poder incluir o professor na remessa, visto que a lei grega não permitia a venda de professores.

Destarte, Bindusara teve de contentar-se com dar ao filho uma educação hindu, em vez de grega.

A juventude de Asoka — o nome significa "Sem Tristeza" — foi uma sequência ininterrupta de prazeres régios. O pai presenteou-o com duas províncias, de cuja renda tirava Asoka com que custear os seus divertimentos privados e espetáculos públicos. Tornou-se célebre, em toda a Ásia, como um príncipe pródigo e de gostos extravagantes.

Pela morte do pai (272 A. C.), assumiu as rédeas do governo, e demonstrou desde o começo que a mão que segurara a taça de vinho também sabia brandir o açoite. A sua coroação, segundo contam, foi celebrada com uma orgia de sangue, pois a dinastia de Chandragupta era nova e havia muitos pretendentes ao trono. Ao que parece, Asoka não poupou nenhum deles. Os historiadores antigos relatam que ele matou noventa e nove dos seus irmãos, só perdoadando um — exagêro evidente mas exagêro que provavelmente contém um germe de verdade. De qualquer modo, sabemos que Asoka não ficou firmemente estabelecido no trono senão três anos depois da morte do pai.

Os primeiros anos do seu reinado foram uma série de crueldades, orgias e guerras. Ele é descrito, durante aquele período, como um "monstro de sensualidade e perversidade". Suntuosas festas na corte e escravos famintos nos campos. Palanquins de ouro para as cortesãs do imperador, e andajós e desespero para as massas trabalhadoras. Corridas de cavalos e de touros; com-

bates de feras e de gladiadores; caçadas régias, em que, para qualquer súbdito, atravessar-se na trilha destinada ao imperador significava a morte — eram esses alguns dos divertimentos favoritos de Asoka, no início do seu reinado. E, acima de tudo, a vitória sobre os seus inimigos e impostos excessivos para custear-lhe os divertimentos e as guerras. Era esse o costume dos antigos príncipes da Índia. Até aqui, Asoka não se mostrara melhor do que tinham sido o pai e o avô.

Então, em 261, começou a mais cruel e mais decisiva das suas guerras. Decisiva em mais de um sentido, pois não ia dar-lhe a sua maior vitória, mas também mudaria o curso da sua vida. Empreendeu esta guerra contra Calinga, reino situado na costa oriental da Índia. Não contente com o enorme império que lhe legara o pai, queria Asoka, em sua ambição insaciável, incorporar este território aos seus.

Foi um trabalho difícil e dispendioso esmagar essa nação que combatia por sua independência. E a vitória, conquistada com dificuldade, foi uma das mais celebradas nos anais da Índia antiga. Seu exército matou cem mil homens, levou como escravos o dobro deste número e trouxe a penúria e a enfermidade a muito mais de um milhão de almas.

Tinha alcançado agora uma alta eminência no caminho da glória. Se continuasse poderia atingir, nas suas conquistas, tal altura que superaria até mesmo os feitos de Alexandre. Mas Asoka não o quis. A última vitória encherá-o da "tristeza da saciedade". No curso das suas viagens de conquistador viera a sofrer a influência do Budismo. Basta de vitórias. Basta de ódios, de matanças e de glória. Asoka, o feroz guerreiro, se convertera subitamente ao evangelho budista de paz — uma das mais estranhas conversões em toda a história da raça humana.

## II

A conversão de Asoka parecerá menos estranha, talvez, se considerarmos a semelhança entre a sua mocidade e a de Buda. Este, como Asoka, fora príncipe dum poderoso império. Também como Asoka, tivera uma juventude alegre, frívola e estouvada. Mas um dia, andando a cavalo pelo campo, presenciou três cenas lastimosas — um velho decrepito cujo corpo se decompunha em vida; um mendigo atacado de asquerosa doença; e um cadáver por enterrar, inchado, desfigurado e coberto dum enxame de moscas, como um monte de imundície. Estas cenas de sofrimento despertaram no coração do jovem príncipe um acorde inesperado de simpatia humana. Resolveu fazer tudo que estivesse a seu alcance para solver o mistério da vida e aliviar a desgraça da morte.

Com esse fim renunciou ao seu reino e partiu em humilde peregrinação, buscando a sabedoria. Uma noite, quando estava sentado, meditando, sob a árvore Bô, e tinha o mundo adormecido aos seus pés, o véu que se interpunha entre o céu e a terra desceveu-se ante seus olhos e ele avistou a Verdade. Desde aquele momento Buda decidiu ensinar essa Verdade, tal como a tinha visto — a significação do destino e a doutrina da Boa Vida.

Eis aqui, em resumo, a filosofia de

Buda e o seu evangelho da Boa Vida, como foram aceitos por Asoka:

Toda alma humana passa por várias migrações neste mundo, em seu caminho para o céu. A princípio, sob a influência dos antigos mestres indus, Buda seguiu a concepção popular da transmigração das almas. Isto é, ensinava que a alma individual renasce várias vezes, viajando dum corpo-prisão a outro, até que, libertada por fim da necessidade de renascer, se dissolve no Nirvana, ou felicidade inesfável. A sua própria alma, dizia Buda aos discípulos, tinha já habitado o corpo duma codorniz.

Este conceito rudimentar da transmigração da alma transformou-se numa idéia mais aperfeiçoada e poética à medida que Buda ia avançando em anos. Posteriormente, não mais representava a alma do homem a sofrer uma série de migrações pessoais. Ao invés, começou a ensinar aos discípulos que cada pessoa é como um facho cuja chama é transmitida a outro facho, e assim sucessivamente, até que, por fim, se dissolve na chama universal da vida eterna. Ou, para empregarmos a sua famosa metáfora dos sinos, cada vida é uma nota que soa numa sala aberta e faz vibrar em uníssono outros instrumentos semelhantes ao longo dos corredores do tempo, até que a nota é por fim absorvida na universal harmonia dos céus.

Desvincilhada de suas imagens poéticas e reduzida aos seus termos mais simples, esta doutrina, como foi ensinada por Buda e aceita por Asoka, significa que toda vida tem consequências importantes para o mundo, e que cada ser humano é parte integrante da humanidade.

E que têm estas coisas que ver com a doutrina da Boa Vida? Simplesmente isto: Todos nós formamos uma família de irmãos num mundo de sofrimento — e esse parentesco inclui não só todos os membros da raça humana, mas todas as criaturas que respiram, sofrem e morrem. Todas as coisas pequenas eram para Buda (e para Asoka, depois de sua conversão) "um poema de piedade", e ele compreendia com igual ternura a linguagem da angústia humana e o grito inarticulado do animal. Como Moisés,

deu a seu povo dez mandamentos, o primeiro e mais importante dos quais era: "Não destruirás a vida em nenhuma das suas formas". Já que não temos o poder de criar, não temos também o direito de destruir. Esta era a pedra angular dos ensinamentos de Buda.

Os outros princípios cardiais do seu sistema de ética eram a moderação, a paciência e o amor.

**Moderação.** "Nada em demasia" aconselhava Buda aos seus discípulos. Preconizava o domínio de si mesmo, em contraposição à tendência para o desregramento. Opunha-se igualmente à embriaguez da cobiça, à embriaguez do poder e à embriaguez da conquista. Todas as três terminam por levar à loucura. Ser excessivamente ambicioso, almejar o domínio sobre os fracos e a vitória na guerra, são sintomas dum alma enferma. Porque a vitória é a mãe da morte e do ódio aos nossos semelhantes, que é pior do que a morte.

**Paciência.** Como poderemos dominar essa sede de conquista que mora no coração humano? — Pelo paradoxo da paciência, disse Buda. Pagando o ódio com a benignidade. Pois só dessa maneira poderéis fazer com que, de um mundo de crianças rixentas venham a sair homens e mulheres pacíficos. Ensinou ao povo o heroísmo de sofrer sem fazer sofrer e a coragem de morrer sem matar. Acima de tudo, ensinou-lhe a paciência — a contemplativa paciência do Oriente — e a tolerância. O budista é uma das pessoas mais tolerantes do mundo. Ao contrário dos adeptos de outras grandes religiões, nunca derramou uma gota de sangue em cruzadas "santas", e nunca perseguiu um único infiel por amor a Buda.

**Amor.** Buda ensinava, não a glória de Deus, mas o poder do amor. Era seu propósito "purificar o mundo pelo amor". Renunciou a um trono para viver entre os desherdados. O derradeiro ato da sua vida foi abençoar um mendigo que viera em busca dum palavra de conforto. Buda chegara aos oitenta anos de idade. Assaltou-o a doença quando comia em casa dum ferreiro — um dos seus discípulos mais obscuros

(Continua na pág. 19)



ASOKA



# Uma Catastrofe

A pequena loja nada rendia. Sentia-se que a liquidação estava iminente. Winslow não era homem para as adições, as subtrações e os cálculos exatos, de onde surgem as revelações imprevistas. A verdade só mui lentamente se lhe foi manifestando, muito embora ele sempre a tivesse pressentido. Foi um conjunto de circunstâncias que lhe proporcionou a convicção. Primeiramente, aquela série de cretones (quatro meias peças) que restavam; delas se haviam vendido cinquenta centímetros, o bastante para cobrir um banco. E aquelas fazendas a quarenta e cinco centimos, na Grande Rua, Brandershaten as vendia por vinte e cinco centimos, menos do preço do custo, evidentemente. (Brandersnatch contudo, podia perfeitamente deixar viver o proximo). Quanto áqueles barretes de cavalariça, de venda corrente, era preciso fazer novo sortimento. E isto

despertou no espirito de Winslow a lembrança dos negociantes por atacado, Helter, Skelter e Grab. Quanto lhes devia já?

Quando pensou nisso, Winslow estava perto do balcão, tendo diante de si uma grande caixa verde. Seus olhos de um pardo claro tornaram-se redondos, e o seu pequeno bigode desgrehado estremeceu. Dia a dia ele havia transferido o seu ajuste de contas. Refletindo nisso, ele deu a volta ao redor do balcão que o separava da escrivaninha do caixa, que estava situada em um ângulo. (Winslow tinha por sistema vender as mercadorias no balcão, entregar aos fregueses uma ficha e correr ele mesmo á caixa para receber o dinheiro, como se desconfiasse da própria honestidade.) Seu longo dedo ma-

(Cont. na pág. 36)

Conto de H. G. WELLS



Ilustração de ORLANDO MATTOS







Da esquerda para a direita: Henrique VIII de Inglaterra. Quem não conhece sua "vida particular" ilustrada pelo grande filme que consagrou o talento de Charles Laughton? Este Barba Azul da história inglesa mandava degolar suas mulheres sob pretexto da segurança de Estado quando desejava contrair novas núpcias. E' sem dúvida um companheiro perigoso para a bonita moça. Cu'idade! Não vá ela sofrer a mesma sorte impiedosa da bela Ane Bolena! Na corte de Luís XV havia mais amor mas menos sangue. O cavalheirismo francês não costumava ajustar contas com as mulheres por meio de carrascos. Aliás, os tempos também eram outros. Aqui vemos o jovem rei, que tanto gostava de mulheres e de prazeres mundanos, em companhia de sua favorita mais célebre, Mme. de Pompadour, a filha do povo que subiu milagrosamente os degraus da escada inacessível que conduz ao poder, para tornar-se a rainha não coroada da França. A beleza é sem dúvida uma arma poderosa. Na Malmalson. Uma atmosfera de calma e de alegria reinava na Malmalson, o castelo suburbano de Napoleão Bonaparte e da Impera-

## UM PASSEIO DO MUSEU

FIGURAS DE CÊRA REPRESENTAM PARA OS VISITANTES  
RICOS E FIGURAS DO PASSADO

Por MICHEL B. KAMENKA

(Especial)

(Fotos do Serviço Francês de I)

No palácio de Buckingham. Voltamos os olhos para o presente. A casa real inglesa se com um príncipe. Um romance de contos de fadas e talvez o presságio de uma nova Elizabeth de Inglaterra. A Musa entra no palácio de Buckingham. No trono, os seus parabens. O que é isso? O general Eisenhower está também na sua campanha. Será possível que o mestre de cerimônias tenha comido



Santa Helena. A musa segue a sombra do grande imperador. A morte fechou o drama. Estendido na sua cama de campanha, que o tinha acompanhado em tantas jornadas de glória, o grande soldado está repousando para a eternidade. O fiel Bertrand, comovido, reflete sobre as grandezas e as misérias da glória; e a Musa, triste e aflita, acompanha-o na sua meditação.

A curiosidade é um grande defeito da humanidade. Não sei se está catalogada entre os pecados capitais. Nem sei se nos círculos do purgatório ou do inferno de Dante se encontram pecadores que sejam punidos por causa deste pecado, mas o caso é que há muita gente que está morrendo de desejo de saber o que acontece atrás de cortinas abaixadas ou de portas fechadas. A humanidade tem a curiosidade do mistério, tanto no presente como no passado. Um desses mistérios é

o da história. Para o homem comum a história não é um jogo de forças ocultas e poderosas que regem os destinos da humanidade, mas uma simples e pitoresca sequência de acontecimentos que envolvem a vida dos personagens ilustres. O homem simples não gosta de abstrações. Ele quer um contacto direto e imediato, uma realidade visível que economize o esforço da imaginação e lhe proporcione uma emoção primitiva e direta. Quando pensa num personagem histórico quer,







# SEU ATRAVÉS SEU GRÉVIN

PARA VISITANTES CURIOSOS LANCES HISTÓ-  
RAS DO PASSADO E DO PRESENTE.

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Serviço Francês de Informações)

...o presente, a casa real inglesa está em regostio. A princesa Elizabeth vai ca-  
...fadas e tal... o presságio de um grande reinado futuro, tendo como protagonis-  
...a no palácio... Buckingham para apresentar à rainha-mãe, sentada na sala do  
...também na sala. Não envergou o uniforme de gala: está em traje  
...de cerimônias... nha com... tal erro? E' o segredo do Museu Grévin.

triz Josefina. Os "week-ends" não estavam ainda na moda. Mas a requintada Josefina havia já imaginado fugir da grande cidade. A uns vinte quilômetros de Paris havia organizado uma moradia encantadora dentro de um parque onde cultivava rosas. Existe ainda hoje uma variedade muito bonita, chamada "rose Malmaison", por ela criada. Nos salões da Malmaison, decorados pelos grandes arquitetos da época Percier e Fontaine, se encontram os maiores vultos da administração, do Exército e da cultura. Ali se preparavam as campanhas bélicas, os acontecimentos políticos, e se tocava música. Em companhia de um oficial da guarda imperial, a Musa está presente numa dessas reuniões. Depois de tantas alegrias e de tanto brilho, a Malmaison serviu de testemunha ao primeiro ato do drama final de Napoleão. Daí partiu o Imperador vencido em Waterloo para entregar-se aos ingleses, na esperança louca e fracassada de um gesto magnânimo da parte da Inglaterra. O caminho da Malmaison conduz em linha direta para Santa Helena.



Nos bastidores. O espaço é escasso. Todo o mundo sofre as consequências do aperto. O Museu Grévin não faz exceção. De vez em quando é preciso desmontar as figuras cuja popularidade está decaindo. Aqui vemos algumas cabeças que cederam a outras os seus lugares: um Carlitos dos primeiros tempos e algumas moças dificilmente identificáveis e desprovidas de penteados: "Sic transit gloria mundi".

antes de tudo, conhecer a cor de seus cabelos e seus coquetos pessoais. Por isso os livros muitas vezes indiscretos de memórias sempre tinham o favor do público. Quanto mais indiscreto, tanto mais lido, como o célebre "Anatole France em chinelas". Mas ainda assim é uma realidade relativa. Entretanto uma figura de cera com cabelos verdadeiros tem já um outro cunho de realidade, uma realidade anti-artística, mas evocadora de uma presença ilusória. Ver Marat, em cera, imitando carne e

osso, assassinado no seu banheiro por Charlotte Corday; ver Maria Antonieta na prisão da Conciergerie — eis como se pode alimentar uma imaginação primitiva e perturbar um coração ingênuo.

E' este contacto com realidades passadas e assim reconstituídas que estão procurando as massas de visitantes que enchem os museus tais como o de "Mme.

(Cont. na pág. 56)











Na página ao lado: a escultora Ola Cohn, trabalhando, no monumental painel decorativo da "Árvore das Fadas", em 1932. Ela levou três anos a fio para completar esse trabalho. Ao alto, à esquerda: Crianças contemplam a árvore maravilhosa, nos Fitzroy Gardens em Melbourne. A direita: Detalhe das singulares esculturas de Ola Cohn, na já famosa "Árvore das Fadas", de Melbourne.

## A OBRA SINGULAR DE UMA ESCULTORA AUSTRALIANA

TRABALHA EM UMA COCHEIRA E É UM ÍDOLO DA INFÂNCIA — DOIS LIVROS E UMA PEÇA NASCEM DA ESCULTURA.

Por MARGARET LAWRENCE

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

**O**LA Cohn mora perto de Melbourne, na Austrália, numa cocheira convertida em moradia, não longe dos Fitzroy Gardens, um vale muito bem cuidado, cheio de árvores, gramados e flores, à porta da cidade.

Está nos Fitzroy Gardens a obra que fez dela a escultora mais conhecida e querida da Austrália. Querida especialmente das crianças, essa obra chama-se a "Árvore das Fadas".

Outras obras mais sérias de sua autoria dão feições características às praças públicas de várias capitais australianas. Podem ser citadas, por exemplo, as figuras da "Ciência" e da "Humanidade", no Royal Hobart Hospital, e o "Memorial às Mulheres Pioneiras", esculpido num bloco de pedra de três toneladas, e que se acha num "Jardim Cívico", em Adelaide. A "Adelaide National Gallery" acaba de comprar a última obra da escultora, as figuras de bronze de Adão e Eva. Mas foi a "Árvore das Fadas" que lhe deu fama entre todas as classes sociais. Ao que afirmam os técnicos, essa árvore — um eucalipto gigante e seco — nasceu anos muitos antes da descoberta do Novo Mundo por Colombo.

Na última parte do século passado, a árvore pegou fogo. Há quem diga que uma pãga apanhara um cigarro aceso e o deixara cair no ninho, que se incendiou. De qualquer modo, a árvore se queimou e morreu. Então aconteceu uma coisa estranha. Na superfície do tronco desenvolveu-se uma série de protuberâncias. Em 1931, Ola Cohn viu a árvore seca e sentiu imediatamente que era o meio ideal para realizar seu sonho de fazer uma "Árvore de fadas" para as crianças de Melbourne. Seria o equivalente à estátua de Peter Pan, nos jardins de Kensington, em Londres. A imaginação e perícia da escultora transformaram os sinais deformantes num mundo encantado de vultos estranhos.

(Cont. na pág. 36)

A escultora Ola Cohn, ao trabalho, na cocheira que lhe serve de estúdio.





# D. PEDRO I, UM D. JUAN COROADO

OS FILHOS DO NOSSO PRIMEIRO IMPERADOR — DAS IMPERATRIZES À NEGRINHA ANDREZA...

Por AUGUSTO MAURICIO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")



ta Imperial da Boa Vista: — D. Maria da Glória, que mais tarde teve na cabeça a corôa de Portugal, nascida a 4 de abril de 1918; D. Miguel, que veio ao mundo a 26 de abril de 1820 e morreu criança; D. João, a 6 de março de 1821 e faleceu a 4 de fevereiro de 1822; D. Januária, a 11 de março de 1822, que se tornou, em 1844, Condessa d'Aquila pelo seu casamento com o conde desse título, príncipe Luiz de Bourbon; D. Paula, que nasceu a 17 de fevereiro de 1823 e faleceu dez anos depois; D. Francisca, a 2 de agosto de 1824, que se casou com o Príncipe de Joinville, e, finalmente, D. Pedro de Alcantara que, depois da abdicação de seu pai, em 7 de abril de 1831, tornou-se imperador do Brasil com o título de Pedro II.

Com a morte de D. Maria Leopoldina em 1826, passou D. Pedro a segundas nupcias, com D. Amélia Augusta, filha de Eugénio de Beauharnais, duque de Leuchtenberg, no dia 2 de agosto de 1829, tendo desse consórcio vindo à luz, em França, a princesa Maria Amélia, a 1 de dezembro de 1831, no mesmo ano em que deixara para sempre o Brasil.

Da intimidade com a Marquês de Santos foi D. Pedro pai de mais quatro filhos: Isabel Maria, Duquesa de Goiás, nascida no Rio de Janeiro a 31 de maio de 1824, e que se casou com o Conde de Treuberg, rico fidalgo bávaro; Maria Isabel, Duquesa do Ceará, que teve vida efêmera; D. Pedro, que morreu logo depois de nascido, e, por último, Maria Isabel, que veio ao mundo em S. Paulo a 28 de fevereiro de 1830, já depois do rompimento dos pais, e que se consorciou, em 1848, com o Conde de Iguatú.

Não ficou, porém, nesses doze filhos o nosso travesso monarca. Sua capacidade de servir à perpetuação da espécie, era muito maior, servindo, por isso mesmo, a comentários desairosos à corte pública daquele tempo. E havia razão de sobra para os comentários... Por isso, os pais severos e carrancudos guardavam cuidadosamente as filhas, receiosas de que fossem elas cobijadas pelo jovem Bragança. Porque D. Pedro, quando desejava uma moça, fosse ela quem fosse, não media esforços nem audácias

D. Pedro I, pai de muitos filhos, no lar, através de dois matrimônios, e também extra-conjugalmente...

**D.** PEDRO I, a quem o Brasil deve a antecipação de sua independência política, proclamada num dos assomos de bravura ou de arrebatamento tão comuns no primeiro imperador, foi — segundo contam as crônicas antigas, o homem que deixou no mundo uma das maiores proles.

Desde adolescente que o temperamento ardente do moço Bragança prometia (e cumpriu galhardamente) não desmentir a tara erótica que herdada dos pais, especialmente de D. Carlota Joaquina, cujos amores levianos encheram de vergonha a corôa lusitana. D. João VI, apesar de bonachão e ridículo de físico e de gênio, de banhas salientes e deselegantes, teve também os seus deslizes amorosos. Não eram, todavia, como os da esposa, mas suficientes para demonstrar a lascívia, embora moderada que lhe ia n'alma.

Do primeiro consórcio, D. Pedro houve de D. Maria Leopoldina, os seguintes filhos, todos nascidos na Quin-

D. Leopoldina, a primeira esposa de D. Pedro I, mãe de um imperador, — D. Pedro II, — e de uma ralaba, — D. Maria da Glória, — que reinou em Portugal

para conquistá-la. Depois do pecado, comumente agraçava-a com um título nobiliárquico qualquer, dava-lhe um dote, casava-a com um dos oficiais de sua guarda e, em seguida, atirava-se a novos amores...

Nomearemos a seguir mais alguns rebentos dos amores clandestinos do fogoso príncipe. Começaremos por Rodrigo Delfim Pereira, filho de D. Maria Benedita, esposa de Boaventura Delfim Pereira, superintendente geral da Fazenda de Sta. Cruz, e irmã da Marquesa de Santos, a famosa favorita imperial. Como se vê, nem a irmã da amada Domitila escapou à sanha do monarca, deixando de merecer o respeito que lhe devia tributar por ser irmã da marquesa! Depois do nascimento de Rodrigo recebeu D. Benedita, por decreto imperial, o pomposo título de Baronesa de Sorocaba!

(Cont. na pág. 48)

Três dos filhos do nosso primeiro imperador: D. Pedro II e suas irmãs, D. Francisca e D. Januária. (Desenho "d'après nature", por Félix Emílio Taunay).





**N**ADA revela tanto a falta de personalidade como a imitação. A pessoa que imita, nunca é ela própria, mas sempre a cópia de uma outra pessoa. Consequentemente, não possui uma das qualidades que maior realce dá à mulher: a personalidade.

E vejam que personalidade é quase sempre sinônimo de inteligência.

Infelizmente, existe entre as jovens a mania da imitação. Sei que isso não é privilégio nosso, pois nos Estados Unidos, o tipo feminino muda bruscamente, de momento a momento. No tempo de Greta Garbo, estavam em moda as mulheres magras, românticas, de profundas olheiras; todas queriam alcançar esse ideal e não poucas alcançaram a tuberculose com os seus regimes para emagrecer... Repentinamente, tudo mudou: as formas se avolumaram e arredondaram, as pálidas e discretas "Garbos" tomaram a "ofensiva" e encaravam o sexo oposto com certa agressividade — é que estava vitoriosa uma nova "estrela" — Mae West.

Foi preciso um decreto do presidente Roosevelt para acabar com o perigo que ofereciam, nas fábricas, as cabeleiras à "Veronica Lake"... Muitas outras "estrelas" têm surgido e cada uma delas provoca uma verdadeira revolução...

Si bem que nós, brasileiras, ainda não tenhamos chegado a esse ponto, não podemos, no entanto, negar que o mal se vem desenvolvendo rapidamente nestes últimos anos. Como-dismo, inveja ou pouca inteligência?

Há de tudo um pouco, mas não, principalmente, em grande dose a última hipótese, porque, a mulher, verdadeiramente inteligente sabe tirar partido dos seus próprios predilectos, físicos ou mentais, tornando-se, pelo menos, uma pessoa interessante.

O mais triste em tudo isso, é que ninguém procura imitar um gesto de altruísmo, uma atitude digna, um espírito elevado; não, a imitação se limita aos cabelos, de uma determinada "estrela", ao "make-up" da outra, aos vestidos de uma terceira e, aos gestos e atitudes um tanto "sofisticadas" que uma outra tem diante da "câmera", por força do seu papel.

Pensam então as jovens nítidas que, si com aquelas atitudes elas, as artistas, conseguem alcançar o seu fim, elas também, aqui, na prática diária, conseguirão o seu. Ignoram que as mais "sofisticadas" "estrelas" são, na vida real, criaturas de muita simplicidade, de gestos sóbrios e distintos, gestos que não são ditados pelo "script", mas que vêm delas mesmas, da sua própria personalidade.

E por ignorarem que a verdadeira beleza está na personalidade, na naturalidade, na simplicidade com que a mulher deve ser "ela mesma", é que, a cada passo vemos cópias horroscas, pessoas que se prejudicam porque se tornam artificiais, fúteis, sem expressão própria, tristes e ridículas cópias de figuras de evidência no palco, na tela, ou no mundo social.

KITTY

★

NANCY SAUNDERS (Columbia)



**NOS BASTIDORES FEMININOS**





## CHAPÉUS FRANCEZES PARA A PRIMAVERA CARIOCA

**D**E Paris nos chegam êstes maravilhosos modelos que oferecemos às nossas leitoras. Foram imaginados e executados pelas mais famosas chapeleiras da França: Em cima, na primeira foto: De Maud et Narc. capeline de palha cinza claro e penas de fai-

são. Grande chapéu de palha bege com grande laço de "tulle" marron e flôr de "piqué" branca. A direita: De Sygur, modelo em palha mauve, guarnecido de violetas e véu. Em baixo à esquerda: Encantador modelo de "paillasson" amarelo, enfeitado de fi-

ta de "gros-grain" preta e laço verde. Véu preto. Criação de Gilbert Orcel. A direita: Também em "paillasson" êste modelo original, com enfeite de fitas e penas. Na página ao lado: Grande chapéu de palha bege com flores de veludo marron. Modelo de L. Soeurs.











## MYRNA LOY

Sempre gozou da fama de ser uma das mulheres mais elegantes do mundo. Vendo-a nesse originalíssimo "tailleur" ninguém lhe poderá negar esse título. A "estrela" de "Solteirão cubicado", da RKO, lança a moda de "tailleur" com uma só lapela! Vejam que bonito efeito é obtido com um tecido listrado tendo uma só lapela e esta com as listras em sentido oposto ao restante do casaco. Pequeno chapéu de feltro marrom, bolsa e luvas também marrons completam o elegante e distinto traje de Miss Loy.





**D** E muito "chic" são estes modelos pretos creados por L. Mendel e Rosine Paris. O primeiro tem a parte superior da blusa traçada e um trançado da mesma fazenda sobre os ombros. O segundo tem decote em "V" e interessante "movimento" na saia.

## VESTIDOS PRETOS



# OS ULTIMOS



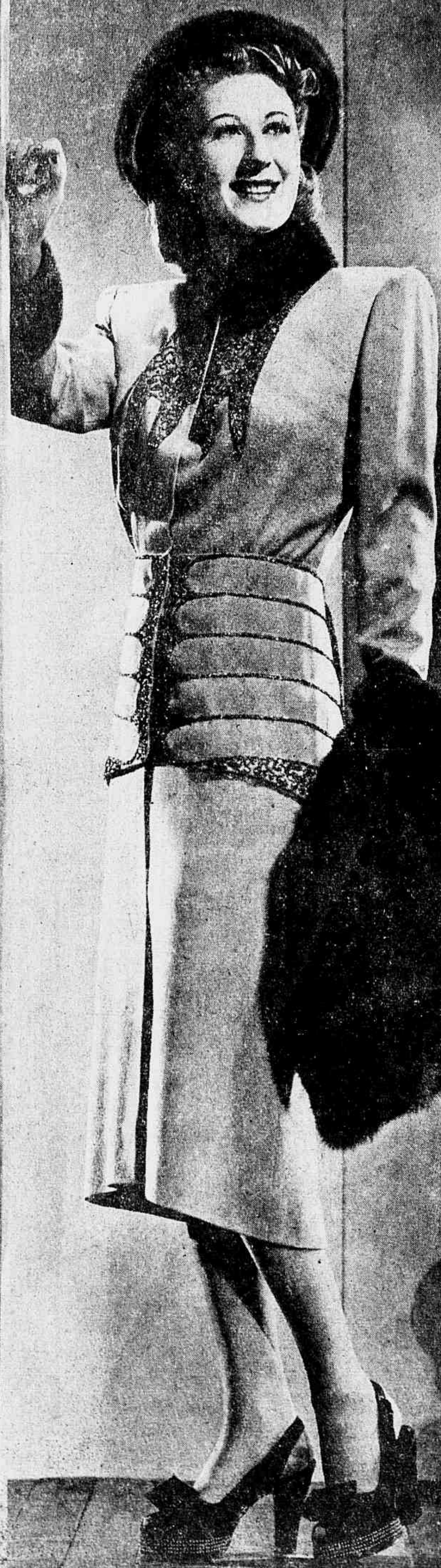
**O** nosso inverno parece querer prolongar-se. Chove e faz frio. Quando o sol aparece, começamos a pensar no nosso guarda-roupa de verão, torna a chover e torna a fazer frio. Por isso, um "tailleur" nunca é demais. Aqui apresentamos as últimas sugestões que nos chegaram de Hollywood. Da esquerda para a direita: Esta é Signe Hasso, da Columbia, com um conjunto elegante composto de saia cinza e casaco quadriculado cinza, branco e marinho. A parte superior da gola é cinza. "Echarpe" vermelha, bolsa de crocodilo vermelho. Agora é a esquisita Elizabeth Scott, da Paramount, ostentando um "tailleur" de veludo negro. O casaco tem uma "basque" "godet", mais comprida atrás.



# TAILLEURS



Por incrível que pareça esta elegantíssima pequena é Joan Davis! Ela nos exhibe o seu "tailleur" de lã azul que Rente desenhou especialmente para ela. O casaco é arredondado na frente, com recortes que formam os bolsos laterais. Gola dupla, sendo uma de fustão branco. Chapéu de feltro azul, bolsa e sapatos em azul marinho e luvas brancas completam a elegância do conjunto. E, novamente a "s sofisticada" Joan Davis. Agora ela exhibe um "tailleur" mais "habillé", em seda pesada. A sala, denunciando a nova linha, é mais comprida atrás. A jaqueta é bordada com vidrilhos. Golas e punhos de pele. O modelo também foi desenhado pela famosa figurinista da RKO, Rente.







Ao alto, à esquerda: Dois modelos ligeiros, de tecido leve, próprios para passeios pela manhã. Um deles é de tecido listrado, com saia bastante larga; o outro imita saia e blusa, com pregas na frente da saia. Em baixo, da esquerda para a direita: Modelo em tafetá de "pois", de linha moderna. Um "bouquet" de flores colocado ao lado, na blusa, acentua o aspecto primaveril. Este modelo estampado, de feitiço esportivo, é bastante elegante com as suas pregas originais. Vestido muito interessante, com franzidos na gola, bolsos na saia e recorte arredondado em baixo, na barra. Na página ao lado temos: grande "toilette" de tafetá de inspiração antiga. O vestido simples de veludo. Pelerine e "basque" de "tulle" com aplicação em cetim. Modelo de lamé dourado, muito justo ao corpo. O bolero de veludo, muito curto, alonga a silhueta. O corpo justo e pregueado, a saia assimétrica formam um elegantíssimo modelo para a noite.



# CHEGOU A PRIMAVERA









Da esquerda para a direita: Beniamino Gigli — Envelheceu como os vinhos... Elizabetta Barbato — A moça do Far-West. Mario del Monaco — Ele foi o "mocinho"

## MÚSICA

A temporada lírica deste ano chega à última récita com um bom saldo de triunfos. O Municipal assistiu ao reaparecimento de vultos da época áurea da ópera e o público, grato, aplaudiu com o mesmo entusiasmo vociferante de outrora.

— "Bravos, Gigli!" "Stignani! Stignani!" "Barbato! Barbato!" "Bis! Bis! Bis!"

O proverbial "furor", símbolo do sucesso integral, italianíssimo, que põe a platéia de pé, aos gritos de aprovação, sussurros de puro prazer, acompanhando uma nota sustentada com facilidade, tudo isso veio animar o elenco a aventurar-se em incríveis empreendimentos vocais, de grande efeito. Impossível negar, por esnobismo ou outra qualquer razão, o valor comunicativo do melodrama lírico, concebido e interpretado dessa forma, com a participação ativa e constante dos assistentes, animando os artistas preferidos e desencorajando os menos favorecidos pela sua estima.

### LA FANCIULLA DEL WEST

Nesse ambiente, surgiu "La Fanciulla del West". Não faz muito tempo, a Metro ressuscitava, num filme, a história de Belasco, entregando a Nelson Eddy, Jeannette Mac Donald e Walter Pidgeon os principais papéis. Mas, nessa ressurreição, não se cogitou da partitura de Puccini que Caruso e Destinn interpretaram

Oliviero de Fabritiis



**ANTIGAMENTE ERA ASSIM... — PALMAS, GRITOS, URROS, ASSOBIOS — JEANNETTE SEM PUCCINI — "O. K." NA ITÁLIA — FAÇANHAS DA "FANCIULLA" — E, AGORA, GIGLI — BEIJA MÃO DO "DUCE" E HOMENAGEM AOS ALIADOS — GIGLI, VELHO COMO OS VINHOS...**

De ROBERTO LYRA FILHO (Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

Foram esquecidos os fascinantes duetos de amor, assim como o pitoresco cenário do "far west", vendo-se patriotas de Garibaldi a dar cor local ao libreto com exclamações desta ordem: "Hello, Boy!" "O. K." "Yes, Yes."

Assim "La Fanciulla del West" apareceu como uma novidade. Os absurdos dramáticos e musicais, que contém, assim como a qualidade de alguns trechos de expansão lírica do compositor foram devidamente apreciados. Barbato, Del Monaco e De Falchi, convocados para aparecerem como Minnie, Dick e Jack, aprenderam, às pressas, seu papel e, apesar disso, conduziram-se com admirável segurança. Del Monaco e Barbato, sobretudo, foram aquinhoados com as mais belas oportunidades — os duetos de amor — e os mais difíceis e extenuantes trechos da partitura — os duetos de amor...

Numa "mise-en-scène" adequada, movimentaram-se os artistas, encaixando suas vozes no tecido sinfônico, que antecipa os avanços vitoriosos de Turandot.

### AIDA

O Municipal andava infeliz em matéria de "rentrées" líricas. Maria Caniglia, ano passado, chocou muitos saudosos admiradores com o espetáculo de uma decadência lamentável. Gina Cigna, logo após, surgiu e fez esforços titânicos para arrancar da voz gasta e cansada lampejos da antiga beleza.

Seguindo-se a esses precedentes, o anúncio da volta de Ebbe Stignani e Gigli inspirou mais apreensão do que alegria. Talvez fôsse mais seguro deixá-los entre as grandes recordações, refletiram alguns, talvez... Mas os pessimistas logo se dispuseram a recolher suas reflexões.

Stignani e Gigli viram os anos passarem e as glórias efêmeras traçarem sua trajetória nas constelações líricas dos grandes teatros. Enquanto isso, tornaram ampla e sólida a sua fama e preservaram, com cuidado, o dom precioso sobre o qual ela assenta — as vozes privilegiadas...

### GIGLI

Com o término da guerra, a Itália voltou a exportar os seus cantores, com a antiga prodigalidade. O intercâmbio, interrompido pelo interlúdio fascista, reatou-se — e havia muitas novidades, vozes novas, talentos novos...

Não se deu muita atenção ao aspecto político, o pas-saporte ideológico dessa gente que ia surgindo das som-

bras do antigo regime de Mussolini. Gigli, por exemplo, compareceu muitas vezes ao beija-mão do ditador. Com esse rasgo de servilismo, pôs sua arte no nível bastante baixo das suas reverências ao poder do Duce. Depois, cantou para os aliados e fez o possível para que fossem relegados ao esquecimento seus antigos gestos desleigos. Certa vez, teve que enfrentar um público dividido do qual partiam aplausos e vaias.

Aqui, no Rio, nada desses acidentes. Depois de um silêncio de expectativa, reconhecido e apreciado o timbre veludoso e doce da voz, na ária "Celeste Aida", prorrompeu a platéia em aplausos unânimes. E a essa manifestação há de ter sido sensível o tenor, que declarou, mais tarde, em entrevista, que, somente com o calor das palmas a animá-lo, o artista atinge o nível das "performances" inesquecíveis.

Anotese alguns detalhes. Certamente, o Gigli, que, agora, ouvimos, é um homem maduro. Ganhou experiência, no longo tirocínio, e aprendeu a poupar sua voz.

A "mezza voce", o "pianissimo", utilizados com arte requintada, são, presentemente, seus recursos perdidos. As extravagâncias de uma "tenuta" tão grata ao paladar italiano, são cuidadosamente, reservadas para os momentos culminantes.

Não obstante, subsiste a beleza inconfundível da voz, o dom expressivo, a força de interpretação, talvez menos arrebatada e impetuosa agora, porém, mais estudada, mais comedida. Enfim, a voz de Gigli envelheceu como os vinhos... ganhando outro sabor, mais delicado, mais fino, incomparável.

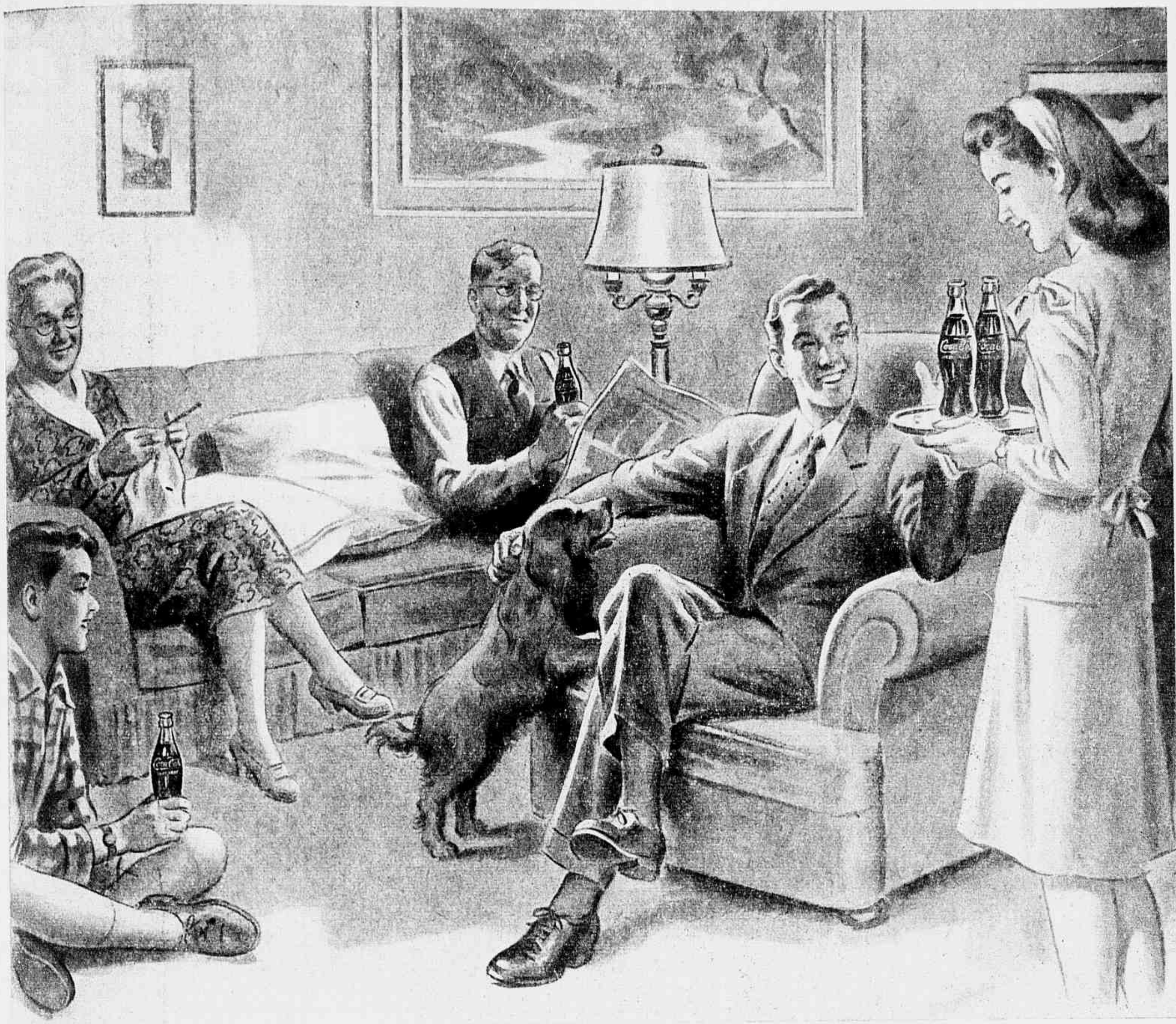
O espetáculo que constituiu a 8.ª récita de assinatura de gala assinalou um dos pontos mais altos da temporada e, sobretudo, em virtude do magnífico elenco que se apoderou da partitura de vez e carregou o público a um entusiasmo realmente excepcional.

Barbato foi uma "celeste Aida", da voz ao porte, do canto à parte cênica. No exaustivo papel da escrava etíope, ao lado de Gigli, não desmereceu, antes elevou-se, obtendo consagração definitiva.

Ebbe Stignani deu-nos a Amneris que tínhamos o direito de esperar dela. Que mais poderíamos dizer?

Giulio Neri deu a Ramfis toda a serena imponência que o papel requer. De Falchi foi um Amonasro brilhante.





## Com Coca-Cola

*TODA REUNIÃO É UMA FESTA*

Quando os amigos estão reunidos para conversar e divertir-se, a hora é propícia para uma Coca-Cola bem gelada, que virá manter todos animados e alegres.

Neste caso, "Tome uma Coca-Cola" significa naturalmente:

"Como é bom estar com os amigos!" Onde quer que se

reunam pessoas, em geral se serve Coca-Cola,

estabelecendo uma pausa agradável — a pausa que refresca —

ou seja o momento feliz da boa camaradagem.



*Agora há  
Coca-Cola  
à vontade.*



# A SUBLIME

**T**ALVEZ tenha sido mesmo o destino que me colocou parado à esquina da rua do Ouvidor numa tarde quente de uma belíssima sexta-feira, que por ironia ao céu de um azul magnífico cuja beleza era mesmo um convite à felicidade e ao otimismo, era na realidade uma sexta-feira 13.

Se aí aparece o destino, é apenas como uma forma de explicar a minha presença em meio à multidão que desce e sobe a Ouvidor, cortada nas duas direções pela multidão da Gonçalves Dias. Era ali que eu estava, eu que detesto multidões, que me impaciento em ficar parado, que jámais pude suportar o sacrifício de ficar a contemplar o cortejo feminino que vai às compras. Mas naquela tarde eu o via passear elegante ao sol impiedoso, vestidos claros cobrindo corpos morenos, uma profusão de braços nus que despontavam indiferentes aos olhares perscrutadores, a própria sensualidade, passeando calmamente no asfalto da rua. E meus olhos não se cansavam de vêr e admirar, contemplando os sorrisos e amando os olhares, e saltavam felizes ao longe do cenário majestoso, quando a vi, a morena mulher do meu amigo Esperidião.

Dir-se-ia que em meio à luminosidade da tarde e à alvura dos tecidos frescos de verão, surgira assim como que vindo do detalhe patético de uma fotografia do século passado, a imagem da dama dos espartilhos, retocada com o tique modernista que o figurino do século XX põe na ressurreição do que já vai perdido na distância dos anos. O vestido preto descendo-lhe pelo corpo sem a provação saborosa dos contornos apertados, mas deixando perceber, ao olhar mais demorado da contemplação, a elegância natural de uma beleza vinda por obra da natureza, sem os exageros desnortantes dos exercícios de praia, mas com o sabor recatado das formas que mais se adivinha do que se percebe. Bela, sem dúvida; mais bela ainda em se a vendo, o rosto e as mãos de alvura de neve, afogados no preto irreprochável do vestido...

E deixei-me ficar a vê-la, maravilhosa ressurreição do pudor no meio da profusão de braços e pernas que lhe passavam ao lado dos corpos ondulados que lhe esbarravam e a deixavam para trás, caminhando com os passos medidos de quem sente sobre si a responsabilidade de uma beleza que já não existe mais, orgulhosa de suas meias num dia quente em que as pernas andavam livres, certa de que representava na luminosidade da tarde, um outro dia de um outro verão de uma outra época.

Mas, já a perdia de vista, que apenas o negrume de seus cabelos presos sob o chapéu me eram visíveis quando vejo, pálido, apertando-se entre o povo e acotovelado pela multidão que mais se engrossava, ele, o meu caro amigo Esperidião, escrivão de alta letra de um Ministério público, elegantemente trajado, mas visivelmente sufocado por qualquer motivo tempestuoso. Óra levantava-se nas pontas dos pés, olhando alto por cima das cabeças que se lhe adiantavam, dava passos miúdos e descontrolados, óra esgueirava-se por alguém que estava parado e adiantava-se alguns metros na procissão dos pedestres.

Não me viu, certamente, que nem mesmo as pessoas que lhe estavam à frente, Esperidião parecia vêr; na certa ofuscava-lhe a visão das coisas um objetivo definido que lhe tomava ao mesmo tempo os sentidos todos. Não me foi preciso muito para compreender que

a meus olhos, em meio a todo o povo, no coração de uma cidade em que os maridos já se abandonam às comodidades do conformismo, desenrolava-se um autêntico drama de ciúmes, tão perdido no tempo como a própria imagem do pudor que lá na frente andava, sob as vistas aquçadas do marido funcionário.

Era certo, muito certo; Esperidião espreitava a mulher. E puz-me também a olhá-lo, tomado pela curiosidade mórbida do homem que pressente o defeito de um drama, penetrando assim no curto cortejo que em todas as partes do mundo e em todas as cidades é uma sucessão de elevada porcentagem aos cortejos nupciais — o humilhante e degradante cortejo da desconfiança, que vezes sem conta leva maridos informados à certeza absoluta de que o amor não se sujeita apenas à fragilidade de uma simples rodalhinha de ouro.

Lá na frente, já entrando na Avenida, podia perceber o vestido preto ondulando aos movimentos compassados da mulher; e mais atrás, como que sufocada na onda de graça e beleza em que se ocultava, eu via bem o corpo magro do Esperidião, magnífico de elegância no terno claro, sustentando-se nas pontas dos sapatos lustrosos, olhando obcecado para a frente.

Talvez tenha sido ridículo estar ali olhando aquele tão banal capítulo da vida matrimonial; mas não me parecia assim enquanto eu me apertava no meio do povo, forçando a passagem para vêr melhor, entreando-me inteiramente à idéia de ser testemunha de uma desilusão, pronto a guardar na lembrança mais uma página triste da miséria de um mundo que cada vez mais se afunda na lama das paixões desentreadas. E o certo é que eu iria pela tarde afóra, mesmo que me sangrassem os pés, como parte daquele cortejo que já me arrasava os nervos e me punha o cérebro a fabricar hipóteses — a mulher na frente, o marido atrás e por fim eu, o infame observador das desgraças alheias. Certamente que hoje não penso assim; e tenho certeza que não fui infame, sei mesmo que fui sublime, porque a verdade é que fui simplesmente humano. E creio firmemente que todos nós que enchemos nossos pulmões com o ar contaminado dos erros e dos crimes da humanidade e já nos habituamos a nos considerar como espectadores das tragédias que de minuto a minuto se desenrolam aos nossos olhos ou se abrigam em nossos ouvidos, quando tivermos ante nós a oportunidade de fazer parar a roda do destino e evitar, com um gesto ou uma palavra, que se desiluda uma alma que ainda crê num ritmo maravilhoso de existência, nós deteremos o destino e falaremos à alma que crê com as mentiras que gostaríamos que uma alma boa algum dia nos tivesse dito apenas porque somos seres humanos.

☆

Parei subitamente, porque lá na frente o cortejo parara. Esperidião entriara-se apressado na porta de uma casa, dera um olhar rápido ao mostruário iluminado e ficara em pé à frente, o corpo voltado para o vidro e a cabeça um pouco pendida para trás, olhando ainda a rua; evidentemente o homem tomava posição, tentando dar-se a aparência despreocupada de um observador dos artigos expostos à venda. Mas para mim, aquilo foi a tradução exata da perturbação do espírito do zeloso funcionário do Ministério, porque a inteligência levára o homem justamente à frente do rico mostruário de finas peças de lingerie, onde, ao fundo, ex-





# MENTIRA

caente imagem feminina de mármore ocupava-se com o delicado mistér de ajustar ao branco do corpo íntima peça cor-de-rosa.

A mulher, vi-a adiante resguardando-se do sol, à sombra amena de uma marquise, magnífica assim vista ao longe, de onde mais alvo e mais fresco adivinhava-se-lhe o pescoço enfeitado de pérolas. A cabeça movia-se com majestade, inquirindo ao longe os lados da rua; e num momento em que seu rosto voltava para o lado em que o marido estava, veio encolher-se fundo para perto do mostruário e pude notar que nos olhos da esposa exuberante de beleza não havia a suspeita de um encontro desagradável.

Quanto a mim, em que péso o ridículo de uma fisão, deixei-me estar ao lado de uma daquelas árvores cujos troncos por anos seguidos têm dado abrigo a românticos namorados à espera de suas meninas de balcão ou a desocupados ávidos por mostrarem sua elegância ao mundo feminino que vai às compras.

Creio que a ninguém seria necessário pensar muito para perceber que a dama de preto estava à espera. E ela certamente que se apercebera, disto, por que voltou-se lentamente e pôs-se a contemplar também o vidro do mostruário que lhe estava à frente; um olhar mostrou-me a notável façanha do acaso e se meus pensamentos não andassem em tanta desordem, por certo que me teria rido como gostosamente me rio hoje. E' que enquanto o marido se entretinha com a lingerie, madame, evidentemente a contragosto, estava a examinar a tonalidade dos fumos de Havana ou os artísticos cachimbos e cigarreiras que se alinhavam com excelência no mostruário da tabacaria.

Via-a abrir a bolsa e contemplar o rosto no espelho; pouco depois passava a esponja de pó no rosto. Finalmente, com visível impaciência, olhou o relógio do pulso e virou-se para a rua.

Foi isso que me animou a fazer o que fiz. Da associação de relógio e horas nasceu no meu cérebro a idéia porque foi apenas naquele instante que me apercebi do que representava aquela sexta-feira 13. Há sempre pequenos nada's que nos fazem dar grandes passos. Ali estava eu, há bem quinze minutos, moendo dentro da cabeça os pensamentos mais desconcentrados; mas embora as hipóteses se apresentassem e fugissem deixando na minha mente uma sensação de confusão, tinha a certeza de que não me enganava. Sim, ali estava sendo armado pelo destino, com todas as pinceladas de realidade que o destino põe na preparação de suas tragédias, mais um laço no qual se estrangulariam as ilusões de uma alma ainda confiante e ainda envolta na candura do amor feliz. Essa alma era a do meu amigo Esperidião, funcionário de alta letra e marido de linda mulher, que miseravelmente encostado ao mostruário da lingerie, suava na tarde quente do verão carioca, pálido e cansado, abatido pelo receio de que se a letra ficava e talvez se elevasse, no entanto a mulher lhe parecia prestes a ser perdida, tal era a evidência dessa inquietante espera assim bela como nunca, à porta de uma tabacaria!

Mas já eu passava por ele sem que ao menos me visse e já me chegava à mulher. Enquanto eu lhe tomava a mão e a apertava, pude perceber-lhe o admirável controle feminino. Inteiramente surpreendida, mas admiravelmente calma, respondeu-me com a precisão da etiqueta, como se fôra a mim que ali estivera a esperar

por tanto tempo. E falou-me da tarde maravilhosa e do calor excessivo, em palavras curtas que pareciam significar pressa, olhando por cima de meus ombros as pessoas que passavam, dando olhares ansiosos pela rua adiante, mas absolutamente certa de que não poderia explicar com lógica sua presença ali.

Falei-lhe então; e com o sorriso ingênuo do amigo bom louvei a sorte de encontrá-la e pedi-lhe que entrasse comigo na tabacaria, para me ajudar a escolher uma cigarreira para o marido.

— "Trinta e cinco", disse ela, enquanto o empregado expunha as cigarreiras sobre o balcão. "Como estava ficando velho o Esperidião."

Foi só o que disse mas para mim era muito. Não me importava o que estaria pensando o funcionário encolhido lá na lingerie, vendo-me chegar à mulher e entrar com ela na tabacaria. Importava-me apenas o que haveria de pensar quando recebesse o presente e o bilhetinho que iria dentro.

Ela escolhera já um belo trabalho de arte e enquanto eu deixava cair sobre o balcão as notas ela, à porta, ainda olhava ansiosa a rua. Mas não disse nada. E não disse nada também enquanto estive olhando por cima de meus ombros, certa de que eu não percebia a sua indiscreção, a caneta correndo sobre o papel em que mandava ao meu amigo o bilhete em que dizia: "Perdô-me se hoje roubei por momentos de seu lar sua linda esposa. Combináramos que quando fosse ela comprar o seu presente para teu aniversário, ajudasse-me também a escolher o meu. E avale que, atrasando-me, o sacrifício dela redobrou de grandeza, pois por quase meia hora me esperou à porta da tabacaria, enfrentando com bravura a canícula deste Rio de Janeiro. Creia-me amigo, que qualquer marido do mundo sentir-se-ia feliz se a esposa tivesse o fino gosto que aí vai representado pela cigarreira".

Dobrei o papel e a pus dentro da cigarreira e enquanto lhe dava, para que a levasse para o marido e a entregasse com as minhas felicitações, pude ver o atombro de que estava tomada. O rosto tornou-se pálido, os lábios tremeram ligeiramente. Talvez fosse dizer alguma coisa, porque em seus olhos eu li um pedido de explicação. Mas nada disse; e quando eu recomendei com ingenuidade que não lesse o bilhete, creio que ela compreendeu. Porque apertou-me a mão fortemente e saiu para a rua com pressa, dando-me ainda um derradeiro olhar que não sei descrever, mas que ainda agora me aparece quando me deixo ficar a pensar em como seria o mundo se a todo instante a gente pudesse ser humano e fazer parar a roda do destino, para dizer uma mentira a uma alma que precisa desta mentira para continuar envolta na ingenuidade da felicidade.

★

O Correio, dias depois, me levou um envelope. Dentro dele, o mesmo número de notas que eu dera pela cigarreira e esta frase que jamais esquecerei, traçada com uma letra feminina firme, que não sei porque me parecia de uma mulher do século passado:

"Se a humanidade tivesse que pagar para dizer as sublimes mentiras que salvam, que não faria ela para dizer as tórpes mentiras que condenam?"



(SELECIONADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA")

EM QUATRO

Por ARMANDO MIGUEL



## O poder de atração de Mme. Pampadour



Mme. Pampadour, a célebre favorita de Luiz XV, naturalmente não teria conquistado as graças do rei, se suas pernas não fossem belas.

Para manter a beleza das pernas, a mulher deve, antes de mais nada, combater as varizes, usando Hemo-Virtus. Com o uso de Hemo-Virtus na dose de três colheres ao dia, as pernas ficam livres de varizes, voltando ao seu estado normal e readquirindo a perfeição estética. Em idêntica dose, debela os males causados pelos mamilos hemorroidários, inclusive os que sangram. Use a pomada no local e beba juntamente o líquido, para debelar tanto varizes como hemorroidárias. Não encontrando nas farmácias, escreva para o Depositário Caixa Postal, 1874, São Paulo.

## A VIDA DE ASOKA

(Cont. da pág. 28)

Arrastou até os campos o seu corpo cansado e pediu aos amigos que o colocassem sobre um leito de folhas. Rogou-lhes não culpassem o ferreiro pela sua enfermidade.

Então, enquanto a vida se lhe esvaía, chamou para junto de si o pária que viera pedir a esmola de algumas pavoras bondosas. A mão do príncipe mori-

bundo procurou a do mendigo, e a última palavra que pronunciou foi de piedade por um irmão aflito.

### III

Tal foi o príncipe, e tal o evangelho, que transfiguraram a vida de Asoka e o inspiraram nos anos posteriores. Não abandonou o trono, como Buda, mas usou-o como instrumento para aliviar os fardos do seu povo. E fez-lo do modo mais prático. Promulgou um novo código de leis baseadas na Regra de Ouro do budismo e gravou-as em pilares de pedra por toda a extensão do país — duradoura Bíblia de granito que foi preservada até os nossos dias.

As diversas versões dessa Bíblia, embora diferissem, numa província a outra, em pormenores mínimos, eram semelhantes nas questões essenciais. Na forma por que foram enunciados nos seus Editos de Pedra, eram em número de quatorze os princípios sobre os quais Asoka restabeleceu o "reino do céu na terra". Tratavam dos deveres dos homens e dos direitos de todas as criaturas vivas. A seguir damos um breve sumário desses deveres e direitos:

I. Toda vida é sagrada. De ora em diante não haverá mais matanças — nem de homens pela glória militar nem de animais para o altar dos sacrifícios ou para a mesa real. A simplicidade, baseada na brandura, será agora a regra tanto nas casas nobres como nas humildes.

II. É dever dos indivíduos e do Estado zelar pelo bem-estar de todos os seres vivos. — Para pôr em prática este preceito, Asoka ordenou a abertura de pocos e a plantação de árvores de sombra em todas as estradas do país, e o cultivo, por toda parte, de ervas, raízes e flores medicinais, "para alívio e cura de homens e bestas".

III. Todas as pessoas do país devem praticar a obediência a seus pais, a liberalidade para com seus amigos, o respeito a seus mestres, e a economia em seus negócios públicos e privados. "Gasta pouco, economiza pouco, não peças muito dinheiro emprestado, e nunca explores ninguém".

IV. Prega a piedade, e pratica-a também. — E, para apresentar um exemplo aos súditos, o rei passava a explicar

neste edito o modo como transformara sua avareza em caridade, seu ódio em compaixão, seus cortejos militares em peregrinações religiosas. "E, assim como eu fiz", concluía o edito, "exorto meus filhos, meus netos e meus bisnetos a fazer, de modo que o povo aprenda com as suas palavras e aproveite com os seus atos".

V. Segue os caminhos difíceis que levam à boa ação, de preferência aos fáceis caminhos que conduzem à ação má. — E, para assentar esta teoria em bases práticas, nomeou Asoka funcionários especiais que ensinassem os elementos da lei e — o que é mais importante — os princípios da justiça. Principalmente da justiça para com os pobres e os anciãos, os humildes e os fracos.

VI. Se diligente em tudo, especialmente no desejo de promover o bem-estar de teus semelhantes. — Aqui, novamente, o rei corroborou o preceito com o seu próprio exemplo. Declarou que nunca estaria demasiadamente ocupado para ouvir uma queixa ou reparar uma injustiça, quer se achasse à mesa, quer descansando no seu quarto, tomando ar no seu jardim ou passeando na sua carruagem.

VII. Que a benevolência seja a regra para todos. Cultiva a generosidade se podes dar esmolas, a gratidão se es obrigado a recebê-las. Pois a verdadeira caridade não é um dar, senão um partilhar. O excesso de um é a propriedade de todos.

VIII. Organiza missões, não só para espalhar a religião, mas para distribuir esmolas. Leva ao teu irmão alimento para o seu corpo esfomeado, assim como nutrição para a sua alma faminta.

IX. Neste edito estabeleceu Asoka a ligação entre a urbanidade e a moral, entre a etiqueta e a ética. Deu-lhe o nome de Editto da Verdadeira Civilidade e dedicou-o especialmente às mulheres do reino. "Deixai as frívolas ocupações dos vossos momentos de lazer" disse ele, "a vossa tagarelice, os vossos jogos e os vossos namoricos. E' melhor gastardes o tempo no mais útil — e também mais agradável — entretenimento de idear leis mais benignas para o estrangeiro e tratamento mais humano para o escravo."

X. Obedece à lei quando for boa. Pede ao teu rei que a modifique quando

fôr má. Nisso consiste a verdadeira glória para o indivíduo e para o Estado.

I. Respeita a todos os seres vivos.

XII. Põe em prática o princípio da tolerância. Exaltas a tua religião tratando com bondade os adeptos das outras. Ofendes a tua religião, perseguindo-os.

XIII. Este edito contém uma exposição completa da conversão de Asoka e de sua filosofia. "Logo após a anexação de Calinga" — estamos citando um breve resumo do edito — "Sua Majestade foi tomado de remorsos por tê-lo conquistado. Porque a conquista duma nação acarreta a mutilação, o morticínio e a escravização do seu povo. Isso é causa de profundo desgosto e pesar para Sua Sagrada Majestade..."

"A conquista duma nação leva à opressão dum povo cuja religião talvez seja diferente da nossa. E também isso causa profundo pesar a Sua Sagrada Majestade..."

"Sua Majestade, portanto, resolveu não mais praticar a violência, mas sim retribuir bem por mal. E pede ao povo que também abandone o mau caminho. Pois Sua Majestade deseja que todos os seres vivos tenham segurança e justiça, paz de espírito, bondade e alegria.

"E é esta, na opinião de Sua Majestade, a maior vitória — a vitória sobre o nosso próprio ódio... Esta classe de conquistados conduz não só à mais alta glória, mas à felicidade maior.

"Foi por essa razão que S. Majestade preparou estas tábuas de granito e nelas gravou a Lei da Piedade, a Lei da Clemência, e a Lei da Paz. Deste modo, e só deste, se pode encontrar a felicidade tanto no céu como na terra."

XIV. O último edito é um epílogo — uma recapitulação dos outros treze e uma excusa por qualquer repetição de idéias que se notassem nos outros editos. Pois só pela repetição, explica Asoka, pode criar raízes a "doce suavidade da Clemência". "A repetição traz a convicção".

Essa é, pois, a Bíblia de Granito de Asoka, o Moisés indú que conduziu o seu povo, do deserto da guerra, à Canaã duma nova, ou antes renovada, religião de paz. Era o budismo convertido num código prático. E ao fixá-lo num código

(Cont. na pág. 51)



A jovem pianista GLÓRIA LINTZ, que a temporada de Valores Novos da A B I, apresentou em aplaudido recital, com obras de Liszt e Francisco Mignone. Esse concerto confirmou os dotes de fina sensibilidade e ampla cultura musical já revelados, anteriormente, em crônicas publicadas na imprensa carioca. Jornalista e pianista, GLÓRIA LINTZ reafirma a força e o brilho de um talento destinado a um futuro promissor.

## D. Pedro I, um D. Juan coroado

(Cont. da pág. 34)

De D. Joana Mosqueira, nasceu José de Bragança e Bourbon, e com a esposa de um dos ministros do Império, surgiu D. Urbana...

Para a satisfação dos seus desejos descia D. Pedro todos os degraus das classes sociais. Foi assim que Andreza dos Santos, uma pretinha de 17 anos, recolhida ao Convento da Ajuda, e que vendia doces no Paço Imperial, viu-se de um momento a outro seduzida pelo D. Juan brasileiro, de cuja aproximação nasceu, no tempo oportuno, o fruto inevitável.

A esposa de Roque Schlich, bibliotecário da imperatriz, a linda austríaca Ana Steinhhausen Schlich, também se viu mãe do produto do seu amor com D. Pedro: o menino Augusto, que em 1828 foi fuzilado por se ter metido numa revolta no Rio de Janeiro.

De suas viagens a Minas Gerais, deixou o imperador como prova eloquente e imperecível de sua passagem, dois filhos. Um de nome Teotônio Meireles da Silva, que nasceu em Ouro Preto, em 1822, de uma aventura com D. Gertrudes Meireles que era, no tempo, um verdadeiro encanto de mulher, reunindo, harmoniosamente, formosura, beleza e donaire. Essa moça era então a paixão alucinante de todos os corações casadoiros da próspera vila. O segundo foi Mariana Amelia de Albuquerque, filha de Luizinha de Menezes, inspirada poetisa mineira, que se entregou ao imperador, num ímpeto de entusiasmo depois de ter ouvido da boca imperial os mais rasgados elogios às suas obras literárias, que — dizia ele — eram as mais lindas que até então tinha conhecido.

O romance com Clemence Salssalt, a esposa do negociante da rua do Ouvidor, é do domínio de todos. Por isso deixamos de dar aqui o seu resumo. Dele apareceu, como certeza evidente do afeto que ligou D. Pedro à loura Clemence, um filho, que nasceu em Paris, em janeiro ou fevereiro de 1828, logo após terem ali chegado

Mme. Salssalt e o conformado marido Pedro Salssalt, que foram expulsos do Brasil, por motivo do forte escândalo que explodiu. O menino tomou o nome de Pedro de Alcantara Brasileiro, em homenagem ao pai...

Não terminou ainda a relação, já extensa dos filhos e purios do príncipe endiabrado. Há ainda outra paixão violenta que abraçou o peito de D. Pedro, a que ele experimentou pela ballarina Noemi Valency, do teatro São João (situado no local onde está hoje o João Caetano). Ia o idílio às mil maravilhas, seguindo o curso normal de todos os amores, quando D. João, que ainda aqui se achava, fugido de Lisboa por motivo da invasão francesa, veio a saber do fato. E mais ainda: contaram-lhe que a artista estava em estado interessante. Indignado, mandou chamar à sua presença a Noemi, e paternalmente aconselhou-a a deixar a Corte... Dava-lhe, em troca um dote avultado, além de um casamento com Joaquim Fidelis, oficial da sua guarda real. Realizado o matrimônio às pressas, à revelia do príncipe, o casal embarcou para Pernambuco, onde, três meses após, Noemi dava à luz o filho dos seus amores principescos...

Também D. Adosinda, uma das mais lindas moças do Rio de Janeiro, sobrinha de D. Gertrudes Pedra Carneiro Leão, a linda pernambucana, assassinada por ordem de D. Carlota Joaquina, contribuiu para o aumento da lista da prole imperial. Uma criança veio embalar sua ilusão, da paixão fugaz que acendera no coração do príncipe doidivasas...

Estão, assim, relacionados, apenas vinte e duas crianças, que formam a lista, quicá muito mais extensa, dos filhos do nosso primeiro imperador. E' muito possível, é quase certo mesmo, que existam ainda muitos outros casos que desconhecemos.

Deste modo, se, por qualquer circunstância, D. Pedro foi mau governante, se errou por vezes, e se foi incompreendido quase sempre, restava-lhe certamente o consolo de que a posteridade havia de lhe fazer justiça, reconhecendo que a sua fecundidade muito contribuiu para o povoamento do solo brasileiro...



## MME. ZULEIDA GUERRA PARTEIRA

Diplomada em Faculdade de Medicina  
do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 238 - Fone: 28-0430

## RICARDO *brilhava* EM 1927...



...e continua

## brilhando EM 1947!

### QUAL O SEU SEGRÊDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



### POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.



**Loção Brilhante**

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

**RUGOL**

O CREME  
EMBELEZADOR DA PÉLE

## Grafologia

(Cont. da pág. 27)

qualidades mentais que contrabalançam sem alguns dos seus defeitos, não demonstrava interiormente o amor que queria fazer acreditar à noiva. Ambicionava apenas o dinheiro da moça. A contra-gosto, fui obrigado a dissuadi-la do projetado enlace. A revelação que lhe fiz sobre o caráter do rapaz estorceceu-a. Felizmente, suspendeu o casamento e, procurando, com mais cuidado, informações sobre a tal pessoa, vi confirmada, integralmente, o que eu dissera. E o casamento não se realizou. Novamente o grafólogo se viu vítima da sua honestidade profissional. O rapaz, vindo a saber que o revelador de sua baliza moral tinha sido eu (na realidade, não eu, mas a grafologia), localizou meu escritório, e, novamente, apanhado de surpresa, tive a cabeça fraturada, indo estagnar no hospital.

### A GRAFOLOGIA E AS CARTAS ANÔNIMAS

A grafologia é a inimiga número um da carta anônima. A menos que o intrigante se utilize, do princípio ao fim, da máquina de escrever, inclusive para assinar o nome hipotético, o perito grafológico fatalmente descobrirá quem a enviou. Como escrever à máquina é bastante perigoso, pois a investigação policial pode determinar o tipo da máquina em que foi escrita a carta e descobrir o missivista incógnito, os que usam e abusam das cartas anônimas, terão de, muito em breve, desistir do seu vergonhoso passa-tempo. O professor Roberto das Neves relata-nos, a esse respeito, o último caso em que foi chamado como perito. É um caso curioso, em que se vê como a amoralidade de certos paranóicos leva-os às piores balizas. Damos a palavra ao grafólogo:

— Um conhecido dentista e ex-professor do Rio, recebeu há alguns meses uma carta anônima com gravíssimos insultos dirigidos a si e, principalmente à sua digníssima esposa. Os termos são os mais sórdidos que se pode imaginar. Entregue o caso a um perito dos Tribunais de São Paulo, este, depois de vários estudos, e confrontos caligráficos, concluiu, em laudo em poder do dentista mencionado, pela impossibilidade de acusar alguém.

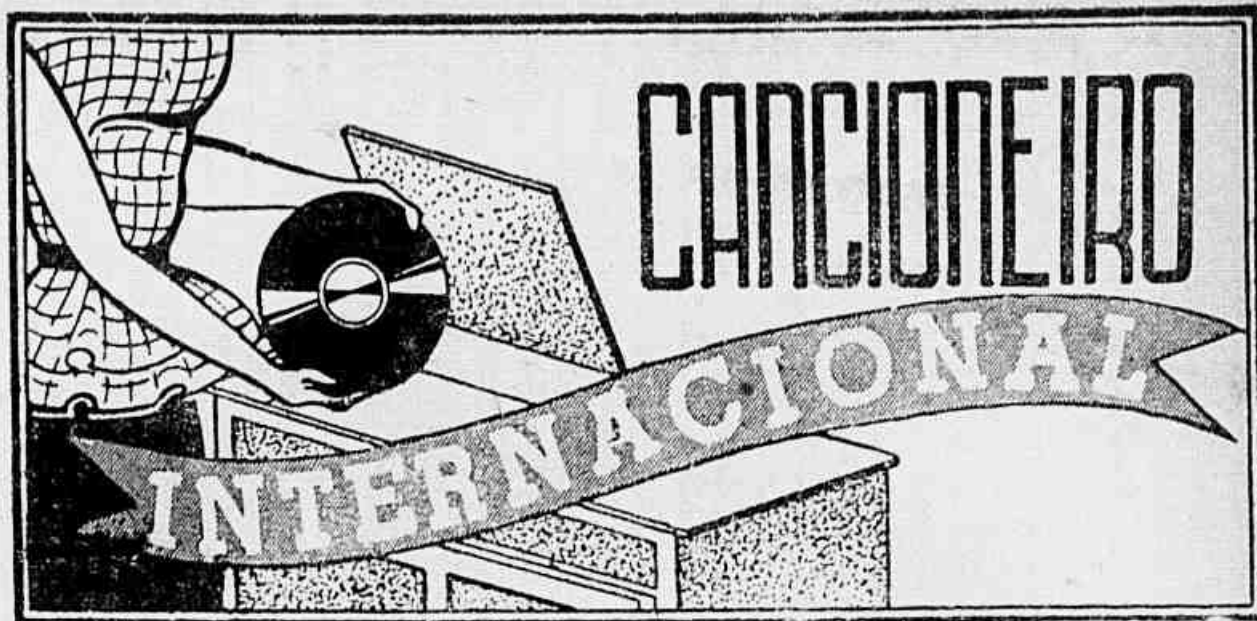
### O PRÓPRIO IRMÃO O DIFAMADOR

— Finalmente — prossegue o Dr. Roberto das Neves — por informação de um amigo comum, o Dr. Silvio Paleta recorreu aos meus serviços para o estudo grafológico da carta-anônima. Confrontando, como já o fizera o perito, com vários manuscritos de seus parentes, amigos e conhecidos, provei que as acusações infames contra sua esposa tinham sido escritas por um próprio irmão dela, também professor no Rio de Janeiro.

Os jornais do Rio já publicaram a minuta do processo que aquele dentista iniciou contra seu cunhado, baseado na perícia grafológica. Mas — o que é curioso — é que minhas conclusões foram, depois, corroboradas pela própria Polícia Técnica de São Paulo. Como vê — conclui o nosso entrevistado — a grafologia é uma ciência prática, que está sempre a serviço da justiça e da verdade!

### FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS DA GRAFOLOGIA

A grafologia é um processo de observação psicológica, e não, como já dissemos, ciência oculta, pois tem as suas bases, suas leis e seu método. Tudo nela é claro. Fundamenta-se nas relações que existem entre o caráter e a escrita. Assim como é possível, pela observação e estudo da mímica, da maneira de andar, de falar, etc., caracterizar psicologicamente a personalidade de uma pessoa, assim também se pode classificar um indivíduo pelos seus movimentos gráficos e muito mais facilmente por estes, pois enquanto a mímica é fugaz, e difícil, portanto, de estudar, a escrita, pela sua fixidez, permite-nos um estudo demorado e eficiente. Esta ciência so-



## VACAS MUSICISTAS

V ALE a pena os nossos leitores tomarem conhecimento deste acontecimento interessante narrado pelo "Magyarország", de Budapest. "Numa certa tarde, um rebanho de vacas voltava dos campos de Félégyháza, na Hungria Central. Perto de uma janela aberta, o rebanho estacou. Um programa de músicas de Bach estava sendo irradiado de Budapest. Quase sempre os animais se encaminhavam preguiçosamente pela estrada central da aldeia, à mesma hora, dia após dia, até alcançarem a porteira da fazenda onde automaticamente entravam para a ordenha. Mas, nesta tarde de verão, as vacas pararam para ouvir o rádio. No dia seguinte, uma vitrola foi colocada perto de uma janela e tocaram-se alguns discos de Bach. As vacas repetiram as mesmas ações da véspera. Uma delas tinha se mostrado sempre assaz rebelde à ordenha, mas ouvindo música, tornava-se dócil como um cordeiro. A ordenha com música foi então experimentada com todas as vacas. O fornecimento de leite acusou logo um aumento de 10 por cento e, mais tarde, 15 por cento, assim se mantendo regularmente. Notou-se que com a interrupção dos discos, a produção de leite acusava um declínio de 30 por cento e, ainda mais, a música parecia produzir muito menos efeito durante a ordenha da manhã. A história espalhou-se com incrível rapidez e outras pessoas tentaram a experiência. Tocaram-se vários tipos de música e anotaram-se as reações dos rebanhos a cada peça, descobrindo-se que a música não dava bons resultados, pois as vacas reagiam somente a um tipo de música. As que reagiam favoravelmente ao jazz, mostravam-se indiferentes às árias de óperas. A maior parte parecia preferir música clássica, sendo que as vacas mais jovens reagiam mais rapidamente às músicas do tipo melódico, enquanto as mais velhas preferiam o jazz. Certo dia, chegou da capital um inspetor do Ministério da Agricultura, declarando que tudo aquilo era um absurdo. No dia seguinte ele ainda ria, mas não dizia nada. No 3.º dia, começava a se maravilhar. No 4.º dia, estava disposto a admitir que, talvez, estivesse errado. No 5.º dia, estava convertido e passou a quinquena seguinte estudando o assunto. Aconteceu, então uma coisa curiosa. A ordenha com música foi tentada noutro distrito e não produziu nenhum resultado. A essa altura, julgava-se que tudo aquilo não passava de simples mistificação, mas quando o inspetor se dirigiu a um outro distrito, as vacas daí provaram ser ainda mais musicistas que as de Félégyháza e a produção de leite melhorou consideravelmente em certas fazendas. À hora da ordenha, o distrito vive agora cheio de melodias de Tchaikowsky, Duke Ellington e Handel, mas até hoje o inspetor não sabe explicar porque a música aumenta a produção de leite num distrito e falha no outro."

### THAT OLD BLACK MAGIC

Fox de Johnny Mercer e Harold Arlen

That old black magic has me in  
its spell,  
That old black magic that you  
weave so well;  
Those icy fingers up and down my  
spine,  
The same old witchcraft when  
your eyes meet mine.  
The same old tingle that I feel  
inside,  
And then that elevator starts its ride,  
And down and down I go,  
'Round and 'round I go like a leaf  
that's caught in the tide.  
I should stay away but what can  
I do?  
I hear your name and I'm aflame,  
Afame with such a burning desire:  
That only your kiss can put out  
the fire.  
For you're the lover I have waited for  
The mate that fate had me created for,  
And ev'ry time your lips meet mine;  
darling, down and down I go,  
'Round and 'round I go in a spin,  
loving the spin I'm in  
In'er 'hat old black magic called  
love!

### A MUJER QUE QUIERE A DOS

Canción-Ranchera de Chucho Monge

Ya de tanto sonar y sonarte  
a mirarte no "nesito" verte,  
engo miedo de tanto quererte,  
e tanto pensarte perdi la razón.  
Y soy tuyo aunque tú no lo quieras  
y he de amarte de todas maneras  
ue aunque que sé que soy hombre  
everas no sé si prefieras otro corazón.

Fijate bien al escoger  
no se te vaya a olvidar mi querer  
que la mujer que quiere a dos  
nunca se pone de acuerdo con Dios.

### II

Ten cuidado cuando te decidas  
yo te ofrezco tan solo mi vida  
esta vida será cruel herida  
si tu no le dices que vivo pa ti.

Mas si acaso yo no soy tu amado  
si mi estrella que me ha abandonado  
muy contento será desgraciado  
si vives dichosa si vives feliz.

Fijate bien al escoger,  
no se te vaya a olvidar mi querer  
que la mujer que quiere a dos  
nunca se pone de acuerdo con Dios.

### NO MEU PE' DE SERRA

Schottisch de Luis Gonzaga e Humberto Teixeira

Lá no meu pé de serra  
deixei ficar meu coração...  
Ai, que saudade tenho,  
eu vou voltar pro meu sertão.  
No meu rancho trabalhava todo dia  
Mas no meu rancho eu tinha tudo  
que queria.  
Lá se dançava quase toda quin'a-feira,  
sanfona não faltava  
e tome "chôto" a noite inteira.

### II

O "chôto" é bom de se dançar,  
A gente gruda na cabôcla sem soltar...  
Um passo lá...  
Um outro cá...  
Enquanto o fole tá tocando,  
tá gemendo, tá chorando,  
Tá fungando, reclamando sem parar...

### CIRI-BIRI-BIN

Fox de Harry James, Jack Lawrence  
e A. Pistalozza.

Ciribiribin,  
He waits for her each night;  
Beneath her balcony,  
Ciribiribin,  
He begs to hold her tight;  
But no she won't agree.  
Ciribiribin,  
She throws a rose and blows;  
A kiss from up above.  
Ciribiribin, Ciribiribin!  
Ciribiribin, Ciribiribin!  
They're so in love.



... "E o Faraó vestiu José com roupas de Puro Linho"



COMO suprema honraria, "Faraó vestiu José com roupas de puro linho" (Gênesis XLI-42) para comemorar a interpretação do sonho das vacas gordas e magras. Encontramos na Bíblia inúmeras referências a "roupas de linho inconsútil", testemunho da importância que os egípcios emprestavam à fiação e à tecelagem do linho. Pliny conta que a túnica do Rei Amrasis I possuía 365 fibras distintas.

Embora os egípcios tenham sido hábeis fiadores e tecelões, não podem ser comparados aos teares da indústria moderna e aos padrões de uniformidade e excelência estabelecidos e mantidos, por muitas gerações, pelos membros do Irish Linen Guild, cuja estampa é sua garantia de perfeição; por isso dizemos com toda sinceridade

*Exija Linho Irlandês!*

Para informações, dirija-se à

Av. Rio Branco, 4-13.º - Tel. 23-2030 - Rio de Janeiro

**The Irish Linen Guild.**  
BELFAST



DRAPEADOS E FRANZIDOS





AQUI têm vocês duas salas moderníssimas e originais. A primeira, é drapeada na frente, e o drapeado é todo "apanhado" de um lado só. A segunda é lisa na frente, franzida atrás com uma dobra saliente. Os dois modelos são executados em crepe de seda preto.

Nem se pergunta\*



só uso Kolynos!

diz

Anne Jeffreys

famosa estrela da RKO RADIO PICTURES que aparece em "TRAIL STREET"

E é muito natural! Este creme dental concentrado tem uma ação rápida, suave e profunda. Basta um centímetro de Kolynos sobre a escova seca: sua abundante e agradável espuma penetra por toda parte e deixa na boca uma deliciosa sensação de saúde e frescor. Kolynos é o preferido das atrizes mais exigentes porque...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,  
mostrando dentes divinos.

não se esqueça do dentista,  
nem se esqueça de Kolynos!



\* Faça como eu:

Use Kolynos duas vezes por dia



K-412 F-H

McCann



freu, com êxito, a verificação experimental de sábios psicólogos e fisiólogos, como Charles Richet, H. Ferrari, J. Héricourt, Alfred Binet, Emile Borel, e muitos outros. Entre os processos a que puseram à prova a grafologia, um dos mais interessantes foi o da

#### SUGESTÃO HIPNOTICA

Se as características da escrita — dizem os sábios acima citados — dependem, efetivamente, dos estados de consciência e personalidade, a cada personalidade diferente deve corresponder uma grafia diferente. Os resultados das experiências confirmaram a hipótese. Para a prova serviram-se da sugestão hipnótica. Mergulhados nos estados de sono e de vigília sonambúlica, foram sugestionados vários indivíduos, que desconheciam completamente o que era grafologia e hipnotismo e aos quais se fez crer, sucessivamente, que eram personalidades diversas; primeiro, um roceiro; depois, um avaro, um ancião, um invertido sexual, etc. Deu-se-lhes

uma caneta e ordenou-se-lhes que escrevessem. Verificou-se então, que, a medida que os pacientes mudavam a personalidade sub-consciente, sugestionados pelo hipnotismo, sua grafia mudava instantaneamente, acompanhando as características das personalidades sugeridas. Estava, pois, provada experimentalmente a nova ciência e plenamente aprovada. O dr. Maurice Légrain, catedrático da Faculdade de Medicina de Paris, afirma textualmente, com sua autoridade de médico e psicólogo: "a escrita permite prognósticos e diagnósticos. Tenho recorrido sempre com êxito, na minha clínica, à grafologia."

#### QUANDO AS APARENCIAS ENGANAM...

O caso que vamos relatar, igual a tantos outros, verídico da primeira à última palavra, demonstra a ajuda eficaz da grafologia na investigação criminal, sobretudo quando todas as aparências apontam como culpado uma determinada pessoa. E essas aparências podem en-

ganar muito... O caso é o seguinte. Mês atrás, verificou-se um roubo de certa importância na fábrica do industrial Alfredo Bassoul. O ladrão arrebatou, durante a noite, o cofre do escritório e de lá surripiara a importância de dez mil cruzeiros. Não havia sinal de violência em parte alguma. A porta do departamento contábil, onde se encontrava o cofre, tinha fechadura de segredo. Tanto essa fechadura como a combinação secreta do cofre tinham sido utilizadas pelo ladrão, o que demonstrava ser esse alguém de muita confiança e familiarizado com os segredos da firma. O cão-vigia não ladrara durante a noite, mas um detalhe que fazia crer ser o larápio pessoa, além de conhecida do cão policial, sabedora de todos os pormenores do escritório. Um dos empregados da firma, infelizmente, reunia todas essas possibilidades. Conhecia o segredo das duas fechaduras, dormia em uma dependência da fábrica, fora quem arranjara o cão-de-guarda e, como peso na balança de suas infelicidades, era um

**CABELOS BRANCOS?**  
**LOCÃO**  
*Brilhante*

ex-condenado por furto e crime de morte. Aparentando se ter regenerado, obtivera confiança do novo patrão, como estímulo. Um dia antes do roubo não aparecera na fábrica e, dois dias depois, viera com terno novo, descendo de taxi e gastando dinheiro a rúdo.

Nesse mesmo dia, o diretor reuniu todos os empregados e, após lhes ter comunicado o furto, pediu o arrependimento do insensato, pois estava disposto a perdoar a falta, sem tomar nenhuma represália. O ex-condenado sentiu-se alvo dos olhares de todos os operários, que esperavam dele a confissão. Quem senão ele poderia ter cometido um roubo tão perfeito? E ainda mais um ex-ladrão e assassino!... O pobre homem não aguentou mais a tensão e explodiu: — "Fui eu quem roubou! Foi eu!..." Parecia que o mistério estava desfeito. O confesso, desesperado, tentou, a seguir, por duas vezes, matar o gerente, que, em sua opinião, o obrigara a confessar. Levado à Polícia, negou, com surpresa geral que tivesse cometido o roubo. Confessa na fábrica para se ver livre da tensão que o esmagava. E a Polícia viu-se em palpos-de-aranha, pois daí em diante o pobre homem preferia sofrer os maiores castigos a confessar novamente. Impossibilitado de esclarecer policialmente o assunto, o senhor Alfredo Bassoul recorreu a pericia grafológica. O professor Roberto das Neves foi chamado e iniciou um metódico estudo da letra de todos os empregados da casa, mesmo dos que já ali não mais trabalhavam. Na fábrica descobriu em nove operários tendências inatas para o roubo. Separou-os e submeteu-os a um teste psico-gráfico de sua autoria. Este teste lembra um pouco o método empregado por Lew Ayres no filme "Espelho d'alma" para descobrir quem possuía tendências criminosas entre as duas irmãs gêmeas Ruth e Terry. Nenhum dos nove indiciados — ficou provado — cometera o roubo. Foi chamado, então, à Fábrica um ex-empregado, que dali saíra há quatro meses, e cuja escrita também o revelava como um ladrão potencial. Feito com este teste, aclarou-se o mistério. O professor Roberto das Neves acusou-o como o ladrão, sob o espanto e mesmo a dúvida dos próprios diretores. A negação veemente dos três primeiros dias, transformou-se, afinal, numa confissão completa, que ele, o verdadeiro autor do furto, prestou, depois perante a Polícia. Foi um triunfo sensacional, deixando boquiaberta a própria polícia que passou a ver no modesto professor de grafologia um autêntico Sherlock Holmes.

#### A LETRA E AS PROFISSÕES

Cada indivíduo tem, como todos sabem, os seus gestos próprios, os seus traques, a sua mímica. A mão representa um papel de relêvo na psicologia humana. Sempre que os homens não conseguem se fazer compreender por meio da linguagem, apela para os sinais das mãos. Schermann, famoso grafólogo austriaco, estudou as repercussões da profissão no grafismo, chegando a determinar, pela letra, com surpreendente rigor, o gênero de atividade de numerosos escritores. Um sapateiro, por exemplo, ao costurar a sola, coloca o braço de lado, mas, para bater, faz articular, com violência, o pulso. Do mesmo modo, ele reproduzirá o gesto de costurar, enlilhando o nome com um gancho final. Outro, encurvará as barras dos "tt" como se batesse a sola. Um alfaiate, ao costurar, faz o gesto mais docemente, mas o seu hábito de bater o ferro quente, com força, sobre a fazenda, influenciará o mecanismo de sua escrita. O marceneiro faz movimentos especiais com a sua plaina. Na escrita descreverá, de igual modo, zig-zagues chocantes. Para citar

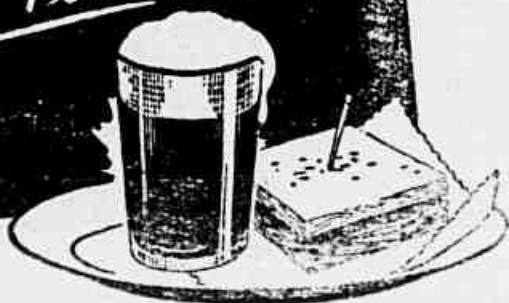
**SALVE, MEU AMOR!**  
*Que jantar de gala!...*



**Ah!... é um jantar com**  
**Malzbier da Brahma**

**COMPLETA E**  
**EQUILIBRA**

*Suas refeições*



Ninguém resiste! "Ele" também é conquistado com um jantar diferente... um jantar com Malzbier da Brahma! Além do prazer que proporciona, Malzbier da Brahma completa, equilibra e aumenta o valor nutritivo de qualquer refeição! Pela sua riqueza em malte, Malzbier da Brahma é a cerveja que compensa a falta à mesa de um ou outro alimento. É também a cerveja que entra em todos os lares devido seu baixo teor alcoólico e seu sabor inconfundível. Complete sempre seu lanche, almoço ou jantar com a deliciosa Malzbier da Brahma.



exemplos mais concretos e pessoais, vamos tomar os autógrafos de algumas personalidades conhecidas. Os aviadores portugueses Gago Coutinho e Sarmiento de Beires, dos quais o nosso entrevistado possui autógrafos, traçam, ao rubricarem os seus nomes, dois lemes perfeitos de aeroplanos. Gago Coutinho inicia o G do seu prenome com um leme perfeitamente simétrico. Na assinatura do comendador Zepelin, vê-se o contorno de um dirigível. O célebre "aviador acrobático" francês, Pégour, rubrica a sua assinatura desenhando um "looping" inimitável e ainda, uma hélice e o corpo de um avião. E assim toda a função deixa, quase sempre, no profissional, um traço característico. Para os peritos grafólogos há sempre um símbolo correspondente a ocupação do indivíduo e chega a parecer bruxaria quando um conhecedor dessa ciência, ao ler a escrita de um estranho, declara-se, convicto: — "O senhor é um jogador de futebol. Ou, então, o senhor é um estudante de botânica".

#### SENA A GRAFOLOGIA INFALIVEL?

Não, a grafologia, como qualquer outra ciência experimental, está sujeita a enganos. Seus diagnósticos podem ser inexatos, como, às vezes, também o são os da medicina. Entretanto, no diagnóstico para o julgamento psicológico — sua grande especialidade — os sintomas sobre os quais estuda e se baseia são mais objetivos, mais visíveis do que muitos usados pelos testes psíquicos. Algumas pessoas objetarão: — "Como pode a grafologia julgar as pessoas que têm vários tipos de escrita?" A esta pergunta o método grafológico responde: — "Uma escrita inconstante corresponde a um caráter inconstante." Por outro lado a correlação entre as características gráficas e a qualidade psicológica que lhes é atribuída pela grafologia foi realizada por grandes observadores, durante anos consecutivos, aproveitando dados fornecidos pela fisiologia e psicologia. Ciência como é, continua em evolução, aproveitando as conquistas que as ciências correlatas lhe fornecem dia a dia.

#### COMO TORNAR-SE UM GRAFOLOGO

O professor Roberto das Neves, pouco depois de haver fundado o Instituto de Pesquisas Grafológicas do Rio de Janeiro, abriu nesta cidade o primeiro curso de grafologia, que funcionou, como o atual, na Associação Cristã de Moços.

Tendo sido a sua abertura precedida de uma regular propaganda, a afluência de alunos foi enorme, mais de cem inscritos. Entretanto, ao fim do ano letivo, apenas dois alunos puderam ser aprovados. No segundo curso, aconteceu fato idêntico. Inscreveram-se novamente uma centena e chegaram ao fim do ano, aprovados, apenas três.

Muita gente, conta-nos o professor a quem estamos entrevistando, quase sem instrução, desejava aprender grafologia julgando que com alguns passes de magia pudesse apreender algum segredo oculto, e de posse desse segredo pretendiam embalsamar a meio mundo. Quando viram que do programa das aulas constava psicologia, fisiologia do sistema nervoso, caligrafia, paleografia, etc. desistiram na primeira semana. No próximo curso, que será inaugurado dentro em breve, também, na Associação Cristã, haverá um exame de seleção dos candidatos, afim de evitar os "curiosos" — como os denomina o professor Roberto das Neves.

#### QUE REVELA A LETRA DE FRANCO

O professor Roberto das Neves pontificou-se a retratar para a reportagem o caráter de algumas personalidades mundialmente conhecidas, das quais possui autógrafos diversos em seu magnífico arquivo. Escolhemos a do ditador Francisco Franco. Diz-nos o professor Roberto das Neves:

— Sua letra apresenta alguns traços grafológicos idênticos aos da letra de Mussolini. É uma escrita exagerada, ornada, super-alçada, inchada, arqueada, excessivamente lançada, com grandes movimentos, discordante, confusa, emarrachada e em laço. Para quem conhece

grafologia, tudo isto caracteriza uma personalidade, sob todos os pontos de vista, pobre, intelectualmente é um mediocre, moralmente, um inferior (exagerado, fanfarrão, mentiroso, desleal, cruel, vingativo e de um comportamento sexual suspeito), e, sob o aspecto volitivo, um homem extremamente volúvel.

#### O SENADOR GETULIO VARGAS A LUZ DA GRAFOLOGIA

— Já há alguns anos, — prossegue o nosso entrevistado — a convite da revista "Astrologia", que se publicava nesta cidade, ocupei-me, como grafólogo, do senhor Getúlio Vargas. No meu estudo apontava as qualidades e os defeitos do ex-chefe de Estado. Quando, dias depois, apareceu publicado o trabalho, verifiquei, com espanto, que tinham sido cortadas todas as minhas referências aos traços caracteriológicos negativos da personalidade do senhor Getúlio Vargas, que se apresentava aos olhos dos leitores possuidor, apenas, de boas qualidades, uma espécie de deus em miniatura. Fiquei como compreendido, indignado. Diante dos meus protestos, o diretor da revista explicou-me que o EIP não permitia publicar o meu trabalho na íntegra. Agradeço-lhe por isso, que a "REVISTA DA SEMANA" registre agora os traços caracteriológicos que foram suprimidos na referida revista.

Após essa explicação, o professor Roberto das Neves apresenta-nos o seu estudo:

— A escrita do senhor Getúlio Vargas demonstra, entre outras, as seguintes características grafométricas: contripeta, ou excessivamente prolongada para baixo, serpenteante, sinuosa, superalçada e em arco. Veja-se como o senhor Getúlio Vargas desenha, com a barra do "t" uma ponte, ou um arco que une o "i" de "Getúlio" ao "v" de "Vargas". Outro arco, o traçado pela asa do "v". As interessantes observações que Freud e seus discípulos, Adler e Jung, principalmente, efetuaram à luz comum da grafologia e da psicanálise, sobre a escrita de numerosos neuróticos, considerando-a como reflexo do seu subconsciente, permite-nos concluir que o sr. Getúlio Vargas sofre do terrível "complexo" — chamemo-lo assim — do poder. É um "glorioso" a quem o subconsciente leva a construir constantemente arcos-de-triunfo, sob os quais desfilaria passar como um Napoleão. A esta ambição, a que Camões, no episódio do velho do Restelo, nas "Lusiadas", chamou de "vã cobiça" — tudo é capaz de sacrificar a comodidade pessoal, convicções e até a honra. Por outro lado, sua escrita sinuosa e serpenteante, não espelha grande firmeza de caráter, mas pelo contrário. Em resumo: o senhor Getúlio Vargas é um "glorioso", a quem a mania do mundo, casada com um caráter pouco rígido, torna um maquiavélico.

#### QUEM É O SENHOR ARTHUR BERNARDES

Continuando o estudo sobre o caráter de personalidades brasileiras, o entrevistado, a nosso pedido, faz, a seguir, o estudo grafológico da personalidade do atual deputado Arthur Bernardes, ex-presidente eleito da República.

Esclarece, preliminarmente, o grafólogo: — O grafólogo não pode deixar-se dominar por paixões de qualquer natureza. Os juízos aqui formulados são, por isso, frios, serenos, objetivos, decorrendo fielmente das características grafométricas e das suas correspondentes psicológicas. A escrita do senhor Arthur Bernardes (relevo-me a que tenho presente, uma carta que recebi, em 1942, do antigo chefe de Estado brasileiro, por não conhecer a da época em que foi presidente da República, mas creio que não tenha variado muito), é angulosa, clara, sóbria, muito inclinada para a direita, rígida e horizontal. Essas características permitem ao grafólogo definir o senhor Artur Bernardes como um indivíduo de inteligência mediana, apaixonado até o fanatismo e o despotismo na defesa intransigente dos seus pontos de vista. É de uma parcimônia nos gastos que toca as regras do "pão-duro".

## DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA?

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparência digestiva e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

### DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Goes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

PÓ DE ARROZ

# ANTHÉA



nos deliciosos perfumes:

HELIOTROPE  
VIOLETA CRAVO

apresenta-se em 6 tonalidades:

BLANCHE - RACHÉL  
OCRE - NATURELLE  
ROSES - PÊCHE

## ROGER & GALLET

PARIS - RIO

## COM 1947 CHEGOU O NOVO

CONJUNTO  
TIPO AMERICANO  
PARA COPA E COZINHA



INDÚSTRIAS  
NEVE LTDA.

Rua Rosa e Silva, 74 — Fones: 5-111 e 5-1322 — São Paulo

"Vendas e Exposição no Rio de Janeiro"

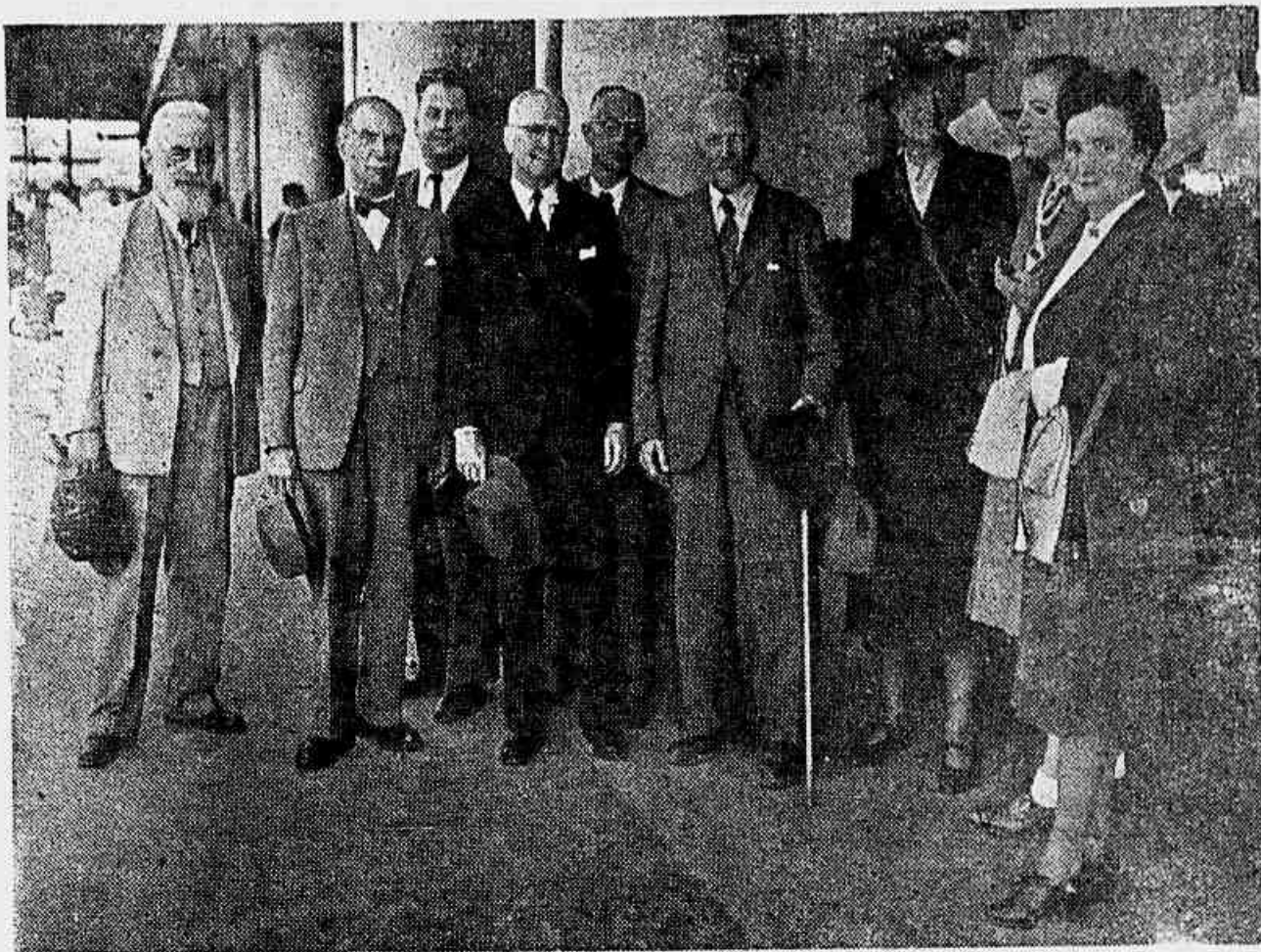
LOJAS MURRAY S/A — Rua Rodrigo Silva, 18  
CIA. AUTO-LUX IMPORTADORA — Av. Copacabana 218-A

"ÚNICO REPRESENTANTE — A. BLUM SOBRINHO. Tel. 43-6824"

★ Para a beleza, a comodidade e a economia de sua residência. O novo tipo KITNEVE apresenta melhoramentos valiosos e moderníssimos. Consulte-nos sem compromisso, para detalhes.



## A VIAGEM DO BANQUEIRO JACQUES FERAY



O ilustre presidente da "Caisse Générale de Prêts Fonciers et Industriels", de Paris, monsieur JACQUES FERAY, chegou ao nosso país, pelo "Campana", em viagem de negócios e num avião da VASP partiu para São Paulo, em inspeção dos importantes negócios bancários que a sua poderosa empresa mantém na capital paulista. A fotografia supra é um aspecto do desembarque de Mr. JACQUES FERAY no Aeroporto de Congonhas. Vemos, da esquerda para a direita: — o dr. Felix Hegg, professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e diretor da Companhia Fiação e Tecidos São Bento; o dr. Maurice Lemolein, diretor geral da Caixa Geral de Empréstimos e presidente da Companhia Fiação e Tecidos São Bento; o ilustre viajante dr. Jacques Feray, presidente da CAISSE GÉNÉRALE DE PRETS FONCIERS ET INDUSTRIELS de Paris, sua excelentíssima senhora e sua gentil filha; e dona Martha Demolein, esposa do dr. Maurice Demolein. Em plano posterior vêm-se o dr. Pierre Lapp, técnico da Companhia Fiação e Tecidos S. Bento, e o sr. Paulo Tomassini, chefe dos Escritórios da Caixa Geral de Empréstimos e procurador da Companhia Fiação e Tecidos São Bento.

Empresta-se invulgar importância à proveitosa viagem de Mr. JACQUES FERAY, personalidade de grande influência nos meios bancários europeus e americanos.

mo", porém, é de um caráter íntegro, de uma rigidez moral rara, de uma honestidade à prova de todos os artifícios da corrupção. Seu aspecto moral é o traço mais notável, verdadeiramente superior, de sua personalidade.

A reportagem insistiu para que o professor Roberto das Neves dissesse alguma coisa sobre os governantes atuais, cujos autógrafos vimos em seu arquivo. O nosso entrevistado, entretanto, recusou-se, alegando que poderia ser acusado de parcialidade, louvaminho ou paixão política.

## A vida de Asoka

(Cont. da pág. 48)

go, Asoka transformou-o de seita indiana em religião mundial. As palavras de Asoka são apenas uma outra expressão da verdade universal, tal como foi exposta por Zoroastro, Isaías, Jesus, Maomé, Bahá Ullah, — por todos os grandes profetas das grandes religiões. Linguas diferentes que exprimem uma única verdade — a fraternidade universal.

## O MONUMENTO

(Cont. do núm. ant.)

Foi necessário abandonar a idéia. Voltou novamente à voga o nome do padre Xavier, mas que foi combatido, e apareceu logo, vitorioso, o nome de Garibaldi, não tanto para fazer desfeita ao professor Bezerras, mas porque vieram a

saber que um escultorzinho de uma cidade perto da Capital, que se chamava Felix, tinha um de pedra clara, que podia vender-lhes, meio colocado, por trinta e cinco mil réis. Isto quando o dinheiro já estivesse entregue pela comissão ao artista.

— Colocá-lo-emos na casa do João Tempestade.

— Sim! eu vou deixar furar o muro. Quanto me pagais? — respondeu o Tempestade quando a comissão chefiada pelo secretário, foi dar-lhe a notícia.

— E então na praça! na loja do Quebrapíres.

— Eu, vós o sabeis, não sou capaz de fazer mal nem a uma mosca, resmungou de cara fechada, o Quebrapíres quando o soube, mas se qualquer um desses palhaços, se atrever a dizer-me, com o primeiro ponta-pé o faço cavalheiro, com o segundo oficial, com o terceiro...

Depois de um violento protesto no qual tocaram de leve também nos habitantes de Taquaral-Mirim, a comissão se desfez, e, por unanimidade, decidiu gastar os trinta e cinco cruzeiros em uma cela, mandando aos quintos todos que, por filantropia ou patriotismo se ocupam a fazer bem a própria cidade.

— Uma apetitosa cela no "José do Corno Dourado"! e esta é a minuta! Belmiro (era o empregado do guarda-livros Malaquias) leve-a e diga-lhe que, esta noite, às nove, estaremos lá.

Belmiro voltou pouco depois, dizendo que estava tudo bem e que, às nove, lá poderiam estar. Mas, meia hora depois,



## Defenda-se da PIORRÉIA

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se nota que as gengivas sangram ao escovar os dentes... se as tem moles e sensíveis — defenda-se da Piorréia! São sinais de alarme desta terrível enfermidade — que mina as gengivas e afrouxa os dentes.

Defenda-se da Piorréia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorréia. Exames clínicos recentes demonstram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram uma surpreendente melhora com apenas um mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista com frequência e siga os conselhos dele. E para o embelezamento dos dentes e a saúde e vigor das gengivas — comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com Forhan's



## IMPRESSONANDO OS MEIOS CIENTÍFICOS DO PAÍS! EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquirir nas farmácias ou drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso, CAIXA POSTAL N.º 2335 Rio de Janeiro

"José do Corno Dourado", o qual fazia melhor as contas, mandou um rapaz dizer ao presidente, que reduzissem a minuta e aumentassem o dinheiro porque ele, por trinta e cinco cruzeiros, não podia dar tanta comida.

**ÁGUA INGLESA**  
GRANADO  
TÔNICA E APERITIVA  
NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

Senhoras!  
Se a Natureza Falha  
**MENAGOL**  
REGULA!

## A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de se bonita. Hoje em dia não é feio quem quer. É a verdade. Os grandes protetores da pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alicia "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alicia "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperidades e a tendência para pigmentação.

O vício, o brilho de uma pele viva e radiante volta a imperar com o uso do Creme de Alicia "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim e Freitas.

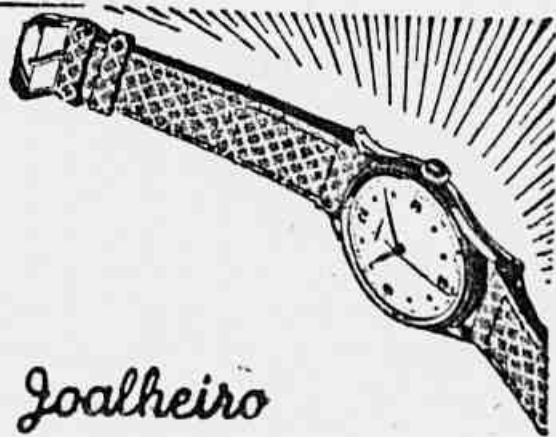
**CABELLOS BRANCOS**

CASPA  
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE  
ALEXANDRE

Jóias e Relógios  
Preços de Atacado

Manoel Salgado Joalheiro



R. Visc. do Rio Branco, 29 - 1.º and 5/4 Tel. 22-9741





MANTENHA A DISTINÇÃO  
DO SEU LAR, COM  
SEUS MOVEIS LIMPOS  
E BEM CUIDADOS

*Óleo de peroba*  
**O RENOVADOR  
DOS MÓVEIS**

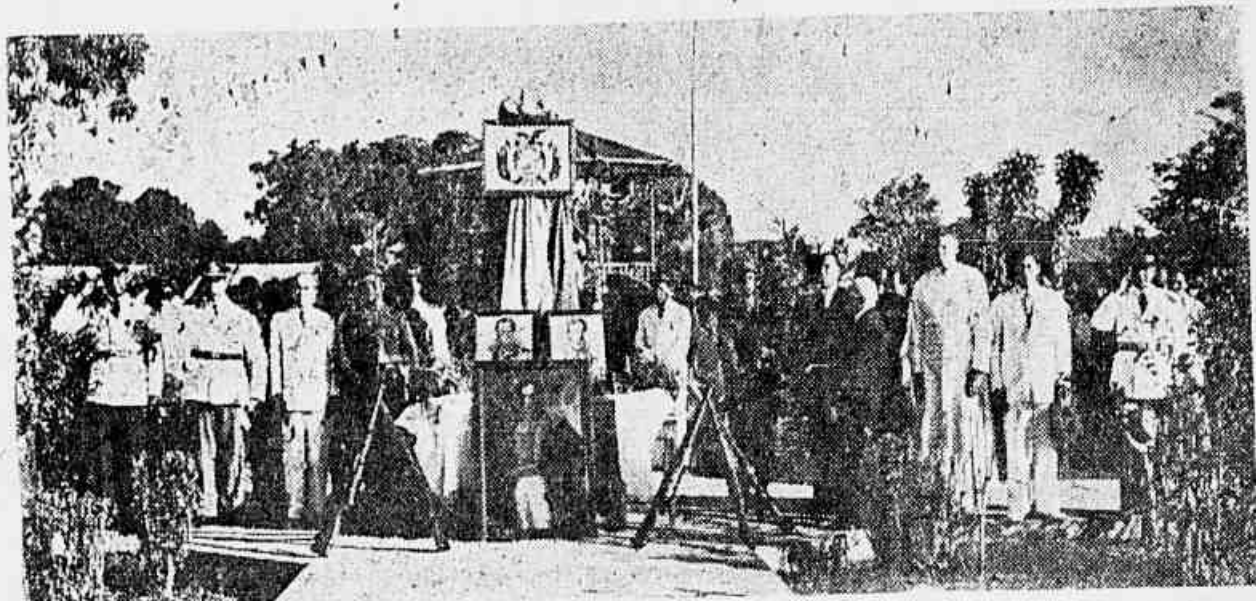
**Petrolina**

antisséptico.  
adstringente  
bactericida

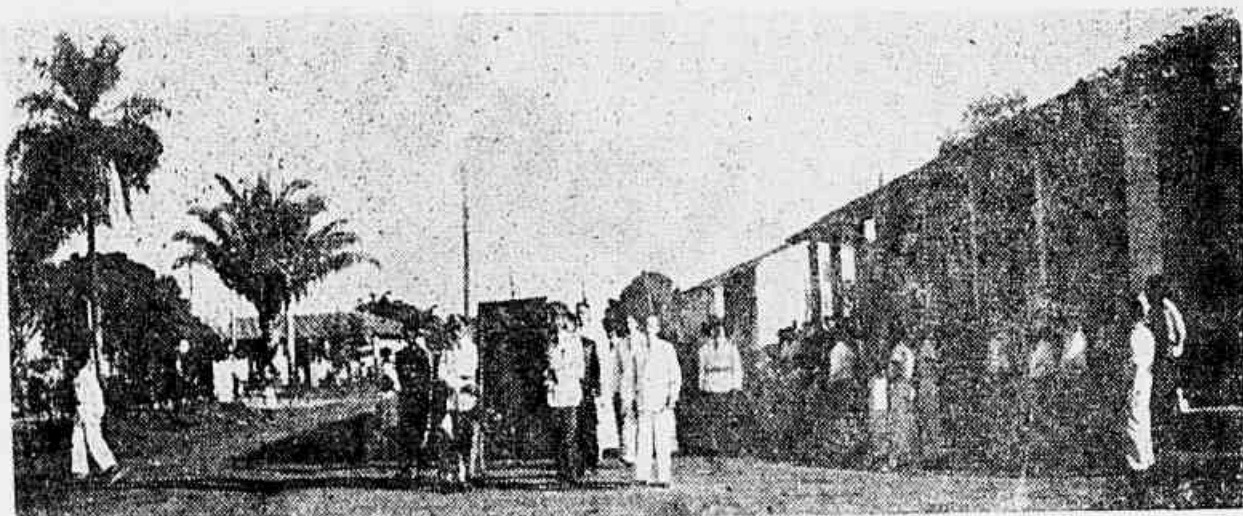
O produto preferido pelas  
senhoras modernas para a  
sua HIGIENE INTIMA.

## VISITA DO GOVERNADOR 'DO GUAPORÉ' A RIBERALTA (BOLÍVIA)

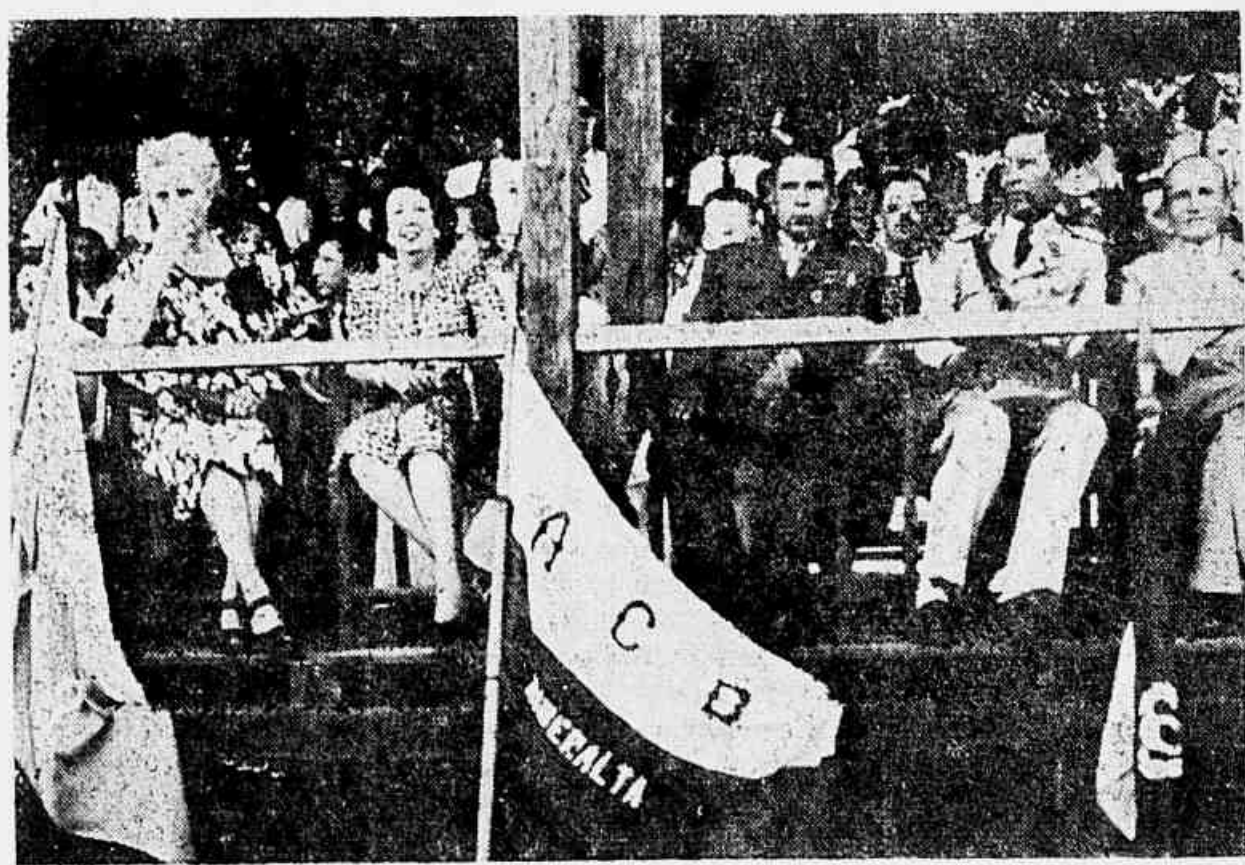
A convite das autoridades bolivianas, o Ten. Cel. Joaquim Rondon, Governador do Território do Guaporé, visitou a cidade de Riberalta, no vale do rio Beni, por ocasião dos festejos comemorativos da data da Independência da Bolívia (6 de agosto). Acompanhou o governador uma delegação desportiva do Território do Guaporé.



Aspecto tomado por ocasião da cerimônia cívica junto ao "Altar da Pátria", vendo-se o Ten. Cel. Joaquim Rondon ao lado do Cel. D. Rodolfo Flores, comandante da Região Militar N.º 6, e do Cel. Joaquim Cesário da Silva, secretário geral interino, do Território do Guaporé.



Aspecto da procissão cívica, vendo-se o Ten. Cel. Joaquim Rondon ao lado do Cel. D. Rodolfo Flores, comandante da Região Militar N.º 6, conduzindo o quadro do libertador Simón Bolívar.



Aspecto tomado por ocasião da partida de football entre o seleccionado da Federação Desportiva do Guaporé e da Federação de Riberalta. Resultado: 1.º jogo — Brasil, 2; Bolívia 3. 2.º jogo — Brasil 1; Bolívia 1.



O "team" do Seleccionado Guaporé, no gramado do Riberalta.



**PRÍNCIPE DE GALLES**

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

**Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL**

*Corta os resfriados*

**Instantina**

*Alivia as dores*

BAYER

## POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro tesouro!*



**PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

**NUNCA EXISTIU IGUAL**

## A OBRA SINGULAR DE UMA...

(Cont. da pág. 33)

Raízes protuberantes foram esculpidas à semelhança de focinhos de "wombatos"; uma protuberância arredondada tornou-se o corpo gordinho e peludo dum "koala"; aqui o kangurú pula e ali a ema corre. O "kookaburra" levanta o bico para emitir seu grito selvagem. De cada canto, de cada fenda espreitam insetos alados, saltam sapos, pássaros, cobras e todas as criaturas da selva australiana, em torno das quais os aborígenes do mais velho continente teceram suas lendas, há muitos séculos atrás.

Ao lado desses animais há duendes alados, gnomos de capuz pontudo, fadas delicadas; todos parecendo sair da árvore tal foram a perícia e cuidado amoroso com que foram esculpidos. Miss Cohn passou três anos de árduo trabalho para terminar a escultura, muitas vezes agachada no chão ou sentada no topo duma escada. Foi picada por abelhas que tinham a colmeia no tronco, por mosquitos e outros insetos, assim como importunada pelas perguntas de espectadores curiosos. Miss Cohn tinha a esperança de criar um mundo feérico em torno do qual os escritores australianos do futuro teceriam seus contos. Ela mesma escreveu dois livros, "A Árvore das Fadas" e "Algo mais acerca da árvore das fadas", nos quais narra as façanhas do herói "Coração Forte", da "Princesa dos Lábios Sorridentes" e de outras personagens que lhe sugeriram histórias enquanto as esculpia. Seu livro foi adaptado ao palco, e a peça extraída dele foi representada por escolares, em Adelaide; muitas outras poesias e histórias foram inspiradas por seus caracteres. No jardim luxuriante de sua moradia em East Melbourne, ao lado da estrebaria que converteu em espaço estúdio, acha-se uma figurinha travessa do tamanho duma criança. É "Coração Forte", o herói da "Árvore das Fadas".

Um dia, seu vulto verde de duende erguer-se-á no meio de rochedos, samambaias e folhagens, como peça central dum penhasco que Miss Cohn planeja construir em sua volta.

Miss Cohn nasceu na cidade mineira de Bendigo, com milhas ao norte de Melbourne. Seu pai estabeleceu-se naquele centro numa época ruidosa, em torno de 1850, e foi ele quem construiu a primeira casa da cidade.

A força e vigor do pai pioneiro ainda são visíveis nas obras da filha.

## UM PASSEIO ATRAVÉS DO MUSEU GRÉVIN

(Cont. da pág. 31)

Tussand", em Londres ou o célebre "Museu Grévin", em Paris.

O último abriu as suas portas no Boulevard Montmartre em 1882 — em plena época naturalista. Os romances de Zola, com as suas imagens violentas e cruas, estavam na moda. Então, Monsieur Grévin, o fundador do museu, que imaginava ser um artista, pensou em obter um grande sucesso com as suas figuras de cera que eram, sem dúvida, naturalísticas, mas de modo algum eram artísticas. Não se enganou no que se refere ao sucesso. Era de certo ponto de vista um novato. Foi ele quem imaginou uma espécie de precursor do Pathé-Journal" cinematográfico, representando acontecimentos da atualidade e o primeiro desses acontecimentos exibidos foi seu "atelier", com o próprio Monsieur Grévin no centro, rodeado de conhecidos artistas e escritores. Um dos seus grupos de cera que suscitaram muita admiração na época foi o de Gambetta, o grande tribuno francês, pronunciando um discurso na Câmara dos Deputados, ao lado dos mais conhecidos deputados, também de cera.

Em 1881 foi assassinado em São Petersburgo, o czar

Alexandre II. Foi o primeiro aparecimento do terrorismo político no palco europeu. Esse acontecimento, que impressionou muito vivamente a opinião pública, foi logo aproveitado pelo engenhoso Monsieur Grévin, que mandou armar um grande grupo representando os funerais do Czar de todas as Rússias. Depois vieram os tempos da lua de mel da aliança franco-russa. Apareceu sem perda de tempo uma nova composição: a coroação do czar Nicolau II (1896).

Simultaneamente continuava a ser formada a série mais importante dos quadros históricos: a revolução com as imagens do trágico destino da família real, a época napoleônica com o célebre grupo da festa na Malmaison, a vida do prisioneiro de Santa Helena, e tantos outros — até chegar aos dias da atualidade, completando assim a história escrita em cera, de nossos tempos.

Fora deste aspecto puramente documentário há outro aspecto que se desprende dessas salas cheias de recordações, o caráter alucinante de estalactites históricas, de personagens petrificados, alguns dos quais estão ainda vivos.

As reportagens sob a forma de figuras de cera sobre os acontecimentos da atualidade transformam-se em passado, se tornam história, misturando-se com ela num conjunto surrealista e fantástico: "fuga temporum".

E esta impressão do "tempo que corre, que quer colher uma moça bonita vestida de Musa romântica, passeando, sozinha, com as sombras do passado e do presente, pelas salas desertas do Museu Grévin.

## Uma catástrofe

(Cont. da pág. 29)

gro e nodoso percorreu o pequeno calendário colorido, engenhoso reclame do algodão incomparável, fabricado por Clach e C<sup>a</sup>.

— Um, dois, três... Três semanas e um dia, disse consigo Winslow, com os olhos fixos. Março! Mais do que três semanas e um dia... Não é possível!

— O chá está pronto! anunciou a Sra. Winslow abrindo a porta envidraçada, com cortinas brancas, que comunicava com a sala.

— Um minuto, respondeu o negociante, e voltou a chapear na fechadura da escrivaninha.

Nesse momento entrou ruidosamente um senhor idoso e rabugento, de rosto iracundo e vermelho, e envolto em

## REGULADOR XAVIER

*\* O remédio de confiança da mulher \**

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:



N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias  
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras



uma manta forrada de peles. A esposa de Winslow de-  
pareceu.

— Uff! exclamou o freguês. Um lenço.

— Muito bem, meu senhor. De que preço deseja o  
senhor o lenço?

— Ora! um lenço, despache-se!

Winslow ficou completamente esbaforido. Ele puxou  
duas caixas.

— Aqui tem, senhor.

— Os seus lenços são de folha, disse o senhor idoso,  
referindo-se ao acondicionamento dos mesmos. Como  
se há de limpar com isto o nariz?

— Talvez queira um lenço de algodão?

— Qual é o preço disto?

— Setenta e cinco centimos. Não deseja mais nada  
meu senhor? gravatas, suspensórios...

— Vá para o diabo! disse o velho metendo a mão no  
bolso e tirando um escudo.

Winslow procurava em volta de si o seu livrinho de  
caixa, que ele deixava por toda a parte, quando encon-  
trou o olhar do senhor idoso. Este foi direito à escri-  
vaninha e tirou o seu tróco, sem dissimular o seu des-  
dém pelos costumes rotineiros daquela loja.

Winslow ficava sempre um tanto reanimado com a  
entrada de um freguês. Mas a gaveta aberta renovou  
as suas inquietações. Todavia elas não lhe voltaram re-  
pentinamente. Chegou-lhe aos ouvidos o som de umas  
pancadas dadas com a unha sobre o vidro da porta e,  
levantando a cabeça, ele viu por cima da cortina os  
olhos de sua esposa. Deparava-se-lhe um refúgio, fe-  
chou a escrivaninha, deu uma volta à chave e entrou na  
saleta para tomar chá.

Não obstante, estava preocupado. Três semanas e um  
dia! Contra o costume, comeu com vontade as fatias de  
pão com manteiga e ficou a olhar fixamente para o pra-  
tinho dos doces. Minnie esforçava-se por encetar a  
conversação; ele, porém, respondia-lhe com ar distraído.  
As sombras de Helter, de Skelter, e de Grab surgiam da  
mesa do chá. Ele estava a tratar com a idêa completa-  
mente recente da próxima falência, da liquidação, idêa  
essa que se avolumava, que tomava corpo, e que o cons-  
trangimento dos dias precedentes mal lhe deixara entre-  
ver. Presentemente aquilo era, sem contradição, um fa-  
to concreto; havia ainda no banco trinta e nove libras  
e, dali a três semanas, Helter, Skelter e Grab, reclama-  
riam oitocentas!

Depois do chá, chegaram uns dois fregueses: peque-  
nas compras, alguns metros de musselina e de bandi-  
lha, uns aventais, cadarço e um par de meias. Compre-  
endendo então que o Atroz Desassossêgo estava de em-  
boscada e ameaçador pelos cantos da loja, Winslow acen-  
deu muito cedo as três lâmpadas e principiou a dobrar  
as peças de chita; trabalho material, exigindo inais es-  
forço físico do que reflexão. Ele via a sombra de Min-  
nie mover-se de um para outro lado na sala próxima,  
estava ocupada a reformar um vestido velho. Ele foi dar  
um giro depois do jantar; de passagem olhou para o  
interior do círculo, mas não viu ninguém com quem  
pudesse palear; finalmente, regressou à casa para deli-  
tar-se. Minnie estava já na cama. Ali também o esperava  
o inimigo, que o assediou de tal modo que, pela meia-  
noite, já o sono tinha fugido; espreitava-o incessante o  
Atroz Desassossêgo.

Ultimamente, tinha ele já passado uma ou duas no-  
ites naquela companhia; mas nessa noite ela foi bas-  
tante pior. Primeiramente apresentaram-se-lhe Helter,  
Skelter e Grab com a sua conta de oitenta libras; uma  
soma enorme para quem principiou com cento e seten-  
ta libras de capital! Ele batia no ar com as mãos enfra-  
quecidas, em busca de um expediente qualquer. Se fi-  
zesse uma venda, se saldasse as suas mercadorias, fosse  
por que preço fosse? E esforçava-se por imaginar uma  
venda de resultados tão maravilhosos quanto inespera-  
dos, e um pouco vantajosa, apesar do desconto conside-  
rável. Mas, então, a casa Bandersnatch (101, 102, 103,  
105, 106, 107, Grande-Rua) se reunia aos sitiantes; ele  
via-lhe a longa fachada, o imenso frontispício daquele  
armazem, onde os artigos eram vendidos com um cênti-  
mo apenas de lucro. Qual o meio de lutar contra seme-  
lhante estabelecimento? Demais, que é que ele mesmo  
tinha para vender? E principiou a fazer o inventário das  
suas mercadorias. Que é que podia pôr em linha para  
atrair a venda? Imediatamente se lhe apresentaram à  
mente as peças de cretone amarelo e preto com uma flor  
de um verde azulado; depois aqueles tecidos desbotados,  
as chitas preparadas, as raras amostras de armarinho,  
algumas luvas de quatro botões, vindas de uma fábrica  
de segunda ordem, — em suma, um fundo que não dei-  
xava esperança alguma. E eis aí, entretanto, quais eram  
os seus recursos contra Bandersnatch, Helter, Skelter e  
Grab e a multidão que se lhes havia de seguir. Como  
tinha podido acreditar que um freguês compraria jamais  
semelhantes velharias? Repentinamente, compreendeu

## Porque

V. S. deve possuir títulos da

# SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO, S. A.

DADOS EXTRAÍDOS DO RELATÓRIO-BALANÇO DE 1946

|                                                                                 | Cr\$             |
|---------------------------------------------------------------------------------|------------------|
| Pagamentos aos portadores de títulos, por {                                     |                  |
| Sorteios, Resgates e Distribuição de Lucros {                                   |                  |
| Reservas Matemáticas {                                                          |                  |
| Ativo Real da Companhia em 31 de Dezembro de 1946                               | 861.857.847,00   |
| Valor dos títulos emitidos {                                                    |                  |
| Sómente em 1946                                                                 | 3.006.560.000,00 |
| Desde o início das operações da Companhia, e em vigor em 31 de Dezembro de 1946 | 9.946.775.000,00 |

### APLICAÇÃO DOS VALORES DO ATIVO

|                                                                                    | Cr\$           |
|------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| Apólices da Dívida Pública e outros títulos de Renda                               | 216.666.218,60 |
| Empréstimos sobre hipotecas, títulos da Companhia e outros va-<br>lores garantidos | 441.323.336,00 |
| Imóvel em centros de grande valorização                                            | 167.315.842,80 |
| Imóvel em centros de grande valorização                                            | 14.769.077,70  |
| Dinheiro em Banco e em Caixa                                                       | 21.783.371,90  |
| Outros valores                                                                     | 861.857.847,00 |

Siga o exemplo  
de Mais de Meio Milhão de  
portadores, que mantêm  
em vigor os títulos da  
economia emitidos pelo

### PROGRESSÃO DO ATIVO NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

|      |                     |
|------|---------------------|
| 1942 | Cr\$ 408.871.911,60 |
| 1943 | Cr\$ 503.906.310,00 |
| 1944 | Cr\$ 625.203.197,40 |
| 1945 | Cr\$ 740.617.494,40 |
| 1946 | Cr\$ 861.857.847,00 |

# SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO, S. A.

Sede Social: - Rua da Alfândega, 41 - Rio de Janeiro

SUCURSAIS, ESCRITÓRIOS E



AGENTES EM TODO O BRASIL

A intensidade do seu ódio para com os vendedores de  
Helter, Skelter e Grab. Depois descarregou sobre si mes-  
mo toda a sorte de censuras. Tinha gasto demasiado  
na compra do seu escritório. Que necessidade tinha ele  
de uma caixa? Em um relâmpago baço de consciência e  
de sinceridade, entreviu toda a vaidade daquela caixa.  
E as lâmpadas? cinco libras! Depois, de súbito, com uma  
dôr quase física lembrou-se do aluguel.

Deu um gemido e voltou-se. Diante dele, desenhou-  
se no escuro a massa branca dos ombros da Sra. Wins-  
low. Ao vê-la, os seus pensamentos tomaram outra di-  
reção. Assaltou-o o sentimento da falta de ternura de  
Minnie. Ele estava ali, torturado pela preocupação dos  
negócios, e ela dormia como uma criança! Como lamen-  
tava tê-la desposado! A sua amargura era infinita, como  
a sente o coração humano, sobretudo nas primeiras horas  
do dia. Aquela que dormia ao seu lado não lhe era de  
nenhum socorro, antes representava um encargo, uma  
responsabilidade a mais. Que loucura casar-se! O repou-  
so tão calmo de Minnie irritava-o a tal ponto que tinha  
impetos de acordá-la e gritar-lhe: "Estamos arruinados!"  
Ela seria obrigada a voltar para a casa do tio, esse tio  
que nunca tinha existido para ele. Quanto ao seu pró-  
prio futuro, Winslow estava extremamente perplexo. Um  
simples caixeiro, uma vez que se instalou por sua conta,  
tem as maiores dificuldades em achar uma nova coloca-  
ção. Via-se mendigando novamente o seu pão, indo de  
um armazem para outro, escrevendo inúmeras cartas.  
Como ele detestava escrever cartas! "Meu senhor, tendo o  
aviso que mandastes publicar no "Mundo Cristão..."  
Deparava-se-lhe uma perspectiva sem fim de inquieta-  
ções e de decepções; e como termo, um abismo!

Winslow vestiu-se bocejando, depois desceu a abrir o  
armazem. Antes de principiar o dia, já se sentia fatiga-  
do. Quando recolhia os postigos, principiou a imaginar  
qual podia ser a utilidade do que estava fazendo. Fizes-  
se o que fizesse, o fim era inevitável. O sol entrava a jor-  
ros pela loja e traía a velhice, a rusticidade e o mau  
estado do assoalho, bem como a aparência pobre do bal-  
cão, comprado em segunda mão, e o fracasso iminente  
de todo o negócio. E dizer que, havia seis meses, ele  
sonhava com um pequeno armazem catita, um lar feliz,  
e almejava lucros modestos, mas compensadores, a cal-

rem-lhe na caixa. Eis senão quando, inopinadamente,  
ele acordava daquele sonho! A trança de que era guar-  
necida a sua roupa preta, um pouco flutuante, prendeu-  
se no trinco da porta e rasgou-se. Este acidente mudou  
bruscamente em cólera o seu mau humor. Quedou-se  
um minuto, trêmulo de indignação, depois, com a mão,  
descosou mais a trança e foi ter com Minnie.

— Aqui está, disse ele, no tom das censuras acrimo-  
niasas, veja isto! Uma mulher deve cuidar melhor de  
seu marido.

— Eu não tinha visto que estava rasgado.

— E' sempre assim, continuou Winslow com grande  
injustiça. Depois, é muito tarde.

Minnie olhou para ele de frente.

— Si queres, vou cosê-lo imediatamente.

— Vamos almoçar primeiro. As coisas devem ser fei-  
tas a seu tempo.

Durante o almoço ele se conservou preocupado e Min-  
nie observou-o com ansiedade. Ele só falou para decla-  
rar que não prestava o ovo que lhe tinha sido servido.  
Aquele ovo não estava mau; cheirava um pouco (pude-  
ra! quinze por vinte e cinco soldos!) mas estava bastan-  
te comível. Winslow repeliu o prato para longe de si  
depois, tendo comido uma fatia de pão com manteiga  
caiu em si e tornou a puxá-lo para junto de si.

— Meu amigo, disse Minnie, quando ele se levantou  
para voltar ao armazem, acho que não estás bom de  
saúde.

— Estou de perfeita saúde.

E deitou à mulher um olhar cheio de cólera.

— Então há qualquer outra coisa. Não é verdade que  
não estás zangado comigo, meu amigo, por causa da-  
quela borla da roupa? Dize-me o que tens. Já estavas  
assim ontem, ao chá e ao jantar. Então não pode ser  
essa a causa.

— E tenho muita razão de estar zangado

Minnie interrogava-o com o olhar.

— Oh! que foi que aconteceu?

A ocasião era demasiado propícia para que se deixas-  
se perder, e foi com uma brutalidade dramática que  
Winslow proclamou as más notícias.

— Que foi que aconteceu? disse ele. Tenho feito o que  
posso e chegamos a este estado. Af está o que aconte-

SOFRE DO FIGADO?  
TOME

**BIO-HEPAX**  
produto do laboratório da GUARAMIDINA



## ECOS DO DIA DO SOLDADO



O dr. Alberto Soares de Sampaio, agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem do Mérito, ao receber a condecoração.

Na solenidade de comemoração de aniversário do Generalíssimo Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, realizada no dia 25 de Agosto, na praça que tem o nome daquele herói nacional, com a presença de S. Excia. o general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, altas autoridades militares e civis, Missões Militares estrangeiras e representantes da imprensa, procedeu-se a condecoração das personalidades militares e civis cujos serviços prestados à Patria, o Exército reconhece e exalta.

Dentre estas figuras o Dr. Alberto Soares de Sampaio, presidente da S. A. Marvin, agraciado com as insígnias de "Cavaleiro da Ordem do Mérito Militar", em reconhecimento à patriótica colaboração prestada ao Exército pela empresa de que é Presidente, por ocasião do último conflito mundial.

Da leitura do Boletim da Ordem do Mérito Militar que condecorou aquele conhecido e dinâmico industrial, o coronel Decio Palmeiro de Escobar ressaltou os fei-

tos da empresa S. A. Marvin, com as seguintes significativas palavras:

— "O Dr. Alberto Soares de Sampaio, industrial, presidente da S. A. Marvin, desde o início da segunda Grande Guerra vem colaborando eficientemente com o Exército na satisfação de suas necessidades de material bélico. Em momento de extrema dificuldade para o país, fez instalar uma usina especializada para produções de caráter militar. Ao terminar a guerra, ampliou-a com uma excelente fábrica de estoques para munição de artilharia. Todos os seus empreendimentos foram realizados por iniciativa própria e com recursos exclusivos da sociedade. O interesse, a dedicação e dinamismo com que se votou à solução de problemas industriais de tão grande relevância para o Exército tornaram-no credor do seu reconhecimento. Patriota modelar, possui o Dr. Alberto Soares de Sampaio, além de altos atributos de industrial e técnico, dotes morais que o destacam como cidadão de escol em nosso meio social. Por tudo isso mereceu o prêmio que lhe conferiu o Governo, incluindo-o na Ordem do Mérito Militar, com o grau de "CAVALHEIRO".

ceu! Si eu não pagar oitenta libras a Helter, Skelter e Grab, de hoje a três semanas...

Uma pausa.

— ... Pois bem, seremos vendidos! vendidos! Ai está o que aconteceu, Minnie! Vendidos!

— Oh! meu amigo!

Winslow fechou violentamente a porta. Naquele momento, sentiu-se aliviado pelo menos da metade dos seus pesares. Pôs-se a espanar umas caixas que não precisavam disso, depois dobrou um cretone já perfeitamente dobrado. Sob os golpes do destino, ele era de um humor irascível. Em todo caso, não se havia de dizer que a falência tinha sido causada pela sua falta de atividade. Meu Deus! quantos arranjos, quantas combinações, quantos esforços tinha feito! Tudo isto para ter aquele resultado! Ele experimentava a terrível sensação da dúvida. De que serve? Não havia portanto uma Providência, pois existia um Bandersnatch!

Talvez fosse uma provação que Deus lhe enviava? Esta idéia impeliu-o a uma outra ordem de idéias, desta vez mais consoladoras. Durante toda a manhã, conservou a sua posição de mártir exposto aos golpes da adversidade.

Ao jantar — composto unicamente de um bolo de batatas — erguendo de improviso os olhos, ele viu que Minnie o observava. Estava pálida, com os olhos um pouco vermelhos. Ele sentiu uma forte comoção e apertou-se-lhe a garganta. Todas as suas idéias se conturbaram e tomaram de súbito um outro rumo.

Então afastou o prato e olhou fixamente para a mulher. Depois levantou-se e deu volta à mesa para se aproximar dela, que o observava. Sem dizer uma palavra, abraçou-a.

— Oh! Minnie! exclamou.

Esta compreendeu logo que era a reconciliação, e deitou-lhe os braços em volta do pescoço, ao passo que ele soluçava e derramava lágrimas.

Winslow chorava como uma criança, gemia inclinando a cabeça sobre o seu braço e dizendo-lhe que era um miserável em a ter desposado, em a ter levado para ali, que não merecia que lhe dessem o mínimo crédito; que toda a culpa era dele, que tinha tido demasiada confiança em si mesmo. E acabava a frase em um berro prolongado.

Minnie, chorando também, mas sem ruído, batia-lhe no ombro: "meu amigo", repetia ela, para lhe acalmar o desespero, para lhe aplicar os transportes. Súbito, a pequena campainha rachada ressoou no armazem. Winslow deu um salto para se erguer e conteve-se.

Em seguida e esta cena, eles voltaram ao assunto, à hora do chá, durante a cela, durante a noite, em qualquer ocasião, gravemente — sem tomarem uma conclusão — olhos quase sempre perdidos no espaço vasto mas confortados, no entanto, pela sua confiança mútua.

— Que se há de fazer? Ignoro-o completamente.

Era essa a perpétua evasiva de Winslow. Conquanto prestes a ser mãe, Minnie esforçava-se por encarar as coisas alegremente; tinha necessidade de toda a sua coragem. Depois, o tio viria talvez em seu socorro, justamente no momento crítico. Ninguém se deve mostrar muito orgulhoso. Demais, "podia, acontecer qualquer coisa" era esta a sua frase favorita.

Havia ainda alguma esperança, podia-se fazer uma venda excepcional com desconto.

Talvez, dizia Minnie, seja possível juntar umas cinquenta libras. Conhecem-te já bastante para que possas obter um pouco de crédito.

E assim se discutia. Uma vez admitida a possibilidade de um adiantamento, concedido por Helter, Skelter e Grab, renascia a coragem, na esperança de que se poderia adquirir a soma indispensável. Durante meia hora, na ocasião do chá, no dia seguinte aquele em que Winslow havia falado, eles se conservaram perfeitamente tranquilos, rindo até das suas trágicas inquietudes. Podia-se acreditar que, como ponto de partida, até vinte libras seriam o bastante. Então, não se sabe como, deram-se a esperança de obter que Helter, Skelter e Grab, consentissem em tratar com consideração um devedor em apuros, e Winslow caiu novamente no abismo do desespero.

Ele examinou a mobília, calculando o que esta poderia valer. Em todo caso, a mesa de costura estava em bom estado; depois, havia uns pratos velhos que Minnie recebera da mãe. Ocorreram-lhe à idéia vários expedientes insensatos para afastar o dia maldito. Lembrou-lhe que ouvira falar a alguém em leilões; esta palavra tomara a seus olhos qualquer coisa de tranquilizadora. Demais a mais, por que não havia ele de se dirigir aos emprestadores de fundos!

Um fato animador se produziu na tarde de quinta-feira. Uma menina entrou com uma amostra de chita e Winslow conseguiu servi-la a contento. Até então, ele nunca tinha podido achar coisa alguma no seu pobre fornecimento. Foi imediatamente comunicar o caso a Minnie. De resto, o incidente é contado ao leitor somente no intuito de impedi-lo de julgar que o céu se conservava sempre implacável.

Na manhã do dia seguinte, bem como no dia subse-

quente, após a confissão, Winslow abriu a loja um pouco tarde. Quando se passa a maior parte da noite sem dormir e sem uma esperança, que vantagem pode haver em levantar-se à hora exata? Quando, porém, na sexta-feira, ele entrou no armazem, imerso na escuridão, sucedeu um fato bastante estranho. Deparou-se-lhe o que quer que fosse no chão, uma coisa iluminada pela tenue claridade que entrava por baixo da porta, qualquer coisa branca de forma oblonga. Abaixando-se, ele apanhou um envelope com tarja de luto, no qual estava escrito o endereço de sua mulher. Com certeza era a notícia de uma morte na família, talvez o tio... Ele conhecia bem o homem para contar muito com ele. E lá se precisava arranjar um traje de luto, ir ao enterro... Brutal crueldade das pessoas que morrem! Winslow viu tudo isto em um relance (os seus pensamentos tomavam sempre uma forma sensível); tinha que comprar umas calças pretas, um crepe, umas luvas pretas, — e não havia nem um par na sua loja, — as despesas de caminho de ferro a loja fechada durante todo o dia.

— Recelo muito, Minnie, disse ele, que tenhamos más notícias.

Ela achava-se de joelhos diante do fogão, soprando o fogo. Estava com as luvas de trabalho e com o chapéu velho de palha que usava de manhã para preservar os cabelos contra a poeira. Ao senti-lo entrar, voltou-se, viu o envelope e deu um grande suspiro, contraindo os pobres lábios descorados.

— Recelo muito que seja meu tio, disse ela, pegando na carta, com os olhos muito abertos pregados no rosto de Winslow. Reconheço a letra.

— A carta traz o selo de Hull.

— De Hull?

Minnie abriu lentamente o envelope, puxou a carta, hesitou, voltou-a, viu a assinatura.

— E' de Speight.

— E o que diz ela?

Minnie principiava a ler.

Oh! exclamou ela. E, deixando cair a carta, caiu também, levando as mãos aos olhos.

Winslow precipitou-se sobre a carta.

— "Acaba de suceder um terrível acidente. A chaminé de Melchior caiu ontem, à tarde, em cheio sobre o telhado da casa de seu tio, e todos morreram; seu tio, sua prima Mary, Will e Ned, e a criada, todos enfim, todos foram esmagados e a custo poderão ser reconhecidos. Escrevo-lhe para dar-lhe parte do acontecimento, antes que o saiba pelos jornais."

A carta resvalou pelos dedos de Winslow. Ele teve que apoiar a mão sobre o fogão para não cair.

Todos morreram! E entreviu, como em uma aparição longínqua, uma fileira de sete casinhas, cada uma delas alugadas por sete shillings por semana, uma doca, as duas villas, e as ruínas — ainda aproveitáveis — da casa do velho tio.

Ele esforçava-se por sentir-se pesaroso, mas não o conseguia. Tudo aquilo tinha sido com certeza deixado à tia Minnie. Todos morreram! 7x7x52: 20, eis o que insensivelmente principiava a encher-lhe o cérebro; mas o método nunca era certo nos seus cálculos mentais; os algarismos dançavam de uma linha à outra, como as crianças quando jogam a barra. Velamos, isto perfazia 200 libras mais ou menos, ou 100 libras somente! Apunhou a carta e leu-a até o fim. "A senhora é a mais próxima parente", escrevia Spreight.

— Que coisa pavorosa! murmurou Minnie, tomada de horror, quando tornou a erguer os olhos.

Winslow olhava para ela fixamente, sacudindo a cabeça com gravidade. Mil coisas lhe passavam pelo cérebro, nenhuma porém, que, na rudez do seu espírito, lhe parecesse digna de ser expressa por meio de palavras.

— Foi Deus que assim o quis! disse ele afinal.

— Isto é uma coisa verdadeiramente horrível! respondeu Minnie. Minha tia, minha querida tia! Não! aquele pobre tio!

— Foi Deus quem assim o quis, Minnie, repetiu Winslow com unção.

Após uma longa pausa:

— Sim, continuou Minnie lentamente, com o olhar pensativo fixo sobre o envelope de luto que se retorcia dentro do fogo quase extinto. Sim, talvez fosse Deus quem assim o tivesse querido.

Olhavam-se tristemente. Cada um deles teria tido repugnância em ouvir o outro falar de herança. Ela acercou-se do fogo extinto e principiava a acender um jornal velho; sejam quais forem os nossos lutos, a vida nos reclama sempre. Winslow deu um grande suspiro e dirigiu-se sem dizer nada para a porta da rua. Quando a abriu, a claridade entrou a fluxo na escuridão da loja fechada. Brandernatch, Helter, Skelter e Grab haviam desaparecido do seu espírito, como as nuvens diante do sol nascente.

Naquele momento, ocupava-se ele em recolher os paraventos, e o mais depressa possível; na cozinha o fogo crepitava alegremente sob uma pequena caçarola que cantava; Minnie estava cozinhando dois ovos; um para si mesma por excepção, outro para o marido.

Via-se que ela estava pondo a mesa para o almoço com um certo aparato.

Tinha já passado do meio-dia e nem um nem outro havia dito uma só palavra sobre as casinhas de rendimento.





### LIVING-ROOM E SALA DE JANTAR

Reproduzimos, nesta página, dois sugestivos modelos para a decoração do seu lar.

Ao alto um "living-room" ótimo para ser aproveitado num moderno apartamento. O pequeno mobiliário é composto de duas cadeiras forradas em tecido branco e verde com encosto em capitonê, mesinhas em jacarandá, e um amplo sofá em tecido matalassê com fundo branco e ramagens coloridas. As paredes deverão ser verdes, teto branco, cortinas no mesmo tecido do sofá, e, completando a decoração, forração com passadeiras de lã cõr pérola.

Na gravura abaixo vemos uma pequena sala de jantar, construída de móveis em imbuia envernizada, de cõr preta. As cadeiras são estofadas com um tecido florido. Paredes, também verdes com teto branco, forração cõr pérola.

# Mobiliários — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS

**ASA**  
MARCA

**UNES**  
REGISTRADA

65 - RUA DE A. CARDIOCA, 67 - RIO

EM QUATRO

Por ARMANDO MIGUEIS



*Prata*



CIA DE CIGARROS

*Souza Cruz*